



Universidade Federal
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG (Campus
Sousa)**

Centro de Ciências Jurídicas e Sociais (CCJS)

Unidade Acadêmica de Direito (UAD) – Curso de Serviço Social

RAYANE ABRANTES DE SOUSA

**PEDRAS NO CAMINHO: O PAPEL DA MÍDIA NA [DES]CONSTRUÇÃO
DAS REPRESENTAÇÕES DA POPULAÇÃO DA CRACOLÂNDIA -SP PELOS
HABITANTES DA CIDADE DE SOUSA-PB**

SOUSA – PB

2023

RAYANE ABRANTES DE SOUSA

**PEDRAS NO CAMINHO: O PAPEL DA MÍDIA NA [DES]CONSTRUÇÃO
DAS REPRESENTAÇÕES DA POPULAÇÃO DA CRACOLÂNDIA -SP PELOS
HABITANTES DA CIDADE DE SOUSA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção do
título de Bacharel do Curso de Serviço Social,
do Centro de Ciências Jurídicas e Sociais da
Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Helmara Giccelli Formiga
Wanderley

SOUSA – PB

2023

S725p

Sousa, Rayane Abrantes de.

Pedras no caminho: o papel da mídia na [des]construção das representações da população da Cracolândia -SP pelos habitantes da cidade de Sousa-PB / Rayane Abrantes de Sousa. – Sousa, 2023.

93 f. :il. color.

Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, 2023.

"Orientação: Profa. Dra. Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira".

Referências.

1. Cracolândia. 2. Influência da Mídia. 3. Dependentes Químicos. I. Junqueira, Helmara Gicelli Formiga Wanderley. II. Título.

CDU 364.692:615.2:615.015.6(043)

RAYANE ABRANTES DE SOUSA

**PEDRAS NO CAMINHO: O PAPEL DA MÍDIA NA [DES]CONSTRUÇÃO
DAS REPRESENTAÇÕES DA POPULAÇÃO DA CRACOLÂNDIA -SP PELOS
HABITANTES DA CIDADE DE SOUSA-PB**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

(UFCG – Orientadora)

(UFCG – Examinador Interno Titular)

(UFCG – Examinador Interno Titular)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especial a Deus, pois, o devo a minha vida e os momentos que me proporcionou para que eu chegasse até aqui. Quero agradecer também ao meu noivo Ramon Garrido, por ter me incentivado durante todos os anos de curso, para que eu não desistisse de concluir esse ciclo tão importante na minha vida. Aos amigos que fiz durante o período do curso em especial Cleonice Peixoto e Moises Elias Casimiro, que sempre estiveram ao meu lado, a amizade de vocês ficara marcada por toda minha vida. A minha família que sempre me apoiou nos meus estudos e nas minhas escolhas, em especial minha mãe Rozelina Alecrim, quero um dia ter sua força e perseverança, pois, tenho grande admiração e gratidão por tudo que fez por mim. A todos os meus professores, que sempre estiveram presentes e solícitos para tudo durante esses cinco anos. A minha orientadora Helmara Giccelli que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar a Cracolândia na cidade de São Paulo, palco de grandes mistificações e preconceitos levantados durante os anos, assim como as pessoas que vivem no local, que em sua maioria são dependentes químicos, afastados do ceio familiar e estão à mercê dos projetos e planos do governo da cidade que, tem se mostrado omissos na resolução de um problema que afeta centenas de pessoas que também moram ao redor. O objetivo do trabalho é demonstrar como a mídia interfere e molda a mente da população sobre o que é, e o que acontece nessa região, principalmente os cidadãos da cidade de Sousa – PB, além de analisar o material que é distribuído pela mídia. Para realizar essa pesquisa se utilizou o método qualitativo e explicativo, utilizando uma revisão bibliográfica para se aprofundar no tema, além da aplicação de entrevistas aos cidadãos da cidade de Sousa, e assistentes sociais para que as respostas tivessem um teor profissional, sendo assim, foi aplicado um termo de consentimento livre esclarecido. Ao analisar os dados obtidos a partir da revisão bibliográfica se observou um enorme número de matérias disponíveis e distribuídos pelos meios de comunicação, que ao primeiro olhar podem não propagar o que realmente é a Cracolândia de fato e os motivos pelos quais fizeram as pessoas que vivem no local chegar a tal situação, nas entrevistas observou-se também uma diferença de respostas, levando o questionamento, até que ponto a mídia tem o poder de propagar e informar a verdade.

Palavras-chaves: Cracolândia; Mídia; Dependentes químicos; Assistente Social.

ABSTRACT

This currently job intends to adress Cracolândia located in São Paulo city stage of great hoax and prejudices raised durins years, as well as people who live in the neighborhood, that majority of whom are chemically dependent, away from their families, they are at mercy of project and plans from the government of that city that has been silent to solve the problem who affect hundreds of people that live around the area. The objective of the study is demonstrate how the media interfere and mould the thoughts of the people, about: What is it? What happened in the area? mainly the Sousa's-PB citizens, beyond the analysis of the material distributed by the media. To perform this reseach was used qualitative and explanatory method, using a bibliographic review to deepen in the theme beyond the application of interviews to Sousa's citizens and Social Workers to the answers have a professional tenor, therefore was applied a consent form. When analyzing the data obtained from a bibliographical review a large number of materials available and distributed by the media was observed who at a first glance can not spread what really are Cracolândia and reasons why they did the pleople who live in that place get into this situation. In the interviews it was observed diferent answers questioning the extent to which the media has the power to disseminate and inform the truth.

Key Words: cracolândia; midia; chemically dependent, social worker.

LISTA DE FIGURAS

Figuras

FIGURA 1 - CIDADE DE SÃO PAULO	31
FIGURA 2 - PRAÇA PRINCESA ISABEL.....	32
FIGURA 3 - CRUZAMENTO ENTRE AS ANEVIDAS RIO BRANCO E DUQUE DE CAXIAS	33
FIGURA 4 - DEPENDENTES QUÍMICOS NA RUA HELVÉTICA	39
FIGURA 5 - CENA DA MINISSÉRIE VERDADES SECRETAS	41
FIGURA 6 - INTERVENÇÃO POLICIAL NA PRAÇA PRINCESA ISABEL	42
FIGURA 7 - MORADORES DE RUA SE PROTEGENDO DO FRIO A CRACOLÂNDIA	45
FIGURA 8 - DISTÂNCIA ENTRE O CRATOD E A PRAÇA PRINCESA ISABEL	50
FIGURA 9 - GRÁFICO COM NÚMERO DA POPULAÇÃO DA CRACOLÂNDIA	60
FIGURA 10 - ONDE VIVIAM OS DEPENDENTES ANTES DA CRACOLÂNDIA	62
FIGURA 11 - O QUE LEVOU AOS DEPENDENTES FREQUENTAREM A REGIÃO	62
FIGURA 12 - DADOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL	64
FIGURA 13 - HISTÓRICO DE TRATAMENTOS	65
FIGURA 14 - DISTÂNCIA DE SOUSA PARA A CRACOLÂNDIA – SP	71
FIGURA 15 - 1º PARTE DO QUESTIONARIO APLICADO	90
FIGURA 16 - 2º PARTE DO QUESTIONARIO APLICADO	91
FIGURA 17 - 3º PARTE DO QUESTIONARIO APLICADO	92
FIGURA 18 - TERMO DE CONSENTIMENTO APLICADO	93

LISTA DE SIGLAS

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

CONFEN – Conselho Federal de Entorpecentes

FUNCAB – Fundo de Prevenção, Recuperação e de Combate às Drogas de Abuso

FUNAD – Fundo Nacional Antidrogas

CONAD – Conselho Nacional Antidrogas

SENAD – Secretaria Nacional Antidrogas

PNAD – Política Nacional Antidrogas

UNODC – United Nations Office on Drugs and crime

ONU – Organização das Nações Unidas

CRATOD – Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas

CENTRO POP – Centro de Referência Especializado para a População em Situação de

Rua

CREAS – Centro de Referência Especializada de Assistência Social

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

UNIAD – Unidade de Pesquisas de Álcool e Drogas

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

Sumário

INTRODUÇÃO	10
PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL.....	13
CAPÍTULO 1	15
1.1 INSERÇÃO DAS DROGAS NO MUNDO	15
1.2 Drogas no Brasil	21
1.3 Drogas em São Paulo – Surgimento da Cracolândia	30
CAPÍTULO 2	37
2.1 Os Olhares da Mídia Sobre a Cracolândia	37
2.2 A Cracolândia: por dentro das unidades de saúde	50
2.3 A Cracolândia e a Desigualdade Social	58
CAPÍTULO 3	68
3.1 O Processo de Construção da mídia na Cidade de Sousa – PB e sua Relação com a Cracolândia em SP.....	68
3.2 A Influência da Mídia na Cidade de Sousa – PB com o que acontece na Cracolândia – SP	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	85
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

Para realizar o trabalho foi feita uma pesquisa qualitativa e explicativa sobre a Cracolândia, foi também aplicado um questionário semiestruturado para a população da cidade de Sousa na Paraíba, para que fosse possível analisar a influência da mídia as pessoas sobre o tema em questão, além de ser feita uma revisão bibliográfica em textos e matérias distribuídos pela mídia para uma abordagem mais aprofundada sobre a região na cidade de São Paulo.

Logo no início é feito um pequeno resumo de como se constituiu a população em situação de rua, ponto importante de ser debatido já que a Cracolândia é constituída a partir dessa parcela populacional, que vivem nas ruas devido a precarização do trabalho e a desigualdade social constituída pelo modo de produção capitalista.

Abrindo o primeiro capítulo o ponto inicial aborda as drogas, e como elas tem acompanhado os seres humanos há milênios, substâncias que tem o poder de alterar as percepções e os sentidos, levando nostalgia ao nosso cérebro, provocando sensações de prazer e euforia, no início essas sensações eram obtidas através de diversas plantas, que eram encontradas por todo o planeta, com os avanços da tecnologia essas plantas antes usadas em natura passaram por modificações farmacológicas, e se tornaram as drogas que conhecemos na atualidade, geradas através de diversos processos químicos e que causam sérios riscos para a saúde de quem as consome.

Essas substâncias, que em muitos países foram proibidas pelos seus riscos à saúde e pela dependência que causa em seus usuários, passaram a ser alvo de grande debate político, religioso e também da área da saúde. O que começou como algo inofensivo passou a gerar um grande esquema de tráfico, onde a venda e o consumo são ilegais em muitas regiões do globo, um esquema gigantesco que gera dinheiro ilegal e que também alcançou o Brasil, tendo seu ápice em São Paulo. O *Crack* uma das substâncias mais vendidas por esse mercado ilegal, devido ao seu preço baixo, ganhou as ruas da maior cidade do Brasil, transformando o centro da capital paulista em uma cena de filme de terror.

A Cracolândia situada na cidade de São Paulo, mais especificadamente no bairro da Luz; Praça Princesa Isabel; Júlio Prestes; Rua Helvética e vários outros endereços marcados pela presença de dependentes químicos (RUI, 2014), é um local que ao longo dos anos vem preocupando o Estado e os moradores locais, devido ao número alarmante de adictos, que acabaram por invadir o local, propiciando que o mesmo seja um dos pontos mais perigosos e

se tornando um problema social da cidade. No local funciona um intenso tráfico e consumo de substâncias alucinógenas, gerando diversos danos físicos no local, como também reflete diretamente sobre a saúde pública, além de colaborar com a alta movimentação de dinheiro ilegal que é obtido pela venda de entorpecentes. Diante desses acontecimentos é impossível não levantar a indagação do porquê a prefeitura se omite em levar soluções ou medidas eficientes que intervenham diretamente sobre o problema em questão.

Ao adentrar no segundo capítulo, refletimos em como as cenas propaladas pela mídia, revelam o descaso da prefeitura de São Paulo em tratar a Cracolândia e as centenas de dependentes e moradores de rua, que vivem nas calçadas da região central daquela cidade, andando sem rumo e causando um completo caos por onde passam. Nesse sentido, entende-se que a mídia é um dos principais meios de repercussão do que acontece no local através de reportagens, documentários, minisséries que são veiculados tanto na televisão, como em aplicativos de streaming, levando informação e alcançando variados públicos, tanto de território nacional, como internacional, já que a Cracolândia se tornou um símbolo do avanço das drogas e hoje é assunto em muitos países.

Mas será que o que a mídia veicula é realmente o que acontece no local? O espaço não conta apenas com dependentes químicos, muito pelo contrário a discussão a respeito dessa região vai muito além do que é introduzido através da mídia, já que o mesmo é um grande reflexo da desigualdade social que tem se agravado nos últimos tempos, fazendo com que as pessoas que não possuem moradia e/ou empregos, ou ainda aquelas que enfrentam problemas familiares, doenças, entre outros fatores socioeconômicos e culturais procurem refúgio nas drogas. O lugar também comporta não-dependentes químicos que enfrentam também problemas estruturais e que escolhem a Cracolândia por ser um local que conta com serviços de assistência, o que viabilizam medidas de intervenção sobre esse público, mas que não conseguem de fato resolver os problemas que afetam aquele lugar e aquelas pessoas.

No terceiro e último capítulo é evidenciado como ocorreu a ampliação dos meios de comunicação e como o mesmo é capaz de influenciar o pensar e saber humano, sobre determinados assuntos e lugares, dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar como a mídia contribui para a [des]construção das representações dos habitantes da cidade de Sousa, no Sertão da Paraíba, em torno da Cracolândia – SP. Com este fim deseja-se fazer também uma análise acerca de como as pessoas da cidade de Sousa observam a Cracolândia, que é compostas por inúmeras peculiaridades e desdobramentos que muitas vezes não são colocados dentro do que a mídia veicula, levando as pessoas que consomem esses

conteúdos a terem uma visão estigmatizada do lugar e da população que vivem nele, fazendo os ignorar que ali também residem sonhos que foram destruídos por um vício, já que toda dependência é caracterizada como uma doença (BROTTO, 2020).

Desse modo, a mídia tem um fator primordial em como a população observa e pensa sobre o que de fato é encontrado na Cracolândia e o discurso que repercute sobre os dependentes químicos e moradores de rua, o que resulta em negligência e criminalização desses homens e mulheres pelas gestões e pela sociedade em geral, enfim, as representações midiáticas, ainda que de voz aos habitantes daquelas ruas, deixam em relevo que as pessoas que {sobre}vivem ali são invisíveis e sem voz para a grande maioria da população brasileira, pior, são abandonadas por um governo que devia lhes prestar assistência, mas ao invés disso, age com violência pelas mãos dos policiais que são chamados a conter o tráfico na região.

PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL

A população brasileira que se encontra nas ruas vem crescendo exponencialmente todos os anos, e é algo que leva preocupação aos governos. É datado que desde a Revolução Industrial que ocorreu entre os anos de 1760 até 1840, surgiram os primeiros dados que se referiam a população de rua, já que os camponeses e pequenos produtores foram expulsos do local que habitavam e se dirigiram para as grandes cidades, sendo obrigados a seguirem o novo sistema que estava surgindo, o capitalismo (CEOLIN; TERRA; CARMONA, 2020).

Com o desenvolvimento do sistema capitalista, a apropriação privada mediante o pagamento do valor da terra, começou a ter impactos sobre aqueles que não possuíam renda para conseguir espaços adequados para a habitação e, sem alternativas, passam a utilizar as ruas da cidade como moradia. Retirados todos os meios de produção, essa massa restante se viu obrigada a vender a sua mão de obra por salários ínfimos para poder sobreviver (CEOLIN; TERRA; CARMONA, 2020, p. 119).

A acumulação do capital da burguesia, junto com a exploração do trabalho resultante do sistema capitalista, abriu as portas para que a população de rua começasse a surgir e se intensificar cada vez mais.

Embora existam registro de que no Brasil com o fim da abolição da escravatura, os negros passaram a tomar as ruas como moradas, apesar da pressão policial, sabem-se que a:

industrialização teve seu maior impacto sobre a sociedade nos anos de 1930 a 1956, quando Getúlio Vargas adota uma política industrializante, a substituição de mão de obra imigrante pela nacional [...] Devido à crise do café e a ausência de políticas públicas agrícolas, ocorreu a grande vinda da população rural para a área urbana, constituindo um mercado consumidor e mão de obra barata. Um dos reflexos do sistema de industrialização no Brasil e no mundo, é a massa de desempregados na cidade e um intenso processo de exclusão social que geram a constância de uma pobreza extrema, pois aqueles que não têm como garantir sua renda para sobreviver, acabam sendo marginalizados e tendo as ruas como única possibilidade de moradia (CEOLIN; TERRA; CARMONA, 2020, p.120).

Nos últimos anos, o reflexo da desigualdade social tem se desenvolvido cada vez mais dentro da população brasileira, que segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, essa população em situação de rua cresceu cerca de 38% entre os anos de 2019 e 2022, atingindo um total de 281.472 pessoas, que se encontram fora de um lugar estável para viver,

muito desse aumento populacional de rua se deu devido a pandemia de Covid-19, que aumentou o número de desempregados e concorreu para o aumento da fome, levando a um grande colapso na economia do país (2022).

O desemprego gerado não somente pela pandemia, mas pelo sistema capitalista que move o Brasil é um dos grandes responsáveis por gerar o aumento e a permanência de pessoas vivendo em tais condições desumanas, apesar do Ipea desenvolver uma estimativa da quantidade dessa população, os dados registrados ainda precisam evoluir muito para ter uma real noção das proporções que tal situação tomou.

Muito são os fatores que fazem uma pessoa a ter a rua como sua moradia, diante disso se enquadra não somente o que já foi citado, mas também a falta de vínculos familiares e comunitários, “Pode-se compreender que os vínculos familiares são básicos e fundamentais para o processo de socialização dos indivíduos.” (CEOLIN; TERRA; CARMONA, 2020, p. 121). Com a exclusão social e trabalhista para algumas pessoas não há outra escolha a não ser as ruas, e a partir do momento em que passam a ocupar as passagens tais sujeitos adquirem visibilidade enquanto perigo social e se tornam completamente invisíveis quando o assunto é humanitário, passando a depender das insuficientes políticas públicas, como é o caso do Decreto de nº 7.053/2009:

Art. 6º São diretrizes da Política Nacional para a População em Situação de Rua:

I - Promoção dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais; II - Responsabilidade do poder público pela sua elaboração e financiamento; III - articulação das políticas públicas federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal; V - Integração dos esforços do poder público e da sociedade civil para sua execução; VII - incentivo e apoio à organização da população em situação de rua e à sua participação nas diversas instâncias de formulação, controle social, monitoramento e avaliação das políticas públicas; (BRASIL, 2009).

Apesar de sugerir uma assistência voltada a ajudar a essas pessoas, nada é realmente feito para retirar essa parcela tão grande da população brasileira das ruas e os inserirem novamente à sociedade, diante do que tais homens e mulheres permanecem completamente invisíveis, marginalizados e cercados de preconceito, como poderemos observa a seguir.

CAPÍTULO 1

1.1 INSERÇÃO DAS DROGAS NO MUNDO

Desde há muito conhecidas, as drogas têm acompanhado o percurso da Humanidade, sendo consumidas em diversos contextos, de variadas formas e com díspares objetivos.

Laura Nunes, Uso de drogas. S/D

Como observado na epígrafe que abre este trabalho, o uso de substância psicoativas é utilizado por homens e mulheres há muito tempo, estando presente ao longo dos diferentes períodos históricos. Acredita-se que primeiras drogas surgiram a partir de plantas que provocavam efeitos alucinógenos. Tais plantas eram/são usadas para alterar as percepções e os sentidos, causando euforia momentânea, e outras sensações capazes de distorcerem a realidade.” (LOPES, 2019).

Entre os povos primitivos essas plantas eram utilizadas tanto em natura, como na fabricação de chás, que causavam efeitos de alegria e alucinações. Inicialmente, o uso dessas substâncias era utilizado durante os rituais/ cerimônias religiosas, para fazer/possibilitar o contato com entidades divinas, o que se devia ao fato de que alguns povos acreditavam/acreditam que “havia/[há] uma divindade dentro da planta. E os nativos passaram a venerar o arbusto. Começa[ndo] a fazer rituais que se espalharam por outras tribos. E são feitos até hoje.” (LOPES, 2019). Também a utilização de tais substância era importante para a socialização dos povos, que as utilizavam em momentos festivos. Esse costume passou de geração em geração. Assim,

Passaram milénios nos quais as drogas foram usadas com fins festivos, terapêuticos e sacramentais, tendo atravessado os tempos para se converterem em objeto de uma intensa empresa científica. As drogas, transversais a tempos e a culturas, incomodaram a Religião, encolerizaram o Direito, comprometeram a Economia e constituíram uma tentação para a Arte (apud. NUNES, ano, p.233).

Poucos são os relatos sobre como era realizado o consumo das drogas na Antiguidade, muito menos de como as substancias eram distribuídas entre os povos antigos. Uma das plantas usadas, que possui relatos de mais de 3000 mil anos a.C. (antes de Cristo), era denominada

como a planta da felicidade, originalmente intitulada de ópio, substância que é extraída da *Papaver Somniferum*. O líquido que é retirado da planta é capaz de proporcionar o alívio da dor, da ansiedade, além de provocar euforia, tranquilidade, entre vários outros efeitos alucinógenos (TUASAÚDE, 2018). Acredita-se que o ópio não era a única droga utilizada pelos povos antigos, porém, é uma das mais antigas substâncias alucinógenas conhecida atualmente.

Além do Ópio, os povos antigos também utilizavam a Beladona, uma planta venenosa, que vem sendo utilizada desde o século IV a.C.; a Datura, outra planta extremamente nociva que é utilizada desde os anos de 1000 a.C., além de ser uma das plantas mais venenosas que já foram catalogadas, ela também possui efeitos alucinógenos; a Meimendo negro, uma erva venenosa, mas quando utilizada da maneira correta tem efeitos analgésicos, eram utilizados também diversos tipos de Cogumelos que possuíam propriedades psicoativas (FORATO, 2021).

Apesar do Ópio ter grande destaque entre as drogas consumidas desde a antiguidade, atualmente a Coca, que era utilizada por povos primitivos, fomenta uma grande preocupação entre as substâncias ilícitas. A Coca ou *Erythroxylon coca*, é nativa da Bolívia e também do Peru, uma planta sagrada nessas regiões e utilizada dentro de rituais religiosos desses povos, suas folhas eram/são mastigadas para que estimulasse/estimulem o organismo, o que leva/va a diminuição da fome, além de ter diversos fins medicinais (FORATO, 2021).

Foi devido aos avanços da medicina farmacológica que, a partir da Coca, foi criada a cocaína, como é conhecida atualmente a substância, onde a partir da extração dos alcaloides que estão presentes na planta é feita a purificação através de processos químicos e desenvolvido o pó, que vem sendo comercializado e está entre as drogas/substâncias mais consumidas pelos dependentes químicos. Vale ressaltar que a folha da coca em si não é considerada como uma droga ilícita, já que seu consumo é utilizado para fins medicinais nas regiões incas, onde os povos a consomem para diminuir a hipobaropatia, também conhecido como mal da montanha (BLOGCANNABIS, 2018).

Outra substância que passou por modificações foi a *Cannabis*, atualmente, alvo de grande debate tanto político como medicinal, e que ainda causa uma forte repercussão tanto negativa como positiva. A *Cannabis Sativa* é conhecida desde os anos 8000 a.C. tendo como região de origem a Ásia Central. A Maconha, como ficou popularmente conhecida, nos últimos anos tem sido largamente consumida no estado de Nova York, nos Estados Unidos, pelos seus efeitos medicinais e também de recreação (FORATO, 2021). A maconha é uma planta de

grande importância medicinal, já que seu chá é capaz de proporcionar o alívio de dores, redução de inflamações. Estudos medicinais descobriram que seu óleo pode ser um grande diferencial para o tratamento de diversas doenças crônicas de paciente com epilepsia e psoríase (AMARAL, 2021).

Ao longo do globo, diversos países possuem suas leis para a utilização da *Cannabis*, alguns a legalizaram completamente, onde pode ser comercializada livremente para fins recreativos, outros países só permitem a comercialização e utilização para propósito medicinal, por fim, ainda existem aqueles que proíbem completamente o uso da planta e sua utilização e venda é de cunho criminoso e passível de penalidade.

Como pôde-se observar antes, com o passar dos anos, as substâncias produzidas a partir de plantas que possuem efeitos alucinógenos, sofreram modificações químicas, para que seus efeitos se tornassem mais intensos, a indústria farmacêutica teve grande influência na elaboração das drogas que são conhecidas atualmente, de tal modo, entende-se que, o que foi desenvolvido para fins medicinais passou a ser produzido, comercializado e consumido criminosamente. Inclusive, sabe-se que:

Espalhadas pelo planeta existem mais de 200 compostos orgânicos capazes de alterar as sensações ordinárias e modificar os ânimos. Ao longo de todo o mundo se percebe a exploração sistemática de zonas fitogeográficas em busca de plantas com qualidades inebriantes. A capacidade de alterar o funcionamento natural do corpo - seja potencializando a serenidade, a energia ou a percepção, seja reduzindo a aflição, a dor ou a rotina psíquica – faz dessas substâncias alvos privilegiados de controle político, social, cultural e religioso em todos os agrupamentos humanos (TORCATO, 2016, p.23).

Nos tempos atuais essas substâncias psicoativas refletem sobre a sociedade como um ponto de preocupação, negatividade e de medo, porém, em outros contextos elas eram/são utilizadas pelos mais variados grupos sociais e religiosos, com diferentes fins, como foi mencionado anteriormente.

Portanto, entende-se que, no princípio, as drogas tinham um significado um pouco diferente do que têm hoje. Acompanhavam a organização socioeconômica da época, eram um bem coletivo e não ocasionavam qualquer problema social. Embora úteis para a comunidade, não representavam valor econômico, isto é, as drogas agregavam somente valor de uso (CALVETE; SOUZA, 2020, p.405).

Por gerar os mais diversos efeitos sobre o corpo e mente humana, as drogas ganharam espaço entre a sociedade, e ao que antes apenas tinha valor de uso, foi-se “agregando valor econômico. Por fim, a droga transformou-se em mercadoria.” (CALVETE; SOUZA, 2020, p.406). Inclusive, o que no início não teve uma repercussão negativa, devido ao intenso

consumo social, com o tempo, pelos efeitos danosos ao corpo e à mente humana e em face das disputas pelo domínio/controlar da venda dessas substâncias, as drogas alucinógenas passaram a serem vistas como um problema/questão social em inúmeros países.

Como já fora mencionado, umas das primeiras substâncias a ser comercializada e consumida em grande escala foi o ópio, onde a Índia era a principal produtora. A droga era importada para diferentes países e seu consumo crescia constantemente, porém, o consumo da substância acarretava problemas de saúde para seus usuários, o que passou a alarmar algumas nações, que baniram o uso dessa droga, esperando que ocorresse a diminuição desse consumo, o que, apesar do banimento e da reputação negativa, não aconteceu, levando à comercialização e uso ilegal do produto (CALVETE; SOUZA, 2020).

A partir do ópio, no século XIX, foi possível a produção de novas substâncias psicoativas, tais como os alcaloides, possibilitando a extração e isolamento das substâncias psicoativas das plantas, sendo produzido a morfina, primeira substância feita de forma farmacêutica (CALVETE; SOUZA, 2020). A morfina é um remédio analgésico da classe dos opioides, que tem um potente efeito no tratamento da dor crônica ou aguda muito intensa, muito utilizada no pós-cirúrgico dos pacientes. Desde a sua descoberta, pelo alemão Friedrich Sertuner, já se passaram mais de 200 anos, (FAPESP, 2005). “Em seguida, surgiu a diacetilmorfina, derivada da morfina, em 1874, registrada com o nome de heroína¹, em 1898, pela indústria farmacêutica alemã Bayer.” (CALVETE; SOUZA, 2020, p.410).

Com a comercialização para uso inapropriado das drogas citadas e outras que foram surgindo, com os avanços da medicina farmacêutica, o consumo desenfreado passou a gerar preocupação e a represália do Estado a partir do início do século XX, quando, segundo Nery Filho:

a droga passa efetivamente a ser vista como um problema[...] Nesse momento – início do século XX – são propostas as primeiras intervenções, que têm medidas de cunho repressivo voltadas para o controle e a repressão às drogas[...] visto que, nessa época, o uso de drogas ainda não era caracterizado como um “problema” de Saúde Pública, focando-se a intervenção nas drogas ilícitas. (2012, p.294).

Como Nery Filho afirma, no início, o uso de substâncias psicoativas não era tido como algo que afetava a Saúde Pública, mas com o tempo, a comercialização e a elaboração de novas

¹ A heroína é uma das mais perigosas drogas existentes. Derivada do ópio, a droga pode ser encontrada na forma natural ou sintética. Por serem originadas da mesma planta, a heroína é bastante semelhante à morfina, tanto que a heroína ao penetrar no organismo e ser processada pelo fígado, é transformada em morfina. (Dantas, s/d).

drogas, cada vez mais prejudiciais à saúde e viciantes, surgiram as primeiras intervenções e, em seguida, passou a desencadear medidas de represálias contra o tráfico e o consumo de tais substâncias, que passaram a ser reconhecidas como drogas ilícitas.

A proibição das drogas ocorreu de formas diferente entre os países, de modo que os Estados Unidos foi o primeiro país a incentivar essa proibição, justificando essa interdição a partir de “três razões principais: a religião protestante, o utilitarismo e o humanitarismo.” (CALVETE; SOUZA, 2020, p.412). Enfim, podemos evidenciar como o discurso do proibicionismo ainda está enraizado não somente na realidade brasileira, mas também de muitos outros países, apesar da cannabis ser somente mais uma planta dentre tantas outras que são utilizadas todos os dias para vários fins, grande parte da população ainda as tem como algo perigoso e que deve ser combatido. Esse proibicionismo está enraizado segundo Fernandes, devido:

É por esta razão que o estudo das raízes fundamentais do proibicionismo observa a condução do projeto bélico desenvolvido pela potência norte-americana, desde a sua origem, temperando-a com possíveis e atuais releituras. Os resultados práticos dessa análise permitem esboçar quatro aspectos que se reputam fundamentais à construção de sua essência: moral religioso, sistemático-financeiro, segregacionista e geopolítico. E é intermediando a visão crítica e transversal de cada um desses matizes que nos permitimos questionar a atual incursão higienista de eliminação das drogas rotuladas como ilegais e de um modelo que apregoa, como solução para o (ab)uso dessas substâncias, a abstinência forçada (p. 73, 2015).

Inicialmente, em 1914 os Estados Unidos incitavam a criminalização de substâncias ilícitas como a cocaína, heroína, entre outras, já que passaram a ter um consumo desenfreado e constante, preocupando pelo número de dependentes no país. Em 1918, o mercado ilegal de drogas já tinha tomado conta de quase todo território estadunidense e a venda de narcóticos passou a ser algo rotineiro. Em 1937, a maconha se tornou ilegal, porém, a guerra às drogas² acabou sendo revista dentro do país, pelos diversos impasses que ressaltava de forma negativa devido a rigidez na fiscalização e o gasto orçamentário que era desembolsado para conseguir suprir com as medidas proibicionistas que foram implementadas, tomou-se a decisão de liberar o consumo da maconha para uso recreativo dentro de determinados estados do país (RUTHE, 2022).

²Em 1971, o então presidente estadunidense Richard Nixon fez um discurso para a nação em que anunciou que o uso abusivo de drogas é o inimigo número um dos Estados Unidos (“America’s public enemy number one in the United States is drug abuse”, discurso de Richard Nixon, Estados Unidos, 1971). A partir desta declaração foi concebida a política conhecida como “guerra às drogas”, no original “war on drugs” (Ruthe, 2022).

A legalização da maconha não alcançou apenas os Estados Unidos, ela também foi alvo de grande debate em outros países como a Georgia, Mexico, África do Sul entre outros (WELLE, 2021), cada país tem suas leis e regras para o consumo da cannabis. Devido as constantes desavenças, sua legalização ainda é vista como algo negativo dentro de diversos países que apesar de terem validado seu consumo ainda enfrentam internamente os grupos contrários à legalização (WELLE, 2021).

Ao analisar o contexto histórico de como as drogas adentraram na sociedade e nos países, é possível perceber como essas substâncias sempre estiveram presentes das mais variadas formas, seu consumo pode ser tanto de cunho danoso à saúde, como positivo, se utilizadas da forma correta, pois podem proporcionar uma melhoria do bem-estar humano. Ademais, é de longa data que as plantas são objeto de estudo de boticários, pajés, curandeiros... foi/é através delas que se constituiu a criação de diversos remédios que são utilizados todos os dias por milhares de pessoas, que as utilizam para tratar desde problemas de saúde simples, até aqueles mais complexos. Enfim, é notório o grau de importância do uso de substâncias alucinógenas para o tratamento de alguns problemas de saúde e/ou sintomas de doenças, mas apesar de ter um lado positivo, existe também o lado obscuro, que representa um problema social a ser enfrentado pela população em todo o mundo, inclusive, no Brasil, onde as polícias sociais públicas de saúde apresentam-se insuficientes para tratar as questões decorrentes do uso abusivo e da comercialização ilegal de tais substâncias.

1.2 Drogas no Brasil

Não imaginava que isso se concluísse dessa forma, acho que o mundo já poderia ter chegado a um ponto de entender que violência gera violência, e que não deixa de ser um homicídio o que cometeram.

Cleverson Marinho, BBC, 2015.

(VER EM QUE FOI CITADA ESSA FALA, NÃO CONSEGUI EDITAR DIREITO).

A epígrafe que abre esse tópico, foi uma frase dita por um amigo e advogado do brasileiro sentenciado a morte na Indonésia pelo tráfico de drogas, em uma entrevista dada ao jornal da BBC no ano de 2015.

Em 2004 o brasileiro Rodrigo Muxfeldt Gularte, foi preso no aeroporto de Jacarta na Indonésia. Gularte carregava seis quilos de cocaína, que estavam escondidos em pranchas de surfe. Apesar do esforço da família para tentar convencer as autoridades daquele país a reverem a pena instituída a Rodrigo, que tinha um laudo que declarava que ele tinha sido diagnosticado com esquizofrenia, nada foi suficiente para que o destino do brasileiro fosse revisto. Gularte foi então executado, como previsto nas leis da Indonésia, e seu corpo foi levado para Curitiba, para que a família fizesse suas últimas homenagens. Rodrigo foi o segundo brasileiro a ser condenado a pena de morte na Indonésia pelo tráfico de drogas, antes dele, em janeiro de 2015, o carioca Marco Archer Cardoso Moreira, também foi condenado e fuzilado por tráfico de drogas (CASTRO, 2015).

Cada país tem suas leis e formas de lidar com o tráfico e o consumo de entorpecentes, que, dependendo das normas podem ser consideradas legais ou ilegais. A Indonésia é um dos países com as leis mais rígidas do mundo quando o assunto é drogas, penas severas que dependendo da quantidade a ser traficada pode levar o acusado a uma sentença de morte como foi o caso do brasileiro Rodrigo Gularte, que ficou no corredor da morte por dez anos, ou de Marco Archer, que permaneceu preso por 11 anos.

O caso desses dois brasileiros enfatiza como as leis e condenações podem variar de país para país. Apesar de serem brasileiros, cometeram o crime de tráfico em outro território e foram submetidos a responder de acordo com a legislação do país da apreensão, apesar dos esforços do governo brasileiro para conseguir livrá-los das penas, o governo daquele país não atendeu aos apelos. No Brasil, embora o tráfico de drogas seja considerado crime, não se observa a

rigidez como é tratado o tráfico e o consumo de drogas ilegais tal como acontece na Indonésia, onde é imposta a pena Capital.

De uma maneira geral, as drogas sempre tiveram dentro da sociedade um forte debate, tanto de cunho positivo, como negativo e que gera grande repercussões em setores ligados à saúde, segurança, economia, cultura, entre outros. No Brasil esse debate vem sendo cada vez mais abordado no âmbito político, social e entre cientistas da saúde, da segurança e da cultura, que visam encontrar uma solução para tal questão.

Como foi mencionado anteriormente plantas como a Coca foram modificadas para produzir substâncias como a cocaína e heroína, o consumo foi tão largo que surgiram novas drogas a partir dessas duas substâncias. Essa modificação abriu ainda mais espaço dentro do mercado ilegal e a variação de drogas que são vendidas criminalmente geraram um ciclo contínuo de produção, comercialização e cada vez mais consumo, que leva a dependência química, uma doença grave e que traz grandes riscos para seus drogadictos.

Voltando um pouco no tempo, essas substâncias nem sempre foram alvo de preocupação e debate dentro do Brasil, muito pelo contrário, eram consumidas livremente e utilizadas para os mais diversos fins. Ao passo em que o consumo dessas substâncias crescia constantemente, o que nos séculos de XVII e XVIII era um privilégio para poucos, começou a ser comercializado e se espalhou para a mais diversas classes sociais (NUNES et al, 2007).

Em alguns países, o uso de drogas e os seus dependentes passaram a serem vistos como perigosos e legíveis de penalizações, em outros, por suas vezes, tais sujeitos são vistos como detentores dos direitos de usar. A criminalização das drogas no Brasil causa a morte e a prisão de diversas pessoas todos os anos, uma luta e um problema social que parece nunca chegar ao fim, apesar dos incentivos e medidas que o governo criou para poder lidar com esse problema.

O Brasil, fronteiro com países produtores de cocaína e portos para a África e Europa, é país que se insere na rota do tráfico internacional de drogas, o que gera novos desafios ao sistema de controle de distribuição e de controle da violência gerada pelo tráfico de drogas ilícitas[...]. (BOKANY, 2015, p. 8)

Em face do Brasil fazer fronteira com países que produzem e vendem em grande escala drogas que aqui são consideradas ilícitas, esse problema se torna cada vez mais frequente e difícil de ser enfrentado, já que o tráfico de drogas é um dos sistemas que mais gera dinheiro ilegal e envolve violência e mortes.

[...] o Brasil gastou em 2012 o equivalente a 61 bilhões em segurança pública, e ainda assim não tem conseguido conter a violência no qual se inclui a

decorrente do tráfico de drogas, o que sinaliza, em um primeiro instante, a inadequada aplicação desses recursos (SILVA, 2014, p.30).

As medidas que foram adotadas pelo sistema brasileiro para combater as drogas ainda não conseguem ser efetivamente eficientes para alterar o contexto e o crescimento que o tráfico conseguiu alcançar nas últimas décadas, afinal em que adianta focar no combate de pequenos traficantes dentro das periferias das cidades brasileiras, se ainda existe o tráfico internacional de drogas que adentra no país pelas cidades que fazem fronteiras e que em sua grande maioria são cidades pequenas onde não existe a organização de segurança necessária para lidar com essa problemática? A questão vai muito além do que já foi mencionado neste trabalho, o tráfico atravessa o mar e chega a milhares de quilômetros, como foi o caso do brasileiro sentenciado a morte pelo tráfico de drogas na Indonésia.

Foi então somente a partir do século XX que o Brasil começou a formular leis e decretos com o intuito de proibir e penalizar tanto a comercialização, como o uso das drogas ilícitas. Vale ressaltar que no sistema brasileiro atual o indivíduo que for flagrado consumindo, transportando ou adquirindo drogas será penalizado com advertência sobre os efeitos das drogas, prestará serviços dentro da comunidade e terá uma medida educativa para comparecer a cursos educativos (BRASIL, 2006).

Com o fim de adotar medidas legislativas que fossem capazes de regular a eficiência na fiscalização de entorpecentes, em 1938 foi instaurado no Brasil o Decreto-Lei n. 891. A lei aborda quais substâncias são considerados entorpecentes. Segundo a legislação brasileira o ópio é considerado como um entorpecente ilegal, bem como a morfina; diacetilmorfina; cocaína; as folhas da coca; a cannabis; assim como seus sais e preparações (BRASIL, 1938). A lista de entorpecentes é extensa e enquadra várias modificações que foram feitas tanto a partir da heroína como da cocaína. No Segundo Capítulo dessa mesma lei, “Da Produção, do Tráfico e do Consumo”, é informado as proibições sobre a produção, o tráfico e o consumo dos entorpecentes.

Art 2º. São proibidos no território nacional o plantio, a cultura, a colheita e a exploração, por particulares, da Dormideira "Papaver somniferum" e a sua variedade "Aibum" (Papaveraceae), da coca "Erytroxylum coca" e suas variedades (Erytroxilaceae) do cânhamo "Cannibis sativa" e sua variedade "indica" (Moraceae) (Cânhamo da Índia, Maconha, Meconha, Diamba, Liamba e outras denominações vulgares) e demais plantas de que se possam extrair as substâncias entorpecentes mencionadas no art. 1º desta lei e Seus parágrafos.

[...]

§ 2º Em se tornando necessário, para fins terapêuticos, fará a União a cultura das plantas dessa natureza, explorando-as e extraindo-lhes os princípios ativos, desde que haja parecer favorável da Comissão Nacional de Fiscalização do Entorpecentes (BRASIL, 1938).

O cultivo, a extração, a produção e modificação assim como a venda dos entorpecentes que foram citados acima é extremamente proibido dentro do território brasileiro. De acordo com o Artigo 3º da lei, para que algum material seja modificado, extraído ou vendido é necessária uma autorização judicial que agirá de acordo com as conformidades que são dispostas na lei (BRASIL, 1938).

Apesar do proibicionismos, o uso ilegal de drogas se desenvolveu amplamente pelo Brasil. Com o avanço dessas substâncias surgiram/aumentaram também os dependentes químicos que precisavam e deveriam ser tratados medicamente. No âmbito dessa mesma lei é informado como deve decorrer os cuidados com o público que necessita dessa assistência, bem como as penalidades e as infrações cometidas pelo tráfico e também quem consome essas substâncias ilícitas.

Sendo assim, o Brasil adotou um modelo proibicionista sobre o uso e consumo das drogas e também a prevenção para que essas substâncias fossem vistas de forma negativa pela sociedade. Durante os anos Vargas foram abordados dois modelos, quais sejam: o liberalista que era destinado as drogas lícitas como o álcool e o cigarro; e o modelo intervencionista punitivo, para aqueles que faziam o consumo e a venda das drogas ilegais, como o crack, maconha, cocaína, entre outros.

[...]no modelo intervencionista, as drogas consideradas como perigosas, devendo ser proibidas e ter o seu uso erradicado da sociedade. Esta posição jurídica do Estado, paternalista em seu momento de criação, proibindo o uso de drogas por considerar legítimo proteger a liberdade do indivíduo (sic), os direitos de terceiros e o bem estar de todos (TRAD, 2009, p.101).

Com os incentivos e os avanços da medicina, o Estado passou a alterar sua forma de intervir sobre o consumo das substâncias psicoativas e intensificou os cuidados com os dependentes químicos. O que avançava em um sentido regredia em outro, já que em 1960 ocorreu a expansão do uso da maconha, onde muito se fala sobre como o rock e o movimento hippie colaboraram para que essa substância ganhasse cada vez mais espaço entre os jovens de todas as classes sociais, tornando-se uma das drogas mais consumidas até a atualidade (VIDAL, 2008); já em 1970 foi a vez da cocaína chegar ao seu ápice, com o elevado número de homens e mulheres que faziam uso dessa substância psicoativa (KAPKIN, 2017).

Em face do crescimento do consumo dessas substâncias foi necessário a elaboração de uma nova política de saúde voltada para os dependentes químicos e para o combate ao tráfico

de drogas. Desse modo, no ano de 1980, foi implementado o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes, junto ao Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), o mesmo foi um pontapé inicial para a formação das atuais políticas contra as drogas (BRASIL, 2021). O Decreto n.85.110 /1980 foi responsável pela criação do conselho que visava “integra as atividades de prevenção, fiscalização e repressão ao tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determine dependência física ou psíquica, bem como as atividades de recuperação de dependentes.” (BRASIL, 1980).

Seis anos depois, em 1986, foi criado o Fundo de Prevenção, Recuperação e de Combate às Drogas de Abuso (FUNCAB), onde foi estabelecido regras sobre as drogas que eram apreendidas dentro do tráfico de drogas, o FUNCAB deu origem ao atual Fundo Nacional Antidrogas (FUNAD). (BRASIL, 2021). A Lei n.7.560 de 1986 estabelece:

Art. 4º Qualquer bem de valor econômico, apreendido ou sequestrado em decorrência do tráfico de drogas de abuso, ou de qualquer forma utilizado em atividades ilícitas de produção ou comercialização de drogas abusivas, ou, ainda, que haja sido adquirido com recursos provenientes do referido tráfico, e perdido em favor da União, constitui recurso do Funad, ressalvados os direitos do lesado ou de terceiro de boa-fé (BRASIL, 1986).

O material apreendido será destinado, segundo essa mesma lei:

I - aos programas de formação profissional sobre educação, prevenção, tratamento, recuperação, repressão, controle e fiscalização do uso e tráfico de drogas; II - aos programas de educação técnico-científica preventiva sobre o uso de drogas; III - aos programas de esclarecimento ao público, incluídas campanhas educativas e de ação comunitária; IV - às organizações que desenvolvem atividades específicas de tratamento e recuperação de usuários; V - ao reaparelhamento e custeio das atividades de fiscalização, controle e repressão ao uso e tráfico ilícitos de drogas e produtos controlados; VI - ao pagamento das cotas de participação a que o Brasil esteja obrigado como membro de organismos internacionais ou regionais que se dediquem às questões de drogas; VII - aos custos de sua própria gestão e para o custeio de despesas decorrentes do cumprimento de atribuições da SENAD; VIII - ao pagamento do resgate dos certificados de emissão do Tesouro Nacional que caucionaram recursos transferidos para a conta do FUNAD; IX - ao custeio das despesas relativas ao cumprimento das atribuições e às ações do Conselho de Controle de Atividades Financeiras - COAF, no combate aos crimes de "lavagem" ou ocultação de bens, direitos e valores, previstos na Lei no 9.613, de 1998, até o limite da disponibilidade da receita decorrente do inciso VI do art. 2o. X - às entidades governamentais e não governamentais integrantes do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). (BRASIL, 1986).

A Lei 7.560 de 1986 vinha complementar, com certa demora o Decreto-Lei 891/1938, que apesar de indicar qual deveria ser o fim das drogas apreendidas, não tratava dos bens materiais adquiridos por meio da venda ilegal dessas substâncias.

Ainda segundo os planos do Estado para lidar com a problemática das drogas no país, em 1993 foi criado, no âmbito do Ministério da Justiça, a Secretaria Federal de Entorpecentes, órgão responsável por supervisionar as medidas de prevenção contra o uso de drogas, além de fiscalizar o consumo e o tráfico dessas substâncias. Em 1998, o que antes era o CONFEN, passou a ser o Conselho Nacional Antidrogas (CONAD), junto com o Conselho também surgiu a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), ambos que antes eram vinculados ao Ministério da Justiça, foram remanejados para a Casa Militar da Presidência da República. No ano de em 2002, foi instituída, pela primeira vez, um documento com a síntese da política de drogas, denominado de Política Nacional Antidrogas (PNAD), por meio do Decreto nº. 4.345/2002, que em 2005 foi atualizado para se encaixar na realidade brasileira. (BRASIL, 2021).

Essa mesma lei foi revogada pela lei 9.761 de 2019, que definiu como um dos principais objetivos da Política Nacional Antidrogas do Brasil, a

garanti[a do] direito à assistência intersetorial, interdisciplinar e transversal, a partir da visão holística do ser humano, pela implementação e pela manutenção da rede de assistência integrada, pública e privada, com tratamento, acolhimento em comunidade terapêutica, acompanhamento, apoio, mútua ajuda e reinserção social, à pessoa com problemas decorrentes do uso, do uso indevido ou da dependência do álcool e de outras drogas e a prevenção das mesmas a toda a população, principalmente àquelas em maior vulnerabilidade (BRASIL, 2019).

Esses e outros programas e leis criados pelo governo brasileiro para lidar com o avanço das drogas no país, contém um caráter proibicionista, e sempre foram alvos de grandes questionamentos, já que o proibicionismo tem suas ressalvas e contradições, já que atinge o discurso do livre arbítrio e os impasses que esse proibicionismo foi capaz de constituir, como o surgimento do narcotráfico o qual já foi mencionado. Além do narcotráfico toda a desaprovação que o Estado criou pautando em seus discursos a negatividade das drogas, transformou os dependentes químicos em “marginais” sendo malvistas dentro da sociedade, tendo olhares de desaprovação e discriminação, ou seja, toda a conduta repressiva que foi repassada durante anos no Brasil colaborou para a criminalização dos dependentes de substâncias químicas.

Como tendência histórica, podemos afirmar que o debate crítico sobre a Política de Drogas no Brasil é bastante recente. Herdeiro da conjugação de forças progressistas que se articularam no processo de redemocratização da sociedade brasileira nos anos 1980 e que contribuíram para os embates em torno das Reformas Sanitária e Psiquiátrica. Essa herança progressista no campo da saúde, no entanto, não irriga de forma imediata e direta o debate sobre a Política de Drogas. (BRITES, 2015, p. 123).

O proibicionismo vem sendo um dos grandes responsáveis por gerar no país um círculo vicioso sobre a cultura da guerra as drogas, gerando medo e fortes inseguranças, pois, avança a

ideia sobre a violação dos direitos pelas diversas represálias do Estado que promove ações de violências através da polícia, o que impossibilita a retirada dos dependentes químicos da situação de vulnerabilidade alimentar, de segurança, bem como, de saúde e saúde mental, visto que acabam excluídos das políticas públicas, dificultando o retorno a sociedade como cidadão providos de direitos (BRITES, 2105).

A Política de Drogas, quando tomada na sua dimensão de política de atenção à saúde é, a nosso ver, no interior das políticas sociais a mais frágil em termos de legitimidade e controle social, uma vez que o consumo de drogas, por influência da ideologia proibicionista, é uma prática social historicamente criminalizada e moralmente condenada, sendo relegada à condição de tema maldito, portanto, discutido pouco seriamente e quase sempre de forma alarmista e preconceituosa (BRITES, 2015, p. 133).

Apesar de muitos pensadores apoiarem a legalização das drogas, muito ainda se é discutido sobre os riscos que isso traria no país, na área da saúde é onde mais se encontra desaprovção já que tal fato acarretaria o aumento dos problemas de saúde mental, e o consumo desenfreado das drogas, aumentando também o número de dependentes químicos, devido ao fácil acesso a essas substâncias.

[...]a legalização não acabaria com as máfias, elas iriam procurar novos negócios para lucrar, como tráfico de armas, metais preciosos, órgãos humanos etc. O consumo de drogas ilícitas ou não, destrói muitos setores da população mundial, sendo que um dos principais riscos da legalização é a irreversibilidade. Precisou-se de 30 anos de pesquisas médicas que comprovassem a relação entre o fumo e o câncer para que o hábito de fumar começasse a cair entre adultos (ROCHA, 2016, p. 41).

Além dos malefícios a saúde de quem consume essas drogas, existe também o teor moral-religioso que é fortemente discutido dentro do banimento a essas substâncias, devido “um imperativo ético sobre o que o sujeito deve ser e que há muito se associa aos dogmas religiosos e conceitos de “moral” que marcam a sociedade em que vivemos. Mais que proibidos, os prazeres ilegais encontram no discurso” (FERNANDES, 2015, p. 75).

Enfim, e como mencionado, o narcotráfico foi um dos problemas que o proibicionismo ocasionou, esse sistema gera bilhões em dinheiro ilegal. As drogas são traficadas das mais diferentes formas e passam muitas vezes despercebidas dentro de aviões, caminhões, barcos, entre outros meios de transporte que atravessam diferentes países.

Para passar despercebidas essas drogas como a maconha, cocaína e o crack são misturados a outros produtos de cunho legal como é o caso do arroz, do trigo e até mesmo do fumo (CERQUEIRA; FRANCISCO, S/D), substâncias lícitas. E as tentativas de traficar drogas surpreende pelo inusitado, um exemplo disso foi o caso do brasileiro Rodrigo Gularte

mencionado antes. O brasileiro foi apreendido quando tentava entrar na Indonésia com seis quilos de cocaína dentro de pranchas de surfe, sendo preso e sentenciado a morte naquele país, porém, o brasileiro é apenas um em meio a centenas de homens e mulheres que todos os dias passam/ou tentam atravessar as fronteiras com grandes quantidades de drogas, o que, pelas formas sofisticadas de transporte das drogas, muitas vezes as fiscalizações são insuficientes para fazer a apreensão, pois passam despercebidos.

Outro contexto alarmante sobre o narcotráfico é que o mesmo não gera apenas o dinheiro ilegal com a vendas dessas drogas, mas também está relacionado a grandes roubos, o tráfico de armas, de crianças, o sequestro de pessoas para a venda de órgãos humanos, a prostituição, além da pornografia infantil (CERQUEIRA; FRANCISCO, S/D). O narcotráfico é uma das atividades mais lucrativas dentro do mercado negro³, e que ainda é pouco debatido e que ainda existe grande mistério e medo por dentro da comercialização dos mais variados produtos que transitam de formas ilegais.

O narcotráfico induz o consumo e a venda criminosa das drogas, elevando o número de pessoas que fazem ou já fizeram uso de algum tipo de droga ilícita “conforme o World Drug Report, de 2014, estima-se que 243 milhões de pessoas tenham usado algum tipo de substância psicoativa ilícita no ano de 2012, podendo esse número variar entre 162 a 324 milhões de consumidores” (apud. CALVETE; SOUZA, 2020, p.419). Dentre as drogas mais consumidas a *Cannabis* fica em primeiro lugar, logo após a anfetamina, sendo seguida do ecstasy, da cocaína e, por fim, dos opiáceos, a qual foi a primeira substância psicoativa e que deu espaço para tantas outras, que foram modificadas pela indústria farmacêutica. (CALVETE; SOUZA, 2020).

Segundo Calvante e Souza:

Se por um lado a proibição desses produtos pretendia inibir o consumo, por outro implicou numa larga margem do contrabando e do mercado negro. A fim de conter o tráfico e a lavagem de dinheiro, a Convenção contra o Tráfico Ilícito de Drogas Narcóticas e Substâncias Psicotrópicas, organizada em 1988, pela ONU, estipulou medidas para resolver esse problema que, ao que tudo indica, se tornou mais grave que o consumo. (2020, p.415)

A United Nations Office on Drugs and Crime – UNODC é uma agência das Nações Unidas que tem a função de apoiar os países na implementação das três convenções da

³ Mercado negro é considerado o local onde é comercializado bens e serviços às margens do sistema comercial, ou seja, é onde são vendidos e comprados produtos sem a regulamentação e controle do governo ou do Banco Central. Dessa forma, muitas vezes um produto ou serviço que no comércio é considerado ilegal, de venda proibida, é negociado no mercado negro (Reis, 2020).

Organização das Nações Unidas - ONU onde houve um debate acerca das drogas, a citada acima foi a última das três, a primeira foi a Convenção Única sobre Entorpecentes, e a segunda a Convenção sobre Substâncias Psicoativas, tinham como objetivo:

Com base nessas convenções, o UNODC auxilia os Estados-membros a desenvolver suas legislações nacionais sobre drogas, buscando estabelecer marcos legais de referência sobre o assunto, tanto nacional, quanto regional e globalmente. Além disso, o UNODC apoia os países a desenvolver respostas ao uso problemático de drogas e suas consequências adversas à saúde, por meio da implementação de ações de prevenção e da oferta de uma rede de serviços integrada de atenção e assistência, com base em evidências científicas, no respeito aos direitos humanos e em padrões éticos. (UNODC, s/a)

Um dos países ao qual a UNODC tem parceria é o Brasil. Uma de suas funções é levar o país a desenvolver estratégias para debater as questões das drogas e o seu risco na vida dos cidadãos, já que essa substância pode afetar a saúde, educação, e a segurança pública não somente do indivíduo, mais da sociedade como um todo. Além disso, essa agência das Nações Unidas elabora e publica anualmente um relatório sobre as drogas em nível mundial, que consiste na realização de uma análise acerca da produção, do tráfico e do consumo de drogas ilegais em todo o planeta, um fator essencial para o monitoramento das nações a respeito de como as drogas estão se desenvolvendo e se ampliando em cada país.

Diversas medidas foram implementadas não só no Brasil, mas em outros países para lidar com a repercussão que as drogas estavam tomando dentro da sociedade, afetando a realidade de milhares de cidades que inicialmente não estavam preparadas para lidar com esse tipo de problemática, pois avançou gradativamente e que nos tempos atuais ainda se encontrando uma dificuldade a ser enfrentada. O tráfico gerado pela criminalização das drogas ainda ocasiona crimes como furto, roubo, homicídios, lavagem de dinheiro, dentro de empresas privadas e/ou públicas. O tráfico faz parte da realidade das cidades brasileiras e é com o dinheiro ilegal da venda de drogas que hoje funciona um dos maiores sistemas de consumo dessas substâncias, em plena luz do dia, denominado de Cracolândia, localizado na cidade de São Paulo, tema central desta pesquisa.

1.3 Drogas em São Paulo – Surgimento da Cracolândia

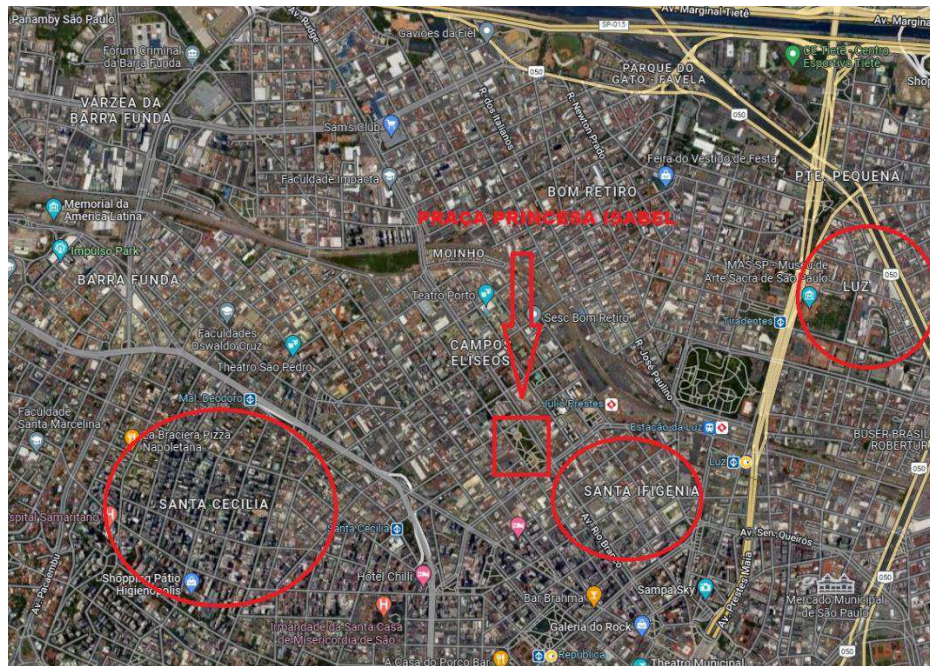
Enquanto a lata chacoalhar, e a ilusão for a sensação de ser mais poderoso, vários vai memo se arrastar, que a Cracolândia tá lotada de curioso. Espera um pouco, para e pensa e controla com as drogas. Que um barco sem direção, o mar leva pra rocha. A viagem é muito louca e sempre perigosa. E tá transformando em zumbi vários truta da hora. E lembra daquele parceiro que era atacante na quadra e com a mina? Sempre avançado no tempo, pelo linguajar e pela picadilha. Dançava um break com nós, sabadão quando tinha escola da família. Tá desandado no óleo e de bom exemplo, virou parasita. É que o beck enrolou e a brisa bateu na mente injuriada. É que a nota enrolou, ele tava na hora errada com a banca errada. Quando a brisa bateu, o convite foi feito, a atenção desviada. Prejudicou, perdeu tudo o que tinha. A família, os amigos, hoje não tem mais nada.

Mc Hariel; Alok, Ilusão.2021.

A epígrafe, é um trecho da música Ilusão, lançada pelo Mc Hariel e Alok, que ficou conhecida no ano de 2021 e faz alusão a Cracolândia, no Estado de São Paulo. A música faz menção a falsa sensação de poder relacionada ao consumo de drogas, sugerindo que muitos jovens tentam se “encaixar” em um grupo que leva ao consumo de drogas por ser considerado “modinha”, “descolados”, os induzindo a conhecer um mundo obscuro e que se assemelha mais ao “inferno”, termo destacado logo no início da canção. Além disso, a música retrata como os sujeitos que antes tinham uma estrutura familiar e um futuro a sua espera, adentraram a Cracolândia, passando a viver nas passagens, sem esperança e abandonados pela sociedade e pelo Estado.

A Cracolândia retratada na música, é um espaço que ganhou destaque por ser foco de uma enorme problemática das drogas. Segundo o jornalista Bertoni (2020) a Cracolândia, nome dado a algumas ruas localizadas no centro da capital paulista, é um território que ao longo dos anos se tornou espaço de conflitos e questões sociais, de saúde e segurança, por estar relacionado ao fácil acesso às drogas, acesso gerado e/ou aumentado por um intenso tráfico e grande aglomeração de dependentes químicos, que acabaram por dominar e [des]caracterizar a região, a transformando em um "problema urbano", de modo que a referida região é constantemente associada a periculosidade. O termo Cracolândia foi utilizado pela primeira vez em 1995, em uma reportagem que noticiava a prisão de traficantes na região que abrange mais especificamente os bairros de Santa Cecília, Santa Ifigênia e a região da Luz.

FIGURA 1 - CIDADE DE SÃO PAULO



FONTE: GOOGLE MAPS (2022).

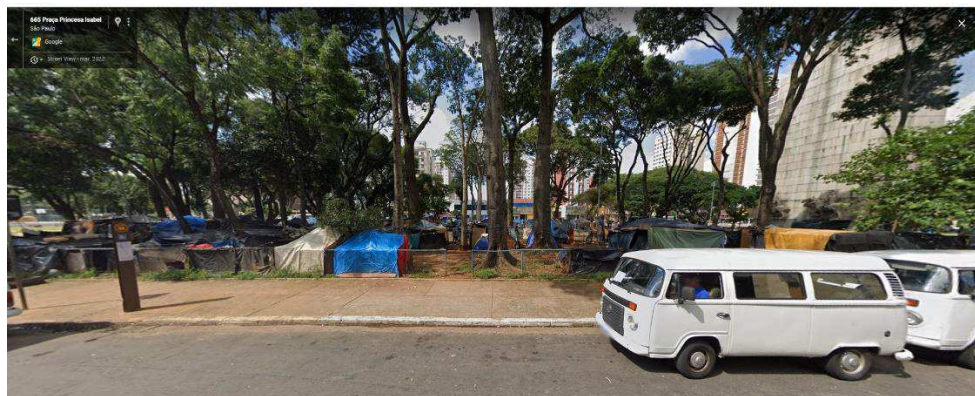
A imagem acima é um mapa da região por onde estão espalhados os dependentes químicos que moram nas ruas na cidade de São Paulo. Ao analisar a imagem é perceptível a distância de uma local para o outro, apesar disso, existem pontos específicos de cada bairro sinalizado onde se encontram um grande número de pessoas fazendo o consumo de substâncias psicoativas. Tratam-se de sujeitos que deixaram família, empregos e tudo o mais por motivo do vício, passando a viver nas ruas da cidade e se aglomerando pelas calçadas daqueles bairros. Ali também é possível encontrar com sujeitos que comercialização drogas, em plena luz do dia, o que alimenta o vício dos habitantes daquelas ruas. Esses locais que possuem uma grande concentração de dependentes químicos são denominados de Cracolândia.

O lugar passou a ser constituído por dependentes químicos pela degradação dos prédios naquelas regiões. O local, de grande importância econômica, pois concentra comércio de eletrônicos e onde antes havia arranha-céus cheios de luxo, abriu espaço para o abandono e o que se vê hoje são prédios completamente deteriorados. Na região da Luz existe a estação ferroviária que liga a cidade de São Paulo ao interior, com a saída dos pontos de interesses, o lugar que era cartão postal da cidade, passou a ser conhecido como “boca do lixo” (RUI, 2016). Embora a Cracolândia esteja ligada à região da Luz, os drogadictos, por motivos diversos, mudam de bairros constantemente, de tal modo a Cracolândia já ocupou diferentes espaços geográficos em São Paulo.

Os dependentes saíram da Praça Júlio Prestes e se dirigiram para a Praça Princesa Isabel em 2022, local que começou a ser denominado de “nova Cracolândia”, um fato que já havia ocorrido no ano de 2017, devido a uma operação ocorrida na região, onde a polícia utilizou da força para dispersar os moradores e dependentes químicos do local, porém dessa vez o motivo da mudança de lugar foi por uma determinação de criminosos (CULTURAUOL, 2022). A forma como os gestores da cidade de São Paulo e do Estado estão lidando com essa problemática de nada adianta, já que o que se observa é que com tais práticas de banimento fazem os dependentes químicos apenas mudarem de um local para outro, o que não irá trazer mudanças significativas.

Em 2022, se observou essa mesma dispersão e migração de local ocasionada pelo uso da força policial, se repetindo o ciclo sem fim. Segundo dados da prefeitura de São Paulo mais de setecentas pessoas fizeram essa migração (BRUM, 2022), o que deixa em evidência que o que os dependentes químicos que estão naquelas ruas precisam é de tratamento adequado e assistência para suas necessidades de saúde. De tal modo, de nada adianta o governo utilizar a força policial para resolver a questão, visto que o problema de segurança naquelas regiões é consequência de problemas de saúde mental, o que tem sido negligenciado pelas autoridades sanitárias de São Paulo e, de forma mais ampla, do próprio governo brasileiro, que tem se mostrado insuficiente para atender as demandas em saúde mental.

FIGURA 2 - PRAÇA PRINCESA ISABEL



FONTE: GOOGLE MAPS (2022).

A segunda imagem é possível visualizar como se encontra atualmente uma grande parte da Cracolândia, localizada na Praça Princesa Isabel, no bairro do Campos Elísios. Ali é possível observar diversas barracas espalhadas pelas calçadas, casas improvisadas pelos moradores de rua e dependentes químicos para fugir do relento e dos dias frios.

FIGURA 3 - CRUZAMENTO ENTRE AS ANEVIDAS RIO BRANCO E DUQUE DE CAXIAS



FONTE: GOOGLE MAPS (2022).

A imagem acima pode-se observar o ônibus de combate ao crack, que fica na Praça Princesa Isabel, uma das formas que o governo encontrou de colaborar com o combate a dependência a substância químicas, o ônibus é usado no programa federal, ele tem como objetivo enviar dados em tempo real para a polícia, levando informações contra os traficantes e suspeitos de tráfico (VIANA, 2013).

Apesar desse constante movimento e mudança de bairros, o espaço segue sendo constituído de moradores de ruas que fazem uso de alguma substância química. Apesar da visibilidade que a Cracolândia alcançou midiaticamente, o que levanta muitas críticas às autoridades do Estado de São Paulo, a região e a população de estabelecidos⁴ que ali reside ou trabalha, assim como os homens e mulheres dependentes, continuam sem quaisquer medidas do governo para solucionar as questões decorrentes do tráfico.

As drogas, notadamente o crack, ganharam espaço nesses bairros e entre os dependentes pelo seu fácil acesso e preço baixo, o que amplia o número de usuários que se tornam viciados na substância, já que a mesma provoca dependência com rapidez. Foram essas condições de acesso fácil que fizeram com que a referida droga se espelhasse pelas periferias da Zona Leste de São Paulo desde o ano de 1989, causando sérios transtornos para seus usuários, tais como:

⁴ Nesse trabalho chamamos de estabelecidos a população que possui residência fixa ou que trabalha nas regiões onde há concentrações de dependentes químicos, que vivem naquelas ruas. Estes últimos chamamos de outsiders, por tratar-se de estranhos, população flutuante. Os termos são utilizados como base nos conceitos de Norbert Elias e Jonh Scotson, em sua obra os Estabelecidos e os Outsiders.

destruição dos vínculos familiares e distanciamento ou abandono do lar, do trabalho e também da sociedade, o que trouxe inúmeros problemas não apenas para os dependentes químicos, mas para a sociedade em geral, notadamente, para a população que vive ou circula nas áreas que correspondem à Cracolândia (RIBEIRO, 2017).

Substâncias como o Crack começaram a ser desenvolvidas a partir de plantas que são capazes de alterar as percepções e os sentidos, levando a quem consome uma euforia momentânea, tais modificações químicas intensificaram os efeitos das substâncias e induz rapidamente ao vício.⁵ A droga é uma das mais utilizadas dentro da Cracolândia, sendo ela uma das principais a serem apreendida e traficada na região desde o ano de 1986 (FASSON; PUCCINELLI, 2010).

Sobre essa droga sabe-se que a mesma chegou em São Paulo como um vírus, se alastrando pelos bairros mais pobres da capital paulista, fazendo do centro da cidade sua principal casa. A desigualdade social colaborou para que o cenário da Cracolândia se tornasse digno de cenas de um filme de terror: cidadãos sem esperanças e viciados em uma droga que os matem vivos, ou quase vivos, na condição de zumbis, sem expectativa de um futuro melhor. Naquele “Cemitério de vivos”⁶, homens e mulheres se misturam ao lixo e à animais, vindo mesmo a serem comparados a “bichos”, pois ali, além da doença que alcança a alma e o corpo daquelas pessoas pela doença, também à miséria e o abandono social e político faz morada. Enfim, na Cracolândia sobrevivem nas ruas sujas, frias e perigosas, pessoas dominadas por um vício que mata, destrói relacionamentos familiares e retira dessas pessoas qualquer vestígio de dignidade, relegadas ao abandono por governos omissos e que se mostraram incapazes de encontrar soluções para os inúmeros problemas surgidos naqueles espaços.

Assim, a retirada dos usuários de drogas desses espaços é alvo de grande represália e medidas drásticas da polícia, o que impossibilita um contato eficiente e humanizado por parte de profissionais especializados no assunto. Prova disso são as diversas notícias que diariamente

⁵O Crack é uma droga ilícita, produzida a partir da Cocaína, sendo criada no ano de 1980 nos Estados Unidos, por ter um baixo custo de produção, por ser a base de bicarbonato de sódio ou amônia, a droga ganhou espaço no mundo do tráfico e sua comercialização logo alcançou níveis globais, sendo traficada para diversos continente, inclusive para o Brasil. A droga tem um efeito imediato e provoca em seus usuários uma euforia intensa, mas que tem uma duração curta, levando seus dependentes a utilizarem diversas vezes a substância em busca da sensação de euforia (BRASIL ESCOLA, ANO).

⁶ O termo foi utilizado em referência ao Livro Cemitério dos Vivos de Lima Barreto. Na obra autor retrata a vida no Hospício em suas inúmeras dimensões, levando os homens que chegavam aquela instituição a condições de quase morte. Apesar de não se tratar de uma instituição manicomial, a Cracolândia guarda semelhanças com a instituição manicomial, quando mantém homens e mulheres em situação de abandono por parte do estado e da própria sociedade, destituídos da condição de detentores direitos, violentados em sua dignidade, limitados ao mínimo possível para permanecerem vivos, ou quase vivos.

ênfatizando os comportamentos agressivos da polícia metropolitana contra os dependentes químicos.

Em uma matéria publicada no UOL, no ano de 2022, observa-se a seguinte manchete: “Defensoria Pública denuncia violência de ação policial na Cracolândia”. A matéria informa que a Defensoria Pública, em parceria com uma ONG, enviou um pedido de proteção para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, direcionado à população em situação de rua que vivem na Cracolândia. Devido a violência utilizada pela polícia para com os dependentes. Ainda segundo a notícia o pedido de proteção ocorreu após a morte de Raimundo Nonato Fonseca, um dependente químico que vivia nos bairros da Cracolândia, que foi baleado em uma operação policial na Praça Princesa Isabel, local onde abriga diversos moradores de rua e dependentes químicos, como é possível observar na figura 2.

A ineficiência dos gestores paulistanos também tem consequências para a população dita estabelecida, pois se encontram comprimidos entre os usuários de drogas e os traficantes que comercializam na região, tornando-se alvos fáceis da violência.

Mesmo depois de mais de uma década da primeira apreensão do crack na região a Cracolândia não passou por nenhum tipo de mudança específica, ela continua a ser alvo de notícias incansáveis que relatam as medidas bruscas utilizadas pela polícia em relação aos moradores daquelas ruas. Também são inúmeras as matérias midiáticas que falam sobre como tem se intensificado e aumentado gradativamente o número de dependentes químicos que constituem a Cracolândia. Inclusive, devido as ações policiais, é difícil dizer com precisão em que ruas os dependentes químicos se reúnem.

Por anos, a Cracolândia era associada a uma aglomeração de pessoas em situação de rua e usuários de drogas que se concentravam na região da Praça Julio Prestes, na Luz. Em março deste ano, eles foram deslocados para a Praça Princesa Isabel, a cerca de 500 metros de distância da Praça Julio Prestes. Mas com a grande operação policial realizada nesta semana na Praça Princesa Isabel, as centenas de pessoas que formam a Cracolândia se dispersaram pelas ruas da região central da capital paulista. Policiais e guardas civis metropolitanos têm acompanhado os grupos de pessoas em situação de rua e buscam dispersá-los, fazendo com que as aglomerações estejam em constante deslocamento pelas ruas do centro. (UOL, 2022).

Enfim, o descaso do governo com as populações que vivem nas ruas, assim como, em relação aos moradores e trabalhadores dessas regiões que são prejudicados devido ao tráfico e consumo de drogas, deixa em relevo a negligência governamental, o que repercute ano após ano. Apesar disso, é preciso frisar que diversos programas foram criados para colaborar com a

retirada dos dependentes químicos das ruas de São Paulo, mas nenhum deles teve quaisquer vestígios de eficiência, isso pode ser observado nas fotos, vídeos, notícias, novelas e músicas que são criadas tendo como principal inspiração o cenário aterrorizante da Cracolândia, que parece ter sido esquecida e colocada, como poeira, para “debaixo do tapete” pelos diversos governadores e prefeitos da cidade. Sobre isso, abordaremos mais detidamente no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

2.1 Os Olhares da Mídia Sobre a Cracolândia

Eu queria falar para todas as crianças que estão em casa, que procure nunca se envolver com droga, porque a história é triste.

Criança Desconhecida, Globoplay, 2022.

A epígrafe que abre esse capítulo é uma frase dita por uma criança que mora na região da chamada Cracolândia, entrevistada pelo programa Profissão Reporter. O menino é uma das centenas de crianças que moram no local, seja por que a família vive na região ou por ter sido abandonado.

Não é difícil encontrar notícias/ matérias midiáticas falando sobre a Cracolândia. Assim, com apenas uma simples busca na internet sobre o assunto é possível visualizar centenas de matérias que incluem essa temática. Tais matérias variam de notícias jornalísticas, informando o que acontece nessas ruas de São Paulo, minissérie, músicas, imagens, artigos científicos e vídeos que mostram/ retratam, por um lado a condição aterrorizantes em que se encontram centenas de pessoas aparentemente sem rumo, morando naquelas ruas e usando substância psicoativas, e, por outro lado, a situação da população dita estabelecida que reside naqueles espaços, apossados pelo medo e sem condições para se estabelecerem em outros espaços.

Um desses exemplos de como a mídia abrange os diversos lados da Cracolândia é o programa global, intitulado Profissão Repórter, mencionado acima, que acompanha o que acontece nessa região há quinze anos, e já realizou inúmeras reportagens informando o que incide no local, tanto com os dependentes, como os problemas enfrentados pelas pessoas que possuem residência ou trabalham no entorno da região.

No dia 03 de maio de 2022, o Profissão Repórter realizou mais um programa voltado para a Cracolândia, reprisando programas antigos e acompanhando os dependentes e moradores com quem que já tiveram contato no passado. Nessa edição, os moradores já estavam instalados na Praça Princesa Isabel, a reportagem encontrou Crislaine Silva Lima de 27 anos, uma moradora da Praça que, ao ser indagada sobre sua vida no local respondeu: “Uma porcária, porque eu escolhi esse lugar, eu gostaria muito que a minha família viesse me buscar, estou aqui desde que eu tinha 17, tenho 27, pelo amor de Deus me tira desse lugar.” (GLOBOPLAY, 2022). Um relato triste para quem assiste o programa, evidenciando como ainda existem

peessoas querendo sair de tais condições desumanas, já que vivem nas ruas, sem um emprego, sem uma alimentação certa, ou que possa ter uma higiene básica, é possível evidenciar a tristeza e o desconsolo no olhar de Crislaine, uma das inúmeras mulheres que vivem nessas condições na Cracolândia.

A equipe da reportagem estava presente quando a van da Defensoria Pública chegou no local para oferecer atendimento aos dependentes. Em entrevista para a reportagem, Fernanda Balera que trabalha na defensoria pública, ao ser questionada sobre os motivos para o fluxo mudar de lugar, respondeu:

Ah, são vários motivos! mas principalmente, pelo motivo de que estão acontecendo umas intervenções ali nas quadras, de onde ficavam anteriormente, vão ser construídos prédios, né? porque a gente sabe que todos os móveis que estão lá hoje vão ser demolidos e que vão ser construídos conjuntos habitacionais, então havia uma grande pressão para que o fluxo saísse de lá e essa intervenção pudesse acontecer” (apud. GLOBOPLAY, 2022).

Ainda no início da edição também foi entrevistado o dependente e morador de rua Jailson, que vive na região há mais de vinte anos, apesar de ter conseguido ficar sem usar crack por cinco anos ele relatou que teve uma recaída e voltou para o mundo das drogas. Jailson tem uma fisionomia magra, triste e abatida pelo uso da substância. Em seu relato o mesmo informou: “É poucas pessoas que entendem que aqui existe uma muralha invisível, eu tinha conseguido sair dessa muralha, depois eu voltei para a muralha de novo”, ao ser questionado se ele queria sair de novo o mesmo informou que queria sim sair (apud. GLOBOPLAY, 2022).

Relatos como o de Jailson e de Cristiane demonstram como ainda existe esperança na Cracolândia, como ainda existem pessoas ali que apesar da dependência tem força para lutar e traçar um caminho diferente, que apesar das dificuldades impostas pelo vício alguns sujeitos ainda persistem e não desistiram de tentar mudar sua trajetória, entretanto, sozinhos, sem amparo do governo e da sociedade são constantemente derrotados nessa luta, pois, como Jailson relatou, existe uma muralha invisível, uma barreira difícil de ser quebrada, o que demonstra a importância do apoio do Estado e também das famílias para a superação dessa muralha, pilares importantes para a construção de uma vida digna.

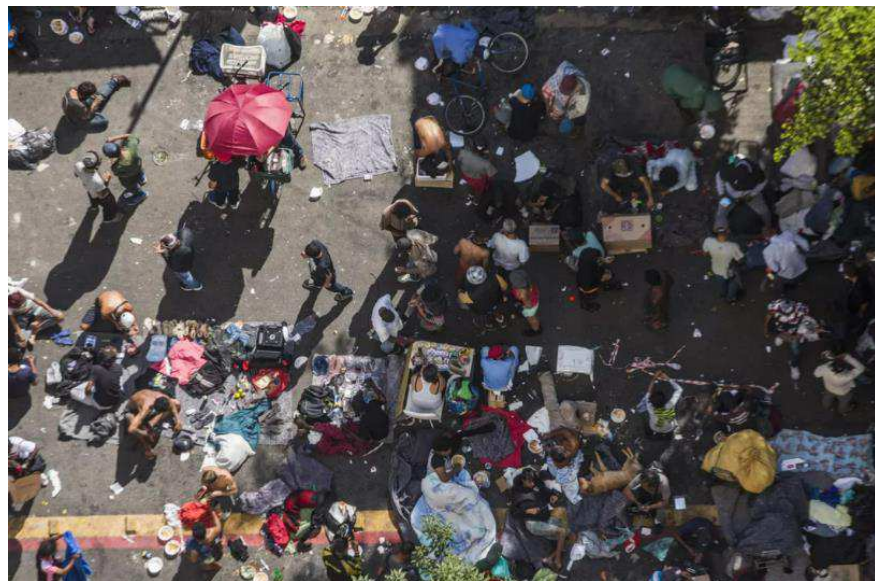
Ainda sobre o programa, as repórteres Mayara Teixeira e Sara Pavani foram até a rua Dino Bueno e encontraram um cenário totalmente diferente de como era há anos atrás. As ruas que eram lotadas de dependentes e moradores de rua estavam completamente calmas e limpas, um cenário de paz e tranquilidade deu espaço ao que antes era caos e terror. Para limpar a

imagem do local começaram a ser construídos prédios habitacionais a partir de uma parceria público privada. Ao entrevistar Alessandra Neris, uma moradora que residia há mais de um ano na região, em um dos prédios construídos, ao ser questionada como era viver no entorno do caos gerado pelos dependentes, a mesma disse:

Era assustador, não vou mentir, mas as pessoas nem tem culpa né, porque eles são doentes, a gente sabe disso e todo o trabalho que faziam também, as ONGs, igrejas, a própria prefeitura, eles ajudavam bastante, mas era difícil pra gente, não dava nem pra sair da sacada.” (apud. GLOBOPLAY, 2022).

O relato de Alessandra mostra como é aterrorizante estar residindo em um local cercado pelo mercado de drogas. O consumo e a venda da substância atraem constantemente não apenas dependentes que moram na região, mas que aqueles que vão apenas comprar. Ainda em sua resposta, Alessandra Neris, menciona que essas pessoas não tem culpa por viverem daquele jeito, afinal é algo que reafirma o que foi dito anteriormente sobre a dependência ser uma doença, que necessita de cuidados e uma atenção especial como outras doenças de cunho tão agressivo como essa.

FIGURA 4 - DEPENDENTES QUÍMICOS NA RUA HELVÉTICA



FONTE: O GLOBO, 2022

O cenário retrata um amontoado de pessoas consumindo e vendendo drogas, abandonadas, negligenciadas pela sociedade e pelas gestões de São Paulo. Cenas como essa são comuns de serem vistas em plena luz do dia por quem passava pela rua. Atualmente, após uma ação policial, essas pessoas se instalaram na Praça Princesa Isabel, onde continuam se reunindo para fazer uso de substâncias ilícitas. Tais cenas também são experimentadas diariamente por moradores e por pessoas que trabalham nas proximidades desses locais. Inclusive, são inúmeros

os relatos encontrados na mídia acerca de tais experiências, muitas vezes carregadas de terror e de medos, medos esses que são causados tanto pela imagem desoladora, de ver tantos homens e mulheres abandonados, em estado de total privação de direitos, como pela polícia que em suas ações para a expulsão dos moradores de rua e dependentes, usam de muita violência para dispersar essa parcela da população dos locais em que se aglomeram.

Sobre isso, uma moradora anônima, em entrevista ao Jornal da Gazeta, de São Paulo, declarou:

A gente não dorme né, é muito barulho principalmente depois das 23 horas. A gente tem o problema do tráfego né, que é 24 horas por dia embaixo das nossas janelas [...] E o barulho pior é das onze horas da noite até as sete horas da manhã, quando “pega fogo” porque não tem o apoio da GCM nesse período.⁷

Como a Cracolândia tenha se tornado uma questão urbana, de saúde, segurança e infraestrutura a ser enfrentada pelos gestores de São Paulo, que se mostraram incapazes de resolver o problema, a mídia assumiu o papel de denunciar e fiscalizar o que acontece naquelas ruas, tornando o problema conhecido em todo o mundo. Assim, tomemos como exemplo a novela global “Verdade Secretas”, onde a atriz Grazi Massafera interpretava a modelo Larissa, uma viciada em crack. Nas cenas da novela Larissa podia ser vista nas ruas, debilitada, magra, suja e desamparada e usando crack. As cenas foram gravadas em uma Cracolândia cenográfica, mas mesmo assim fez o público se emocionar e chorar com a triste história de Larissa, interpretada pela atriz, que por motivo do vício ficou exposta aos perigos das ruas, frio, lixo e violência de toda natureza, inclusive sexual (MOREIRA, 2015).

O vício a fez chegar a uma degradação extrema tanto da sua aparência como da sua saúde mental, o que retrata a realidade daquelas populações, conforme pode ser observado na reportagem analisada acima. No fim, a modelo encontra amparo e forças para mudar de vida, o que se deveu as ações de grupos de voluntários, religiosos ou não, mas que quase sempre são a única esperança para a maioria daqueles homens e mulheres abandonados pelo Estado. Enfim, a história que Grazi Massafera interpretou retrata a infeliz realidade de centenas de pessoas que

7 JORNAL DA GAZETA. **Moradores do complexo residencial próximo à Cracolândia reclamam da insegurança.** YOUTUBE. 4 de fev. de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NITt5OccPsY>. Acesso em 05.12.2022.

entraram para o vício e hoje se encontram nas ruas da Cracolândia em um estado deplorável devido as drogas.

FIGURA 5 - CENA DA MINISSÉRIE VERDADES SECRETAS



FONTE: PUREPEOPLE, 2015

A história da personagem Larissa terminou com um final feliz, o que não é algo rotineiro na Cracolândia. Finais felizes nesse local são dificilmente presenciados por aqueles que prestam assistência na região, entretanto, há histórias reais que não são mostradas na televisão e que inspiraram a personagem. Tais casos, muitas vezes invisibilizados pela mídia, deixam em relevo a importância do trabalho dos “anjos” que percorrem as ruas da Cracolândia para levar alimentos, agasalhos e às vezes resgatar aqueles que desejam se libertar do vício do crack.

Além das inúmeras reportagens que são feitas todos os anos, e a minissérie citada, foi desenvolvido também um documentário chamado “Cracolândia”, do diretor Eduardo Felistoque, lançado no ano de 2022. O documentário abrange importantes discursões e reflexões sobre o assunto, já que além de mostrar a conjuntura dessas ruas na região de São Paulo, são realizadas também entrevistas com especialistas de todo o mundo, levando os mais diversos olhares de como a Cracolândia pode ser enfrentada.

Logo no início do documentário apresentado pelo Deputado e Cientista político Heni Ozi Cukier, também conhecido como professor HOC, o mesmo fala sobre como deveriam acontecer as intervenções realizadas na Cracolândia,

Esse debate ele requer que você escute e lide com o lado que você não gosta, e quem não quer debater isso, não está sendo genuinamente honesto em querer lidar com o problema, estar repetindo uma retórica e um refrão ideológico e dizendo que vai continuar clamando: “é assistência, é assistência, é assistência. Como também do outro lado quem fala que tem que dar porrada, tem que acabar com essas pessoas, também não está querendo debater o que está acontecendo” (apud. CRACOLÂNDIA, 2022).

O deputado mostra dois pensamentos bastante comuns de quem conhece e observa os debates acerca do assunto, grande parte das pessoas do documentário, acredita que é necessária a assistência para que o lugar mude, porém, apenas a assistência não é suficiente para que isso ocorra, assim como de nada adianta dar “porrada” nessas pessoas que sofrem com uma doença, que afeta diretamente seu estado mental e físico. Enfim, as ações de violência realizadas pela polícia, não modificam o que acontece na região, pelo contrário, apenas incentivam e fortalecem os estigmas da população em relação àquelas pessoas.

O documentário também aborda as operações policiais que são realizadas dentro da Cracolândia. Uma das operações apresentadas foi colocada como sendo uma das mais violentas que o local já sofreu, onde foram apreendidos uma grande quantidade de drogas, que eram vendidas no local, o professor HOC justificou:

Ou se fazia uma operação policial, ou agia, ou tinha começado uma força dos bandidos, dos criminosos, ou aquilo ali era o começo do que a gente vê no Rio de Janeiro, o controle total de um território pelo crime organizado... e essa é a gota d’água, ficou evidente que não dava mais para lidar com a Cracolândia sem uma grande operação policial que fosse prender esses traficantes e lidar com tanta gente armada (apud. CRACOLÂNDIA, 2022).

FIGURA 6 - INTERVENÇÃO POLICIAL NA PRAÇA PRINCESA ISABEL



FONTE: FILME CRACOLÂNDIA, 2022.

A imagem retirada do documentário Cracolândia de 2022, mostra uma das inúmeras operações que a polícia já realizou no local. É possível observar que os confrontos entre traficantes e policiais são extremamente agressivos. A imagem deixa em evidência de um lado a polícia completamente armada e do outro as tendas que os moradores de rua e dependentes químicos utilizavam para dormir sendo queimados. Também se observa o lixo que é espalhado no chão devido ao movimento contínuo dessas pessoas em situação de rua, uma imagem triste. E apesar de serem apreendidas drogas em operações como essas, deve-se ter em conta que pessoas que já não tem nada perdem suas barracas e outros objetos pessoais.

Ainda sobre o documentário Cracolândia de 2022, foram entrevistadas também pessoas que já passaram e ainda permanecem na Cracolândia. Em seu relato William Medeiro, atleta de Jiu Jitsu e ex dependente químico, declarou que viver no local e ser usuário de crack era “um verdadeiro inferno, as pessoas vivem em função da droga lá, as pessoas não comem, não bebem... hoje eu peso 118 quilos, eu cheguei a pesar 68 quilos, muito magro... as pessoas lá vivem em função do vício” (apud. CRACOLÂNDIA, 2022). Já Leonardo que, ao tempo em que foi feito o documentário, ainda vivia na região e que é dependente químico, disse em entrevista como foi conhecer o crack e acabar tendo sua vida destruída pela droga que o fez passar de todos os limites:

A partir do momento que eu conheci o crack acabou minha vida, acabou tudo, por que ficou uma vida sem solução, perdi família, perdi mulher, perdi mãe, perdi todo mundo por causa da porcaria da química. Roubei, matei fiz uma burrada na minha vida que eu não podia ter feito, se eu pudesse voltar, mas não tem como né, a vida do ser humano é uma só (apud. CRACOLÂNDIA, 2022).

Vidas restituídas e vidas destruídas, isso é o que pode se ver ao pesquisar sobre os desdobramentos da Cracolândia. Aqueles que conseguiram superar o vício e os que ainda permanecem nele, mas a frente iremos observar como existem relatos de dependentes químicos que têm esperança de sair do local e voltar para suas famílias.

Nesse documentário também são feitas várias críticas ao programa “De Braços Abertos”, criado pelo ex prefeito de São Paulo Fernando Haddad (que iremos explicar detalhadamente posteriormente). Em um trecho do documentário, o Presidente da Associação dos moradores e comerciantes do Bairro Campos Elíseos, Antônio Lezio declarou:

Se o traficante tá aqui (de um lado) e o doente está aqui (do outro lado), você tem que levar o doente o mais longe possível não traficante, não é montar uma estrutura milionário, onde se gasta milhões, para deixar o cara na mão do

traficante, igual tinha os hotéis. Ah! Acabei com os hotéis dos “braços abertos”, acabou? Mas montou um monte de contêiner que tem o mesmo objetivo do hotel, não mudou nada. O cara vem ele tem comida, ele tem banho, ele tem tudo lá dentro e de graças, e como eles vão querer acabar com a Cracolândia oferecendo todos esses benefícios para quem quer se instalar aqui dentro... o que acontece é que são muitas ongs profissionais trabalhando aí dentro com interesses que a gente desconhece, por que eles trabalham mais na manutenção da cracolândia do que na retirada dela. Eu entrei com uma ação agora, recente, pra liberar a ação da polícia, para deixar a polícia trabalhar pelo menos, foi indeferido... e a população? Vai ficar à mercê dos doentes? Se são doentes tem que ser internados, se são bandidos tem que ser presos, tem que definir quem é quem nessa situação, os moradores vão pagar essa conta até quando? (apud. CRACOLÂNDIA, 2022).

Outro documentário que aborda esse problema da cidade de São Paulo foi feito pelo Domingo Espetacular, “Cracolândia – O Retrato do Caos: documentário dá voz aos usuários de crack”, o documentário lançado há cinco anos pela rede de TV Band, deu destaque e voz aos dependentes químicos, mostrando aos telespectadores a Cracolândia pelo olhar dos próprios dependentes químicos. O referido documentário trouxe o relato de diversos dependentes, mostrando a realidade dessas pessoas que circulam pelo local a procura de mais drogas, onde cada pedra de crack pesa em média 0,25g e é vendida por cinco reais. Preço irrisório se comparado com os valores de outras drogas, e é isso o que leva essas pessoas a procurarem pela substância. ao entrevistar os dependentes do local os relatos dados são assustadores e retratam o sentimento daqueles que não tem voz, são invisíveis diante da sociedade que os condena. Em entrevista o adicto Joel de Sousa relata: “É um prazer maldito, o ser humano ele é movido a prazer, só que esse prazer vai acabar com a minha vida”. Outro dependente, chamado Valdomiro da Silva sublinhou: “Eu perdi minha vida inteira, perdi mulher, perdi tudo, eu sou um lixo”. (apud. DOMINGO ESPETACULAR, 2017).

Em relatos como esses é possível evidenciar o lado obscuro da vida dos dependentes, como a droga os deixou sem nada, como os fez se afastarem das suas famílias. Embora fique em evidência certa consciência sobre como a substância os destroem, os mesmos não conseguem se afastar desse “prazer maldito” que os dá uma alegria momentânea, os tirando daquela realidade de sofrimentos por alguns minutos, entretanto, depois do efeito da droga se esvaír do corpo a realidade que fica é triste, frustrante, dolorosa e assim se gera o círculo vicioso na procura de mais um pouco de prazer proporcionado pela droga.

As drogas que produzem dependência ativam os circuitos cerebrais que são normalmente ativados por reforçadores naturais como fome, sexo. A ativação desses circuitos está na raiz do aprendizado que inicia o processo da dependência química. De forma simplista, podemos dizer que devido ao fato

que essas drogas produzem prazer, o indivíduo terá maiores chances de querer repetir a experiência, e este uso repetido mudará os circuitos cerebrais, com grande chance de produzir dependência (DUAILIBI; MARQUES, p. 323, 2017).

Ainda sobre o documentário “Cracolândia – O Retrato do Caos” é possível ver como essas pessoas vivem nas ruas a noite em uma das cidades mais frias do Brasil, em determinada época do ano a temperatura pode chegar a 13 graus, porém São Paulo já registrou temperatura muito abaixo de 13 graus. Os adictos que vivem nas ruas se reúnem para fugir do frio e é possível ver nas calçadas fogueiras que são feitas para escapar do vento gelado e cobertores, conforme pode ser observado na imagem abaixo, retirada do documentário.

FIGURA 7 - MORADORES DE RUA SE PROTEGENDO DO FRIO A CRACOLÂNDIA



FONTE: DOMINGOESPETACULAR, 2017

O dependente Gonilson Monteiro declarou: “Viver na Cracolândia é muito difícil, quem não é acostumado apanha direto, é muita briga, são muitas confusões”. A imagem retirada do documentário mostra pessoas se escondendo das noites geladas da maior cidade do Brasil, agrupadas, circulando a procura de suprir as necessidades do vício madrugada afora. No documentário uma dependente que não quis se identificar conta com tristeza e lágrimas nos olhos, como foi sua primeira experiência com a substância:

Minha mãe um dia apareceu na minha casa e falou assim, aí para de fumar maconha, fuma um crack, deixa eu experimentar um crack, vamos experimentar, minha mãe foi lá, com

uma latinha furou três furo tá ligado, acho que foi a primeira vez dela também, a gente fumou cara (apud. DOMINGO ESPETACULAR, 2017).

É possível identificar a tristeza da moça ao relatar ter usado a substância, como se a partir daquele dia sua vida e a de sua mãe tivesse mudado para sempre, a dor de ter que viver sobre a sombra de um vício fica notória em toda a fala, inclusive quando lembra que a mãe também experimentou aquela substância tornando-se dependente como ela. Enfim, mãe e filha tomadas por um terrível vício que terminou por destruí-las e separá-las, pois se perderam naquele lugar de desolação.

O documentário aborda vários temas e como funciona os dias na Cracolândia, as histórias tristes que são encontradas no lugar, os motivos que levaram essas pessoas a entrarem para o vício, a dor que sentem de não conseguirem sair do vício e estarem desperdiçando suas vidas por causa de uma substância que os destroem. Apesar dos relatos tristes, é possível observar como ainda existe esperança, os adictos entrevistados relataram o desejo de sair daquele lugar, de voltar para suas casas, para suas esposas, retornarem para suas mães, buscar tratamento, se livrar do vício que os consomem, mas precisa de muito mais que apenas esperança, precisam de amparo, assistência, necessitam que sejam escutados, compreendidos e, principalmente, da “mão” do Estado, da sociedade e de suas famílias.

Por um breve momento a Cracolândia passou por mudanças significativas que fizeram uma grande diferença entre os dependentes químicos que se viram amparados por uma gestão que dava visibilidade a eles e os acolhia, o que aconteceu quando Fernando Haddad assumiu a prefeitura da cidade de São Paulo, entre os anos de 2013 até 2016. Apesar da atuação de Haddad, a opinião da população de São Paulo se divide em relação a sua atuação frente a população que vive na Cracolândia, para muitos ele foi considerado como um dos melhores prefeitos que a cidade já teve, para outros um dos piores. Haddad criou o programa “De Braços Abertos”, que, segundo dados da prefeitura de São Paulo, provocou uma redução substancial no número de dependentes químicos na região da Cracolândia, chegando 80% no fluxo de adictos (TERRA, 2015).

O desenho do programa, à época, apresentava cinco objetivos principais: (I) implantação de ações intersetoriais e integradas nas áreas de assistência social, direitos humanos, saúde e trabalho; (II) construção de uma rede de serviços para o atendimento aos usuários, visando a redução de danos, pela oferta de moradia e emprego; (III) disponibilização de serviços de atenção integral à saúde; (IV) fortalecimento de uma rede social visando a inserção dessa população nas políticas públicas e (V) estímulo à participação e apoio da sociedade (SÃO PAULO, 2014, apud SORETO, 2019).

Na Criação do programa “De Braços Abertos”, segundo a prefeitura de São Paulo, em 2015, quando o projeto completou um ano, já beneficiava 453 pessoas, somando também mais de 54 mil atendimentos de saúde aos dependentes químicos, tendo também atendido 599 pessoas no sistema odontológico, 21 beneficiários com total autonomia e trabalho que se encontravam fora do programa, e mais de 321 em trabalhos de varrição de ruas e limpeza de praças (SÃO PAULO, 2015). Com tais dados não é difícil perceber como o projeto avançava positivamente, levando aos dependentes e moradores de rua uma reinserção a sociedade e os colocando novamente como seres dignos de direitos e com um emprego para reestruturar suas vidas.

Antes da implantação do projeto, a região popularmente conhecida como Cracolândia recebia diariamente cerca de 1.500 usuários de drogas, pessoas que faziam uso do crack a céu aberto em diversos pontos. Atualmente, de acordo com o Secretaria Municipal de Saúde, o fluxo, como é chamada a cena de uso de drogas, está concentrado apenas na região da Alameda Cleveland com a Rua Helvetia e recebe em média 300 pessoas por dia - uma redução de 80% ao longo dos últimos 12 meses (SÃO PAULO, 2015).

Abordando ainda mais profundamente sobre o programa, o mesmo oferecia dentre outras coisas: empregos de zeladoria com uma remuneração de R\$15 por dia, além de atividades de capacitação, três alimentações diárias e vagas em hotéis da região. Muitos dos dependentes e moradores de ruas que antes viviam em barracas nas calçadas da chamada Cracolândia foram direcionados para esses quartos de hotéis que o programa oferecia (SÃO PAULO, 2015), um passo extremamente importante para a mudança da condição de “situação de rua”. Ainda os beneficiários eram acompanhados de perto pela assistência social, tendo um maior contato com os serviços de saúde, de modo que puderam tratar seus vícios e se inserir novamente no mercado de trabalho, além de serem abraçados por programas direcionados a cultura, esporte e lazer.

O projeto parte do resgate social dos usuários de crack por meio de trabalho remunerado, alimentação e moradia digna, com orientação de intervenção não violenta. Suas diretrizes trazem um novo olhar sobre o dependente químico, que deixou de ser tratado como um caso de polícia e passou a ser encarado como cidadão, com direitos e capacidade de discernimento. O tratamento de saúde é uma consequência das etapas anteriores, e não condição prévia imposta para participar do programa (SÃO PAULO, 2015).

O programa de acolhimento trouxe aos dependentes químicos humanidade, oferecendo emprego, tratamento de saúde, e alimentação aos vulneráveis. Grande parte da população em situação de rua que vivia na Cracolândia pôde trabalhar com carteira assinada e ver o seu próprio crescimento, muitos deles trabalhavam com varrição e limpeza das ruas e praças paulistas, ganhando um salário digno e se afastando das drogas, o programa levou diversas mudanças naquela região sendo capaz até de diminuir a violência e os roubos que aconteciam

constantemente ali. Foi também dada oportunidade para que os dependentes químicos pudessem estudar, o que se deveu a criação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). (TERRA,2015).

Haddad, em uma entrevista de 2014, declarou o seguinte sobre o programa “De Braços Abertos”: “Nós conseguimos mudar a cara da região e integrá-los numa frente de trabalho, com tratamento médico que é o que pode construir um novo horizonte para este pessoal” (apud. CRACOLÂNDIA, 2022). Foi notória a mudança que ocorreu, dependentes sendo reintegrados a sociedade e tendo oportunidades de emprego e estudo para retomarem as rédeas de suas vidas, tendo um melhor acesso a saúde para poderem vencer a doença do vício. Apesar de todos os êxitos alcançados com os programas implementados durante a gestão de Haddad, quando João Dória assumiu a prefeitura da cidade, as conquistas/ benefícios foram por água abaixo.

Inclusive, os governos anteriores a gestão do petista Fernando Haddad, trataram a Cracolândia como uma questão de segurança pública apenas,

Desde meados dos anos 1990 até a criação do DBA, as ações do poder público na região foram marcadas pela predominância do dispositivo policial e por terem um caráter de ação imediata e pretensamente definitiva, com a intenção de acabar com a Cracolândia. Isso está explícito nas denominações que receberam: Tolerância Zero, Operação Limpa e Operação Dor e Sofrimento (ALVES et al, 2020, p. 5).

Durante o governo de João Dória, em face do “clamor midiático por mudanças na Cracolândia”, o programa “De Braços Abertos” foi extinto, o que levou a população que vivia nos abrigos do programa a voltar a viver nas ruas centrais de São Paulo, de modo que os supostos benefícios conseguidos até aquele momento foram postos abaixo (ALVES et al, 2020).

Em 21 de maio de 2017, numa megaoperação que envolveu 900 agentes numa ação açodada e descoordenada, a polícia invadiu a Cracolândia com o objetivo de prender traficantes e limpar a área. [...] Ao acompanhar a ação, o prefeito João Dória anunciou o fim do DBA, que foi associado à montanha de lixo e ao volume de traficantes presos com armamento pesado. Mais do que isso, o prefeito declarou o fim da própria Cracolândia e o lançamento de uma proposta de revitalização da região (ALVES et al, 2020, p.8).

Com o fim do programa “De Braços Abertos” a desigualdade na região voltou a subir, o que é de praxe em muitos governos de direita e centro direita, na qual, pode ser perceptível o aumento da população em situação de rua daquela região em cerca de 47%, segundo dados da Guarda Civil Metropolitana (VERMELHO, 2021).

O sucessor de Dória, Bruno Covas, seguiu a mesma linha de seu antecessor, muitas vezes chamando publicamente o programa criado pelo petista de “Bolsa Crack do PT”. Durante

as campanhas eleitorais 2020, em um debate político com o então candidato à prefeitura de São Paulo pelo Psol, Guilherme Boulos trouxe o tema Cracolândia para pauta, surpreendendo que Bruno Covas tenha contestado sobre tão complexo problema como: “não se[ndo] um tema relevante para o debate” (apud BANDNEWS, 2020). Em falas como essa podemos ver o descaso dos gestores de direita e centro direita quando se trata de assistência aos dependentes químicos.

Reeleito em 2020, Bruno Covas faleceu no ano seguinte em decorrência de complicações de saúde, com seu falecimento quem assumiu o governo de São Paulo foi seu vice, Ricardo Nunes, que defende a prisão de quem usa crack em vias públicas:

Dentro desse contexto, existe um planejamento. Uma das ações, dentro da Operação Caronte, é a fase 6. Conforme está na legislação brasileira, o uso de drogas em via pública não é permitido. Portanto, se as pessoas estiverem fazendo uso daqueles cachimbos de craque em via pública, a polícia está abordando, fazendo a condução dessas pessoas para tratamento (apud BANDNEWS, 2022).

Este é o mesmo prefeito que é contra a Guarda Civil Metropolitana utilizar câmeras nos uniformes para entrada na Cracolândia, que segundo a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, reduziu em 80% as mortes dos e por policiais. A utilização deste equipamento seria de grande-valia, tendo em vista, que o termo “guerra às drogas” tem sido utilizado ao pé da letra (SOBRINHO, 2022).

Por todo o exposto, entende-se que um dos motivos para a Cracolândia ainda existir é a falta de programas e incentivos do governo para com a população daquela região, esse fato se afirma ainda mais devido o avanço que se teve com o programa “De Braços Abertos”, que foi capaz de levar mudanças significativas e que trouxe resultados e a diminuição da população de rua e de dependentes químicos ali.

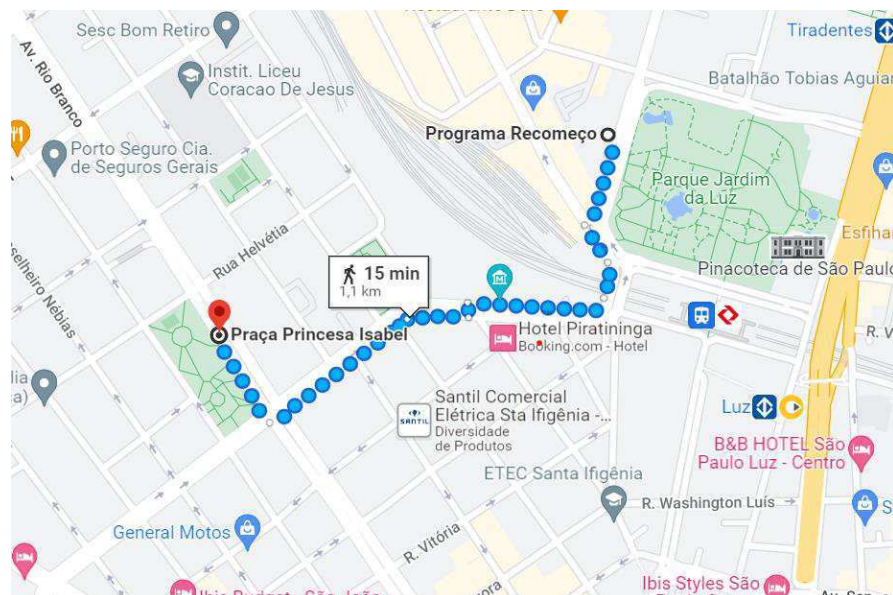
Apesar dos debates políticos, das notícias e de toda a mídia que envolve o tema da Cracolândia, as ruas que são denominadas assim continuam sendo o lar de centenas de dependentes químicos, tendo apenas os serviços de assistência como o Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas – CRATOD, Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua – Centro POP, Centro de Referência Especializada de Assistência Social – CREAS e as Ongs como principais forma de ajuda aos dependentes químicos. Sobre isso vamos abordar melhor no próximo ponto.

2.2 A Cracolândia: por dentro das unidades de saúde

Com o avanço da Cracolândia nas ruas de São Paulo, aumenta o número de dependentes químicos e a violência naquelas da região, diante do que se faz essencial um serviço de saúde e assistência qualificado para as demandas que o local abrange. Para que isso seja realizado é necessária toda uma estrutura com uma equipe multiprofissional que vai desde médicos, psicólogos, assistentes sociais entre outros profissionais.

Nesse tópico vamos abordar mais especificamente o papel dos assistentes sociais na linha de frente contra as drogas e suas funções em diferentes locais de trabalho, já que na Sé, região central de São Paulo e nas proximidades da Cracolândia fica localizado o Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas – CRATOD e o Centro de Referência Especializada de Assistência Social – CREAS, principais unidades que são responsáveis por prover assistência e cuidados especializados aos dependentes químicos e também a outras demandas, na imagem abaixo é possível observar a distância do Programa Recomeço, realizado pelo CRATOD, para a Praça Princesa Isabel, onde os dependentes químicos se deslocaram depois de ações policiais.

FIGURA 8 - DISTÂNCIA ENTRE O CRATOD E A PRAÇA PRINCESA ISABEL



FONTE: GOOGLE MAPS.

A saúde pública tem sido palco de diversos debates, devido ao seu constante avanço e importância para a construção de uma nação que seja capaz de garantir o bem-estar da

população, já que a saúde é um direito humano que deve ser garantido pelo Estado, conforme preconiza a Constituição Federal,

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

Assim, entender a concepção da saúde e como as práticas de assistência passaram por importantes questionamentos é fundamental para compreendermos que o que visualizamos hoje é uma parte da pauta da reforma sanitária e psiquiátrica iniciadas a partir da segunda metade do século XX.

A nova configuração da política de saúde vai impactar o trabalho do assistente social em diversas dimensões: nas condições de trabalho, na formação profissional, nas influências teóricas, na ampliação da demanda e na relação com os demais profissionais e movimentos sociais. Amplia-se o trabalho precarizado e os profissionais são chamados a amenizar a situação da pobreza absoluta a que a classe trabalhadora é submetida (CFESS, 2010, p.23).

Com o objetivo de articular esse direito com a população, existe a inserção do Serviço Social, que atua desde os anos 1940 no Brasil, nas respostas institucionalizadas do Estado frente às necessidades sociais da população, formando profissionais capazes de atuar nas mais diferentes áreas, variando entre educação, saúde, previdência, entre outras demandas que fazem parte das políticas e dos direitos sociais existentes na sociedade. Tais profissionais, por terem obtido conhecimentos específicos dentro da área da saúde, são capazes de produzir e conduzir estratégias que atendam às necessidades daqueles que buscam serviços nesta área de saber (SARRETA, 2008).

Assim, resta evidente a importância dos assistentes sociais no enfrentamento das consequências do uso de drogas aos dependentes químicos e na busca pela reestruturação da família, bem como seu retorno à sociedade. Nesse sentido, existe o CRATOD, uma unidade responsável tanto pela coordenação, quanto pela capacitação dos profissionais da rede pública do Estado de São Paulo para que seja possível o tratamento do tabagismo. Assim, o espaço proporciona cursos de formação, aprimoramento profissional e fóruns de discussões sobre o uso de substâncias psicoativas, entre outros (ZOLDAN, RIBEIRO, 2017).

A partir de 2013, o CRATOD se transformou no centro gestor das ações de saúde do Programa Recomeço, do governo do Estado de São Paulo. Além da ampliação do atendimento ambulatorial, o serviço passou a funcionar de modo ininterrupto, interligado a uma rede de enfermarias de desintoxicação (leitos hospitalares) e de comunidades terapêuticas (acolhimento social), o que o transformou na maior unidade de atendimento ao usuário de substâncias psicoativas da América Latina (ZOLDAN, RIBEIRO, p.5, 2017).

O programa Recomeço, citado por Zoldan e Ribeiro, foi criado em 2013, com o intuito de desenvolver, aprimorar e executar estratégias de atendimento nas três fases de tratamento que existem para os pacientes que são dependentes de substâncias psicoativas, “sendo elas: acolher, oferecer tratamento hospitalar, ambulatorial e reinseri-los socialmente, assim como tratar também seus familiares co-dependentes” (MORAES; LIMA; PEREIRA, p.262, 2017). O programa tem uma equipe totalmente especializada para que seja possível fazer a remoção de dependentes das ruas para que sejam tratados e cuidados da forma mais humanitária possível, já que esse é um dos principais focos da unidade (MORAES; LIMA; PEREIRA, 2017).

Ademais, para a busca de direitos dos cidadãos se fez necessário a implementação do serviço social dentro do CRATOD. Na unidade o assistente social tem como principal objetivo a realização de oficinas que trabalham com dinâmicas de grupos abertos, tendo como processo principal intensificar a autonomia do público alvo, os dependentes de drogas, bem como o exercício da sua própria cidadania e sua independência, para isso se faz necessário treinar as habilidades e competências de cada sujeito (GOUVEIA, 2017).

Para além do exercício da autonomia, há diversos outros aspectos da cidadania que podem ser trabalhados: Refletir os processos de inclusão e exclusão das pessoas; refletir sobre direitos e deveres; refletir sobre o exercício da cidadania; respeitar as diferenças sociais, pessoais, culturais e econômicas; aprender a trabalhar em grupo; trabalhar o contexto da violência como desrespeito ao direito; conhecer e refletir sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos (GOUVEIA, 2017, p.123).

É evidente a importância das contribuições que o Serviço Social tem a fazer dentro de uma instituição como o CRATOD, o que intensifica os cuidados com os dependentes de substâncias psicoativas. O trabalho profissional dos assistentes sociais é importante para os cuidados com esse público, já que visa amplamente a garantia dos direitos, tanto civis, como sociais do indivíduo. De um modo geral, uma equipe multiprofissional se torna ainda mais completa com a participação desses profissionais.

São vários os serviços que são oferecidos pela unidade do CRATOD que estão amplamente ligados a Cracolândia e a reinserção social e assistência voltada para as os usuários de drogas em situação de rua.

Mas se o CRATOD promove tantos benefícios porque o problema da Cracolândia só tende a crescer? Existe toda uma equipe especializada dentro dessas unidades para lidar com esse público em especial, porém, ainda são muitas as dificuldades para o seu adequado funcionamento e efetividades dos serviços oferecidos. Brevemente podemos elencar dois

fatores: falta de infraestrutura adequada para o seu funcionamento, orçamento insuficiente para o suporte de todas as demandas que são originadas da Cracolândia.

É importante observar que estamos falando de um dos maiores lugares que comportam pessoas em situação de rua, precarização, desigualdade social e principalmente a dependência de substância ilícitas. Assim, embora o CRATOD realize internações, apenas isso não resolverá o problema em questão, de modo que se fazem urgentes a criação de projetos e políticas públicas eficientes para resolver as questões sociais surgidas e/ou ampliadas pelo uso de drogas.

Uma outra instituição que tem grande importância na Cracolândia é a unidade do CREAS que pauta assuntos de alta complexidade,

O CREAS é a unidade pública estatal de atendimento e referência para o trabalho social especializado no SUAS. Conforme Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, todo CREAS deve ofertar o PAEFI, podendo, a depender da realidade e demanda do território, ofertar outros serviços de PSE de média complexidade. Sua implantação, funcionamento e a oferta direta dos serviços constituem responsabilidades do poder público local e, no caso dos CREAS Regionais, do Estado e municípios envolvidos, conforme pactuação de responsabilidades. (FERREIRA; CRUZ; MATIAS, 2012, p. 22).

Esse órgão tem assim como objetivos levar a proteção a família e reparar a situação de vida de pessoas que necessitam de ajuda especializada para conseguir autonomia e posteriormente ter suas vidas modificadas. De tal modo, a atuação do CREAS visa reintroduzir os dependentes químicos ao ceio familiar e à vida em sociedade como uma pessoa digna de direitos e trabalho, para isso, a equipe do CREAS realiza uma aproximação gradativa com os usuários para que seja possível a construção de vínculos entre a equipe e a pessoa a ser atendida, para envolvê-los em um acompanhamento especializado dentro da unidade do CREAS e também do Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua – Centro POP (FERREIRA; CRUZ; MATIAS, 2012).

Inclusive, o Centro POP

tem o propósito de atender famílias e indivíduos nas mais diversas situações de vulnerabilidade social ou violação de direitos. As unidades do Centro POP são geralmente imóveis alugados, cedidos ou públicos. Além disso, a abordagem é distrital ou regional. Os usuários do serviço são famílias e indivíduos que vivenciam violação de direitos como violência física, sexual, psicológica, situação de rua, cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, entre outros (SÃO PAULO, s/a).

Além do Centro POP e do CREAS o espaço de assistência aos homens e mulheres dependentes químicos e em situação de rua da Cracolândia conta também com o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, que promove a vigilância socioassistencial, analisando a

capacidade protetiva das famílias e da comunidade, bem como a vulnerabilidade e os riscos tanto pessoais como sociais, o acesso a direitos e a proteção social visando a prevenção e os agravamento das situações de risco.

Nos termos do Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas, instituído pelo Decreto nº 7.179, de 20 de maio de 2010, cujas ações intersetoriais foram ampliadas e fortalecidas por meio do programa “Crack é possível vencer”, lançado pelo Governo Federal em dezembro de 2011, a política de Assistência Social tem um importante papel, no enfrentamento à questão do uso e dependência de crack e outras drogas, particularmente no que diz respeito às ações de prevenção e reinserção social (FERREIRA; CRUZ; MATIAS, 2012, p. 5).

O SUAS faz parte de uma extensa rede de assistência responsável por averiguar a vulnerabilidade do local, ligando todas as outras unidades, que trabalham tanto individualmente quanto em conjunto para prestar serviços especializados. É importante ressaltar que além das unidades mencionadas se faz presente os serviços oferecidos pelo Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, entretanto, como a proteção social é dividida em vulnerabilidade e violências a que determinada população estão submetidas, entende-se que a população em situação de rua e os dependentes químicos, que se encontram nas tipologias do CREAS e também do Centro POP, por se tratarem de situações de proteções especiais, por essa razão não iremos aprofundar os serviços oferecidos pelo CRAS.

Adentrando ainda mais no trabalho realizado pelo Centro POP, essa unidade pública e estatal trabalha diretamente com a população adulta em situação de rua, além disso a unidade também oferece o Serviço Especializado em Abordagem Social, que busca a vinculação das pessoas em situação de rua com a unidade e também os serviços de acolhimento do SUAS. Caso seja necessário, essa unidade é uma importante estratégia e um equipamento necessário para o atendimento socioassistencial especializado para que seus usuários consigam sair das ruas, já que a atenção que é ofertada visa possibilitar o acesso aos espaços e recursos da unidade, bem como o trabalho social intensivo sobre o acesso aos direitos socioassistenciais, das pessoas em situação de rua, assim como a (re)construção de projetos de vida, sendo trabalhado a autoestima e a sua autonomia do sujeito (FERREIRA; CRUZ; MATIAS, 2012).

O acompanhamento especializado, ofertado por este Serviço, pode ser realizado por meio de diversas técnicas e metodologias, incluindo a realização de atendimentos continuados, atividades coletivas e oficinas que possibilitem o fortalecimento da autoestima e identidade, o desenvolvimento de sociabilidades e o fortalecimento de vínculos interpessoais e/ou familiares que oportunizem a (re)construção de novos projetos de vida com os (as) usuários (as). O acompanhamento também deve contemplar os encaminhamentos para assegurar a inclusão deste público no Cadastro Único para Programas Sociais

e a benefícios socioassistenciais, inclusive o BPC, conforme necessidades e perfil identificado. Para facilitar a inclusão no Cadastro Único e acesso a direitos, o endereço do Centro POP poderá, inclusive, ser utilizado como endereço de referência pelo usuário (Portaria GM/MDS nº 376/2008). Na perspectiva da integração entre serviços, benefícios e transferência de renda, estes encaminhamentos devem ser realizados no contexto de sua vinculação aos serviços (FERREIRA; CRUZ; MATIAS, 2012, p. 35).

Sendo assim, o Centro POP é um forte aliado nas questões surgidas na Cracolândia, levando medidas especializadas para o público em situação de rua e os vinculando a serviços de assistência e programas públicos, fator de grande importância para que essa parcela da população consiga sair daquela situação de precarização, já que vivem em um contexto de desigualdade social e sem recursos financeiros para que seja possível sua inserção em um lar apropriado.

Além do que já foi exposto sobre a unidade, resta evidente que as pessoas que se encontram em situação de rua se associam também a dependência de crack ou outras substâncias ilícitas e nocivas à saúde, sendo assim o Centro POP é responsável por realizar a avaliação necessária para o acompanhamento na rede de saúde de modo que sejam assegurados os cuidados necessários para cada caso.

Particularmente em relação à situação de rua associada ao uso/dependência de drogas, o Centro POP representará uma importante retaguarda para o acompanhamento na rede de saúde, seja na realização do trabalho social com os indivíduos que permaneçam em atendimento ambulatorial seja para aqueles, por exemplo, que se encontrem sem referência familiar e prestes a receber alta de tratamento hospitalar, momento no qual a rede de assistência social poderá também ser acionada. (FERREIRA; CRUZ; MATIAS, 2012, p. 36).

Apesar dos serviços que o estado oferece para que seja prestada a assistência especializada para o público em situação de rua e/ou também aos dependentes químicos da Cracolândia, tais serviços se mostraram insuficientes, de modo que se torna relevante o papel das ONGs⁸ para a redução de riscos. Chama a atenção o trabalho desempenhado pela ONG “Mãos que Abençoam”, que, graças às doações, desenvolvem quatro projetos em São Paulo, destacando-se o Projeto Cracolândia:

Este projeto acontece de forma mensal desde a fundação ONG. Uma equipe de voluntários se dirige até a região da Cracolândia, situada no centro da cidade de São Paulo onde se encontra uma concentração de usuários de crack

⁸ Uma ONG, ou Organização Não Governamental, é um tipo de organização que não possui fim lucrativo, formada com objetivos específicos de trabalhos sociais e questões relativas ao bem-estar da sociedade. As ONGs se enquadram no terceiro setor da organização social. Ou seja, fazem parte da mesma categoria de execução de serviços do poder público, apesar de não serem parte do mesmo. Vale lembrar que o primeiro setor é constituído pelo governo e o segundo pelas entidades privadas. (Stoodi, 2020).

e outras substâncias químicas. São levados a este local lanches, chocolate quente, água, roupas e cobertores. Normalmente são levados 500 lanches e 40 litros de leite, além de suprir as necessidades básicas e fisiológicas mínimas essa ação conta com o desejo maior, de resgatar as vidas que manifestam o desejo de deixar vício e uso das drogas e se reintegrar na sociedade. Os interessados na mudança de vida, são acolhidas e encaminhadas para equipamentos sociais e/ou comunidades terapêuticas onde podem iniciar o tratamento. (OngMaosqueAbencoam).

Além do Projeto Cracolândia a referida ONG também oferece mais três projetos, quais sejam: o Projeto Sé, que tem o mesmo objetivo do anterior, mudando apenas o território de atuação. Na Sé existe um público diferente da Cracolândia, onde são encontrados imigrantes refugiados e pessoas do movimento Sem Teto, que moram em edifícios invadidos; o Projeto Zona Leste, que ajuda mensalmente os moradores da região da Zona Leste de São Paulo, tais homens e mulheres são registrados e assistidos para fins de receberem alimentos, roupas, cobertores e também “a palavra de Deus”; finalmente, há o Projeto Capelania, que oferece um curso de capacitação de capelães para que atuem nas áreas hospitalares, prisionais e sociais. (ONGMãoqueAbençõam).

Outra ONG que é conhecida tanto nacionalmente como internacionalmente trata-se do “Ninho Social”. É uma organização do terceiro setor nascida no ano de 2017. Depois de trabalhar anos com a população em situação de rua a ONG oferece uma estrutura adequada para projetos sociais, que atuam para melhorar a qualidade de vida de quem se encontra em situação de rua (Projeto Atalho). O “Ninho Social” tem uma sede nas proximidades da Cracolândia e foi responsável por abrigar o projeto “Human Day” do instituto Human, que atendeu cerca de 600 pessoas em situação de rua em 2020, distribuindo roupas higienizadas, comida, equipamentos de proteção individual, além de prestarem assistência médica e orientações jurídicas e sociais (VIEIRA, 2020).

O projeto “Human Day” faz parte de uma ação criada pelo Instituto Human, o projeto foi criado tendo como público alvo as pessoas em situação de rua, com o objetivo de realizar um dia com serviços gratuitos, para que essas pessoas tenham algum tipo de serviço básico que por estarem nessa situação de vulnerabilidade são impossibilitadas de ter, como corte de cabelo, banho, alimentação, atendimento médico, orientação jurídica, psicológica e social, além de terem acesso a uma loja de roupas gratuitas, além desse projeto o Instituto conta com mais dois, o Human Entrega, voltado para famílias que vivem em comunidade carentes, bem como pessoas em situação de rua, o projeto entrega cestas básicas, além de kits de higiene básica, equipamentos para proteção individual, cobertores e roupas limpas, tudo isso foi realizado no período de pandemia, sendo ainda realizado uma vez por mês. Por fim, o último programa do

Instituto é o Human, Sem Fronteiras. O referido projeto atua diretamente com pessoas em situação de refúgio e imigrantes, sendo uma rede de apoio para essas pessoas, levando informação para a busca de seus direitos fundamentais e trabalhistas, orientando tais pessoas, por exemplo a começar a ter uma renda no país. O projeto também disponibiliza o ensino da língua portuguesa e auxilia com itens básicos (InstitutoHuman).

Além das Ongs e projetos citados, como se as políticas públicas desenvolvidas para a Cracolândia sejam insuficientes, existem muitas outras ONGs e projetos voltados para o público da Cracolândia, tais como: Médicos do Mundo, Banho do Amor, Dando Sopa, Projeto Lavanderia, Anjos da Cidade, Craco Resiste e também o Banho Solidário SP, que, na ausência do Estado, têm sido responsáveis por prestar ajuda àquelas pessoas que são constantemente excluídas, marginalizadas e negligenciadas pela população estabelecida de São Paulo e por seus gestores (VIEIRA, 2020).

No entorno dos capítulos que sucederam até aqui, foi possível identificar vários traços que fizeram a Cracolândia chegar a famigerada “boca do lixo” que é reflexo da desigualdade social que afeta o sistema brasileiro. Também foi possível analisar historicamente como as drogas foram consumidas e reproduzidas até assumir a roupagem atual na atualidade. Feito isso, iremos analisar no próximo ponto o que levou/leva as pessoas a saírem de suas casas, dos seus trabalhos para se deslocarem até o maior local de consumo de drogas do Brasil.

2.3 A Cracolândia e a Desigualdade Social

A Constituição Federal de 1988 garante, em tese, que todo brasileiro tem direito à alimentação, à habitação, à saúde, à educação, ao trabalho, salário mínimo, ao lazer, à segurança, à previdência e a assistência social.

Nova Cultura, 2022.

Apesar de ser lei que os cidadãos brasileiros tenham tais direitos, podemos observar a todo momento como em diversas situações esse mínimo social não acontece e a lei permanece apenas no papel. Exemplo disso é o descaso diante da questão da Cracolândia, bairros tomados por dependentes químicos e moradores de rua que se aglomeram para fazer uso de drogas ilícitas, homens e mulheres que vivem sem um lugar adequado para morar, sem alimentação, trabalho, segurança, lazer e saúde, tudo que em tese é um direito, é negligenciado.

Para avaliar a situação que vivem essas pessoas e porque vivem assim, iremos utilizar dados de pesquisas elaboradas em diferentes anos por diversos meios de informações, a mais atual foi desenvolvida no ano de 2021, onde a prefeitura de São Paulo encomendou um Censo para que fosse possível identificar a quantidade da população em situação de rua na cidade. Em uma reportagem da CNN Brasil foi informado que essa população cresceu em torno de 31%, e pela pesquisa realizada no Censo de 2021 estima-se que 31.844 pessoas vivem em tais condições. A mesma pesquisa demonstrava que em 2019 o número era de 24.344 pessoas (NOVACULTURA, 2022).

Esse crescimento dos moradores de ruas pode ser explicado tanto pela desigualdade social do sistema em que vivemos, que dissemina a exploração e a falta de oportunidade para pessoas de classe baixa como também devido ao contexto de pandemia de Covid-19, que o mundo tem passado, o que levou centenas de pessoas a perderem seus empregos e consequentemente sua moradia.

De acordo com o mesmo Censo o fator étnico/racial se desenvolve na construção da pesquisa elaborada, já que 70,8% das pessoas em situação de rua são pretos e pardos, o que perpetua o racismo instaurado no sistema capitalista brasileiro (NOVACULTURA, 2022), esse fato pode ser explicado segundo Almeida:

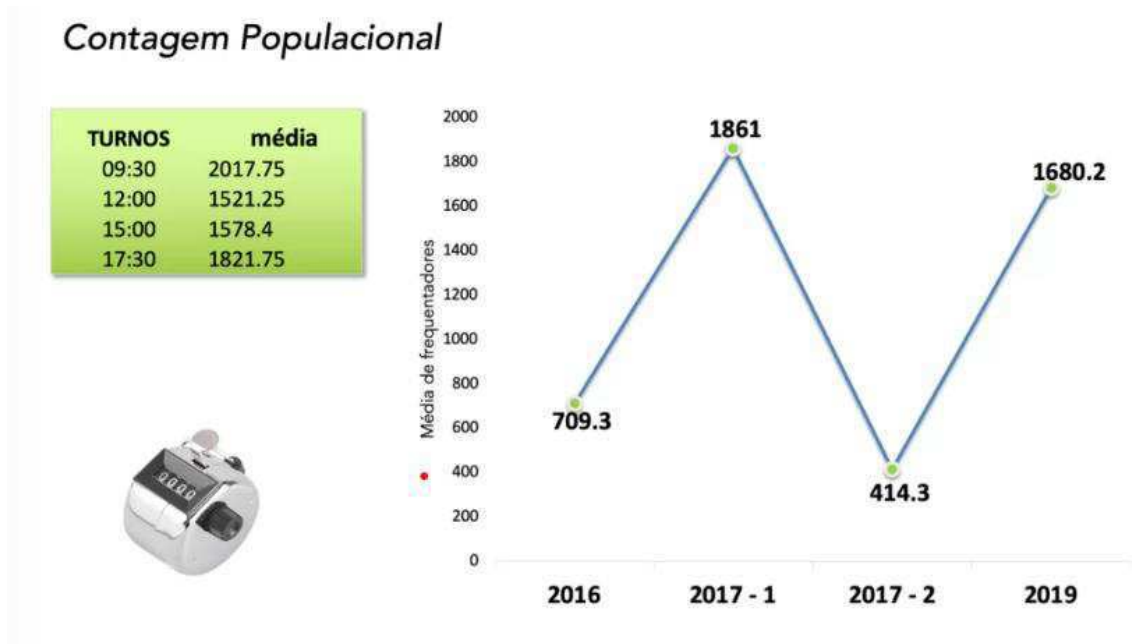
O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção [...] O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica [...] do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática (2018, p. 38-39).

Podendo ser compreendido como um reflexo da desigualdade, que é ocasionada pela relação burguesia x classe trabalhadora, onde a primeira, que é dona dos meios de produção, se apropria e explora a força de trabalho do proletariado (MARX, 2015), ou seja, nessa relação a desigualdade se relaciona com o fato de que o trabalho é coletivo, entretanto, a apropriação do seu resultado é restrita a uma pequena parcela da sociedade. O local também é um ponto de extrema violência, comportando pessoas em situação de rua, dependência química, ausência de renda, de cuidados, criminalização e, principalmente, do racismo estrutural.

No Censo realizado em 2021 foi também possível estabelecer um perfil dessas pessoas que se encontram em situação de rua, bem como, os motivos que os fizeram chegar a tal situação, entre os principais motivos, destacam-se os conflitos familiares com 34,7%; dependência de álcool e /ou outras drogas levaram 29,5% daquelas pessoas às ruas e, por fim, a perda de trabalho e renda que atingiu 28,4% dos homens e mulheres em situação de rua (UNIAD, 2020). Esses números demonstram que nas ruas não existem apenas dependentes químicos, há também uma parcela da população que foi levada a esses lugares por diversos outros desdobramentos socioeconômicos, mas como o foco da pesquisa é sobre os dependentes químicos da Cracolândia, agora vamos sair do contexto geral para esse espaço no Centro da cidade.

Para desenvolver melhor o perfil dos frequentadores da Cracolândia da Cena da Luz em São Paulo iremos utilizar um levantamento elaborado pela Unidade de Pesquisas de Álcool e Drogas – UNIAD da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, a pesquisa foi realizada em quatro momentos diferentes, sendo eles em maio de 2016, maio de 2017, junho de 2017 e, por fim, em outubro de 2019 (UNIAD, 2020).

FIGURA 9 - GRÁFICO COM NÚMERO DA POPULAÇÃO DA CRACOLÂNDIA



FONTE: UNIAD, 2020

No gráfico é possível observar a variação entre a quantidade de dependentes que se concentram nas ruas da Cracolândia, em diferentes anos e meses. O número parece diminuir e aumentar gradativamente tal fato pode ser explicado:

O balanço inédito realizado pela UNIAD mostrou que, embora a população diminua significativamente nos períodos imediatamente depois de cada grande operação policial, o número total de usuários na região tem se mantido relativamente o mesmo através dos anos. Os resultados indicaram que atualmente o local possui uma média de 1.680 frequentadores (chegando a 2.018 usuários no período de pico pela manhã), o que indica uma estabilização em relação a 2017, por exemplo, quando a região atingiu 1860 frequentadores (UNIAD, 2020).

Além disso na pesquisa foi possível identificar que a maioria da população da Cracolândia é composta por homens, sendo eles aproximadamente 70% do público que vivem nesse local, tendo uma idade média de 36 anos. Outro fato curioso abordado nas diferentes ondas do estudo em questão, foi o aumento da população transgênero, que teve um agravamento de 10% em 2017 após uma operação policial e veio a diminuir em 2019 para 7,5%.

Esse percentual da população transgênero que tem se ampliado nos últimos anos, decorre de um preconceito social, perpetuado há décadas onde a comunidade LGBTQIAPN+ não está fora dos desdobramentos da desigualdade social, muito pelo contrário é um dos grupos que mais sofre com os problemas da questão social, já que o Brasil é um dos países que mais

mata pessoas trans no mundo, um número alarmante e que se desenvolve nas peculiaridades da Cracolândia, onde essas pessoas começam a serem notadas.

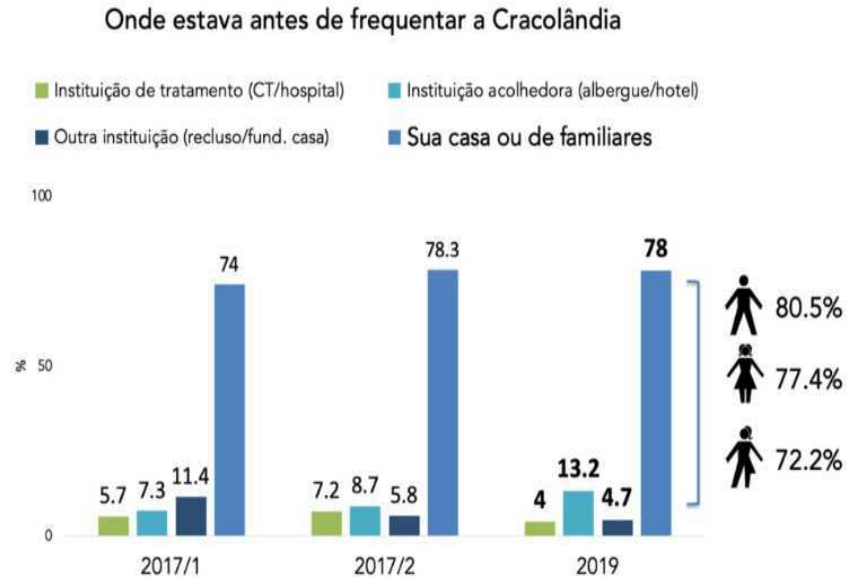
[...] quando um indivíduo é reconhecido como pertencente a um grupo minoritário, ele já se encontra em posição de desvantagem em relação aos demais indivíduos da sociedade em questão, pertencentes aos grupos majoritários. Essa categorização pode fazer-se por meio das características econômicas, físicas ou por meio da orientação sexual (FLEURY; TORRES, APUD MOURA; LOPES, 2014, p. 2).

Esse preconceito pode ser notado em diferentes áreas, tanto no convívio familiar, como nas relações sociais e de trabalho. Como foi apontado, uma das principais causas do crescente número da população de rua se dá pelos conflitos familiares, e que pode se aplicar no aumento da população de rua transgênero, já que não recebem aceitação das suas famílias e acabam por perder esse vínculo importante.

É importante ressaltar que nem todos os familiares conseguem lidar e aceitar a pessoa transexual no seu âmbito, fazendo com que em muitos momentos essas situações se tornem extremamente difíceis de lidar, e conseqüentemente com que elas saiam de casa, ocorrendo também o rompimento de contatos entre os familiares, e que essa reaproximação acontece não por aceitação, mas por laços afetivos permitindo que algumas agressões simbólicas ainda aconteçam (DIAS, 2015, apud SILVA et al, p. 13, s/d).

Voltando para a pesquisa da UNIAD, outro fator abordado foi onde viviam essas pessoas antes de se encontrarem frequentando a Cracolândia, os resultados dos anos de 2017/1, 2017/2 e de 2019 tiveram uma margem parecida para os que saíram de sua casa ou da casa de familiares para as ruas, sendo: 78% em 2019; 78,3% em 2017/2; e 74% em 2017/1. Ainda segundo a pesquisa, esses dados são capazes de demonstrar uma concepção comum que aborda que a maioria dos frequentadores da Cracolândia já estavam em uma situação de rua antes de começarem a consumir substâncias como o Crack.

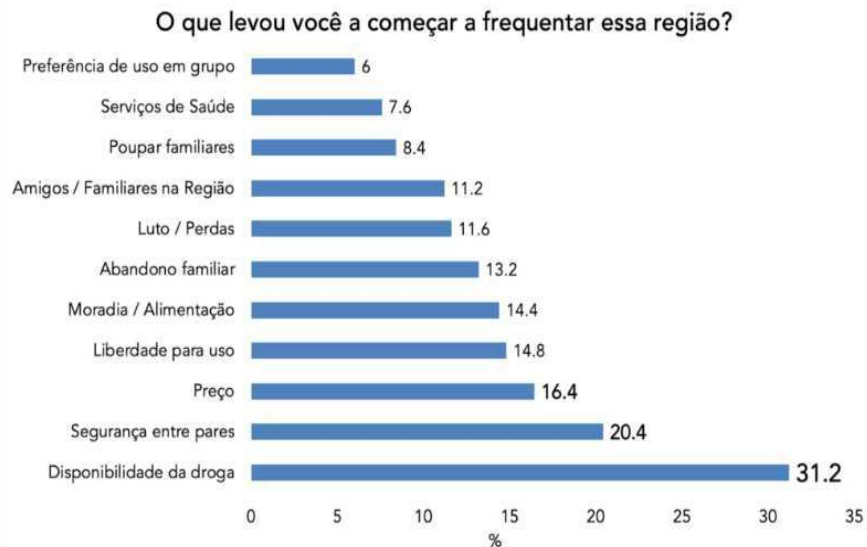
FIGURA 10 - ONDE VIVIAM OS DEPENDENTES ANTES DA CRACOLÂNDIA



FONTE: UNIAD, 2020

Outro fator importante que foi colocado na pesquisa se referia ao que levou aquelas pessoas a frequentarem a região. Como falamos anteriormente, um dos principais motivos para a Cracolândia ter ganhado tanta visibilidade pelos dependentes químicos foi o pelo preço baixo do crack e isso foi enfatizado na pesquisa, como podemos observar na figura 10:

FIGURA 11 - O QUE LEVOU AOS DEPENDENTES FREQUENTAREM A REGIÃO



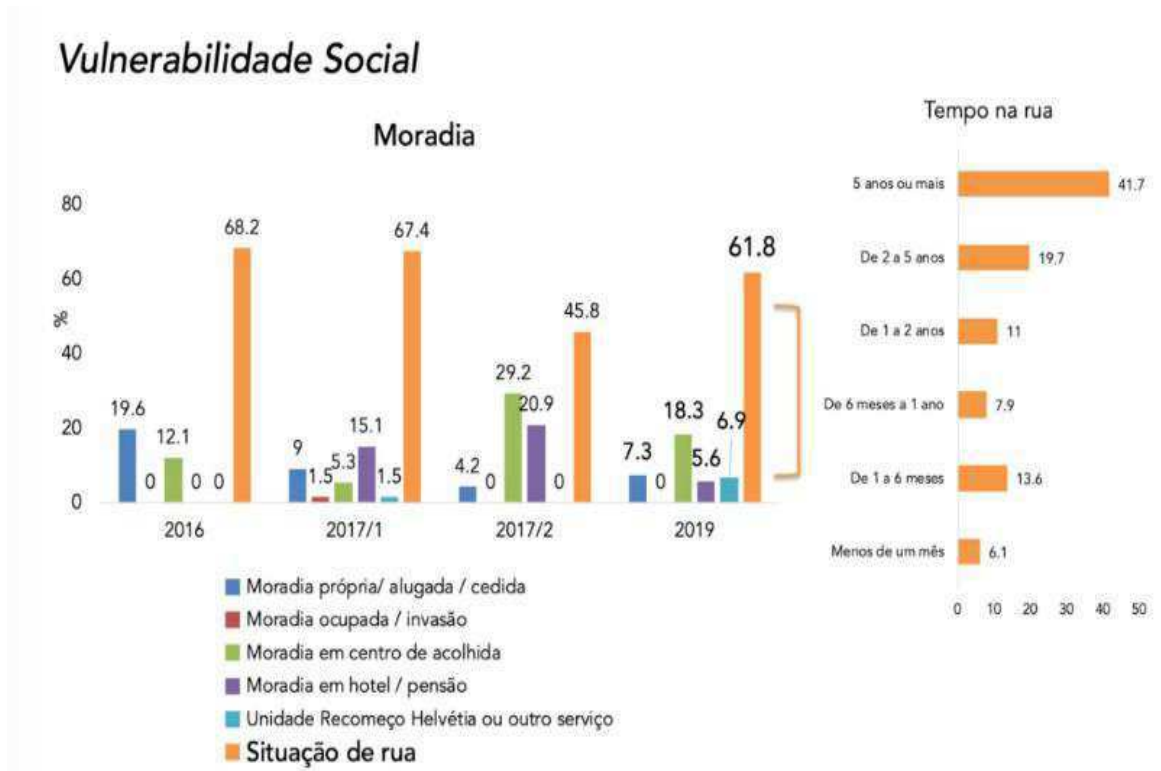
FONTE: UNIAD, 2020

Segundo o gráfico 31,2% dos dependentes químicos frequentam a Cracolândia pela disponibilidade da droga. A venda desenfreada nesse espaço gera os resultados que podemos ver em plena luz do dia, além disso como foi mencionado acima, 16,4% dos dependentes conseguem um melhor preço sobre a droga estando nesse local, bem como 14,8% relatam que ali há uma determinada liberdade para consumirem essas substâncias. Outro fator importante para se frisar é sobre os serviços de assistência do local que oferece comida, tratamento de saúde e também moradia, diante do que 14,4% dos entrevistados disseram que o que os levou para a região foi a possibilidade de uma moradia e também da alimentação, esse fator pode ser explicado já que existem serviços governamentais e também ONGs que promovem ações para ajudar essa parcela da população. Finalmente, 7,6% responderam que foram para o local devido aos serviços de saúde existentes.

Esse último dado mencionado sobre a alimentação e a saúde ser um atrativo para que os dependentes procurem o local foi alvo de grande especulação pela Deputada Janaina Paschoal, onde a mesma afirmou que a doação de comidas na região “só ajuda o crime” e que esse tema “precisa ser discutido com honestidade”, em contrapartida o Padre Júlio Lancellotti, conhecido por participar e fazer projetos de caridade sobre o local, disse que é a corrupção que mantém a Cracolândia ativa e não as doações (ZYLBERKAN, 2021). Falas como da deputada onde criminalizam os sistemas de assistência, apenas problematizam um fator pequeno em comparativo ao todo, ao falar sobre os serviços de saúde e a disponibilidade de comida a deputada esquece e fecha os olhos para um dos principais problemas daquele lugar, a disponibilidade da droga, principal responsável pela existência do espaço.

A vulnerabilidade social é um dado disponibilizado na pesquisa da UNIAD também bastante alarmante, onde os dependentes em situação de rua têm prevalência em todos os períodos da pesquisa, em 2019 quase 62% dos participantes relataram estar morando nas ruas, sem ter acesso a abrigos ou até mesmo albergues; outro dado preocupante foi quase 42% estarem nessa situação a mais de cinco anos.

FIGURA 12 - DADOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL



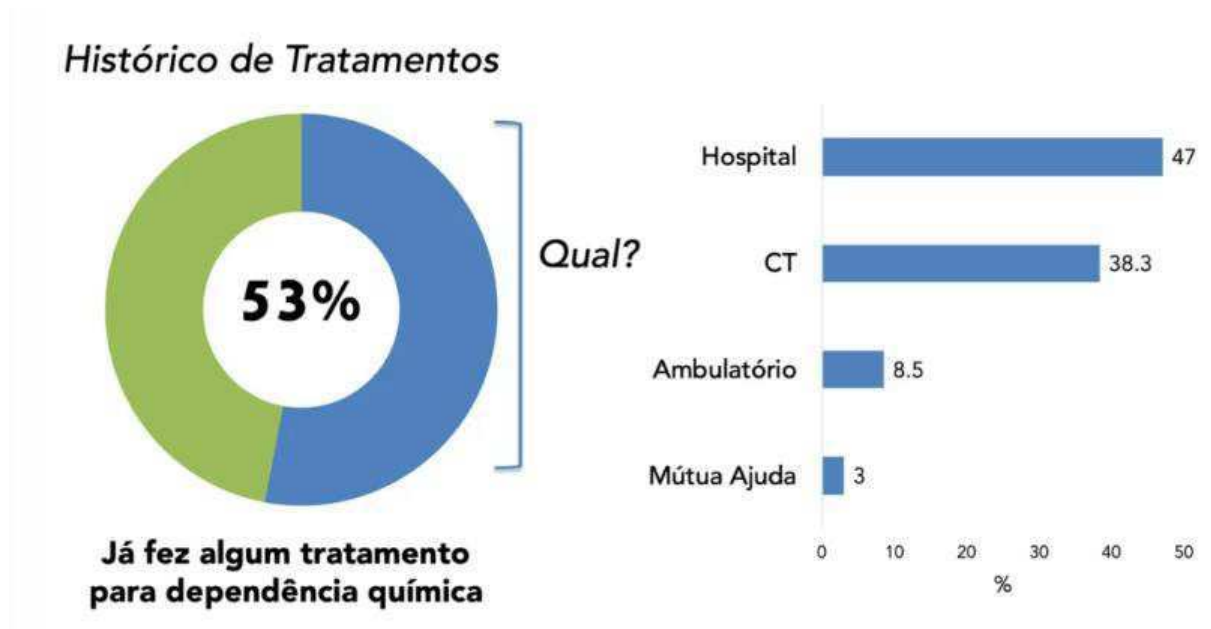
FONTE: UNIAD, 2020

Segundo a UNIAD “Mais da metade dos usuários (65,3%) relatou viver e dormir todos os dias nas ruas da Cracolândia; quase 2 a cada 10 homens e/ou mulheres dizendo passar apenas os dias na região, cerca de 17% e menos de 10% referindo apenas ir para comprar a droga e ir embora.” (2020). Outro dado que pode ser observado é a existência de serviços de assistência onde em 2019 18,3% dormiam em moradias em um centro de acolhida. Onde antes o serviço comportava poucos ou quase nenhum morador de rua foi ganhando espaço e, em 2019, a unidade Recomeço Helvetia abrigava quase 7% dos participantes da pesquisa.

O Centro de Convivência Helvetia e a “Rua Recomeço” são serviços ligados ao Programa Recomeço e estão inseridos na área popularmente conhecida como Cracolândia, por ser a região de maior concentração de usuários de crack da cidade de São Paulo. Ambos realizam os acolhimentos na lógica da Redução de Danos. A noção de acolhimento implica não só a diminuição do consumo da droga ou adoção de medidas protetoras, mas também pressupõe determinantes psicossociais e participação ativa do usuário na reflexão sobre suas experiências e transformação de seu estilo de vida (SPEIERL, et al, 2017, p. 35).

A pesquisa também foi capaz de evidenciar que metade dos frequentadores da Cracolândia já passaram por algum tipo de tratamento para a dependência química, observe abaixo:

FIGURA 13 - HISTÓRICO DE TRATAMENTOS



FONTE: UNIAD, 2020

Segundo os dados 53% das pessoas que frequentam a Cracolândia já tiveram algum contato com recursos que os ajudaram no tratamento da dependência. É importante destacar que as pessoas que responderam ao questionário da UNIAD ainda frequentam a região, logo podemos observar que essas pessoas voltaram a consumir substâncias ilícitas e que permanecem diante do vício.

mais de um terço dos participantes referiu não ter ninguém com quem contar, 15% deles diz ter como referência algum profissional da assistência social e/ou saúde da região, demonstrando a importância da rede de suporte de saúde e social é o de utilização de serviços instalados na região. Quanto a utilização destes serviços, foi constatado que 74,3% dos usuários já utilizaram os serviços da Unidade Recomeço Helvétia, 71,8% do ATENDE 2, 64% do Bom Prato e 44,1% do CRATOD. Destaca-se que mais de um terço relata realmente querer interromper o uso e buscar tratamento (UNIAD, 2020).

Os programas de assistência são consideravelmente importantes para a retomada da autonomia dessa parcela da população, infelizmente esses serviços são precarizados e não possui a infraestrutura e o aparato necessário para solucionar tal questão. Assim, faz-se necessário que o governo intervenha junto a esses programas para que exista uma ampliação dos serviços e que os mesmos sejam contínuos.

As possibilidades de oferta, para a maior parte deles, são os Centros de Acolhida, serviços de acolhimento de alta complexidade, tipificados no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que visam garantir a proteção integral de indivíduos em situação de risco pessoal e social, ofertando acolhimento com privacidade, na perspectiva do fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, com a proposta de se constituir como um serviço adequado de acordo com as especificidades do público atendido: crianças e adolescente; adultos e famílias; jovens e adultos com deficiência; idosos; mulheres em situação de violência. (5). No entanto não são planejados para o acolhimento de pessoas que fazem uso de drogas, além de haver uma falha na rede intersecretarial, quando se trata da discussão e manejo acerca desta população específica. Além disso, alguns destes Centros de Acolhida são espaços constituídos por grandes estruturas precárias, dentro das quais ocorrem episódios de violência e uso de drogas (CAREZZATO; CARVALHO, 2017, p.148).

É sabido que em todos os aparatos de assistência existe algum tipo de precarização, já que o sistema de assistência infelizmente ainda não é visto com o grau de importância que tem, mas é evidente como isso se amplia ainda mais em setores que trabalham diretamente com serviços para os dependentes químicos. Ainda existe um preconceito enraizado sobre essas pessoas e que afeta diretamente como elas são tratadas pelo Estado.

É possível entender a oferta de lugares nestas condições por uma idéia prevalente de que, pelo fato de os usuários estarem em situação de vulnerabilidade extrema, o investimento em condições mais confortáveis seria um desperdício, seja porque para essas pessoas qualquer coisa serve, ou seja por entender que os próprios clientes destes estabelecimentos degradariam o ambiente com seus hábitos ou presença. Compreende-se que tal postura é consequência da complexidade da abordagem tanto da dependência química quanto da situação de rua, que gera compreensões estigmatizantes e achata as individualidades de cada uma dessas pessoas, enxergadas como sendo todas iguais (CAREZZATO; CARVALHO, 2017, p.148).

Para finalizarmos esse capítulo é importante destacar outro dado abordado pela pesquisa da UNIAD, a qual mostrou os principais motivos que levariam aos dependentes químicos a deixarem a Cracolândia, sendo: 44% o trabalho; 32,8% o amparo da família; 20% uma residência fixa; e 18,8% a oportunidade de um tratamento contra a dependência (2020).

Tais dados demonstram como existe o desejo de uma vida diferente, porém, ainda falta oportunidade. A dificuldade na procura de um emprego é um dos principais fatores, bem como o apoio familiar, já que muitos dependentes químicos se distanciam desse seio tanto para poupá-los como por exigência da própria família, como foi abordado anteriormente. A falta de infraestrutura para ajudá-los nessa caminhada de retomada a sociedade é um dos grandes empecilhos e motivos da continuidade da região. Negligenciados, esquecidos, são praticamente invisíveis para muitos, e isso é um dos fatores que colaboram para que o lugar não avance com os tratamentos e as ações sociais e de saúde. A dependência é uma doença e precisa ser vista

como tal, é um círculo vicioso e extremamente difícil de ser quebrado. É necessário o apoio do Estado, da sociedade e da família para que o tratamento seja levado até o final e essas pessoas não retornem para esses espaços, além da criação de oportunidades de emprego para que os dependentes consigam ter uma vida digna.

CAPÍTULO 3

3.1 O Processo de Construção da mídia na Cidade de Sousa – PB e sua Relação com a Cracolândia em SP

No terceiro capítulo desse trabalho iremos abordar o ponto mais importante dessa pesquisa, tema central da proposta na qual é possível fazer uma análise as representações das pessoas da cidade de Sousa - PB acerca da Cracolândia, através do que repercuti através da mídia, nas reportagens de televisão, documentários, em meios de streamings, e até mesmo minisséries.

Para adentrar nesse tema central é importante destacar também os motivos que me despertaram pesquisar e escrever essa monografia, inicialmente fui introduzida a Cracolândia pela mídia, em vídeos curtos de moradores que viviam nas imediações do local, mostrando como era suas vidas, convivendo com centenas de pessoas que andavam pelas ruas a procura do consumo do crack, principal droga vendida naquela região. Ao adentrar mais profundamente no assunto, foi possível observar que se tratava de um grande esquema de tráfico, em plena luz do dia, na maior cidade do Brasil. E me veio o seguinte questionamento: "como a maior cidade do país, permite que centenas de pessoas vivam em tais condições, além de terem ciência que ali funciona o tráfico de drogas?"

Ao primeiro olhar, tais cenas causa completa indignação, porém a questão que a Cracolândia comporta é maior do que se pode observar apenas com uma pequena introdução que a mídia propala. Logicamente as reportagens que são conduzidas por diversas redes de TV levantam questionamentos e também mostram diferentes pontos de vista, que vão desde debates políticos, assistencialistas, da área da saúde, dos familiares das pessoas que vivem em tais situações, até as representações dos próprios dependentes e moradores de rua. O problema da Cracolândia é algo difícil de se prender nas malhas discursivas, pois sua complexidade é algo que não se resolve apenas com simples políticas públicas, o lugar existe a mais de vinte anos e nunca, nenhuma gestão chegou perto de solucionar as questões que surgem diariamente ali.

Nisso foi observado o grande papel da mídia dentro deste lugar e a sua importância na [des]construção das imagens de homens, mulheres e do próprio espaço geográfico. A mídia possui, sem dúvida, muito poder, poder de informar, de mediar o conhecimento, além de

influenciar tanto de forma positiva como negativa. Para entendermos o poder da mídia na cidade de Sousa se faz necessário mostrar, de forma breve, seu desenvolvimento no Brasil, o que passamos a relatar.

A mídia que conhecemos nos dias atuais é reflexo do que aconteceu no ano de 1922, o qual marcou o início do rádio no Brasil, um veículo de comunicação que levava informação e também entretenimento a diversos locais dentro do território brasileiro (GOV, 2022). Naquele momento, só existia o jornal impresso como meio de comunicação, se tornando o rádio o único meio de transmissão oficial em tempo real do país até a chegada da televisão em 1950, que inovou totalmente os meios de comunicação e informação, se tornando o veículo de informação mais utilizado pelos brasileiros, apesar da internet (UFMG, 2022).

O que só podia ser consumido pelos ricos passou a ser comum dentro das casas dos brasileiros com o passar dos anos, além do rádio e da televisão, a internet ganhou espaço no continente a partir do ano de 1988 (ESCOLA, 2022), e trouxe consigo uma grande revolução, modificando os meios de informação e levando a praticidade do entretenimento direto nas mãos. Atualmente, em face da ampliação da rede mundial de internet, com apenas um clique é possível observar um mundo de notícias, documentos e textos, de maneira fácil e rápida. A comunicação entre pessoas foi completamente facilitada e, logicamente, aquela tecnologia concorreu para que a mídia se expandisse ainda mais.

A mídia representa hoje um dos quatro poderes, pois através da imprensa empresarial:

que surgiu quando o mundo dos negócios percebeu que podia fazer da informação uma indústria, adicionou dois novos participantes nas relações da mídia: os anunciantes e os consumidores. Conforme a imprensa foi se desenvolvendo como empresa na sociedade capitalista, menos a fazer parte dessa indústria que a credibilidade passa a ser não mais uma propriedade ética, mas sim uma propriedade comercial dos jornais. Com ela surge a demanda por produtos culturais e de entretenimento, e não somente por produtos de informação, formando-se as chamadas “cultura de massa” e “indústria cultural” (RIZZOTTO, 2012, p. 119).

O poder que foi introduzido pela mídia é capaz de adentrar na sociedade com diferentes perspectivas, o acesso rápido a tantas informações tem seu lado positivo, capaz de orientar aqueles que consomem determinados conteúdos, como também o negativo, com o potencial de desorientar, desinformar, já que com a criação da internet também surgiram os sítios eletrônicos que comportam portais e canais de notícias, inclusive as *Fake News*, notícias falsas que são transmitidas com o intuito de desvirtuar algum conteúdo, matéria ou informação, por isso a

importância de se questionar se o conteúdo disponíveis no sítios eletrônicos são realmente condizente e verídico.

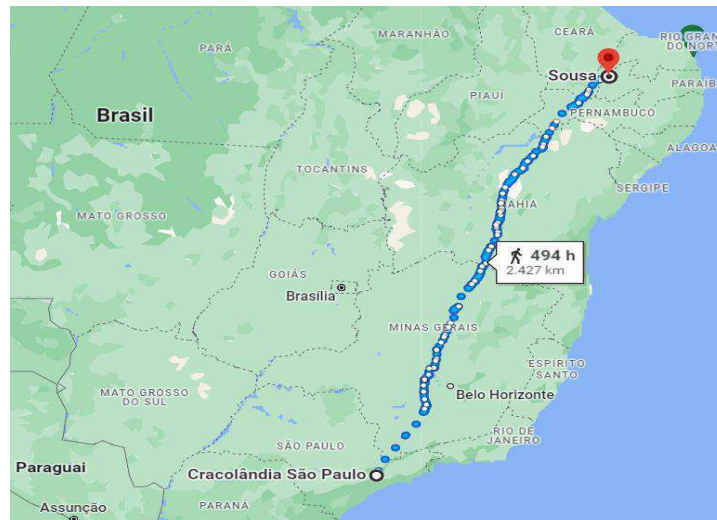
Apesar da televisão ter chegado no Brasil no ano de 1950, o sinal veio a alcançar o Alto Sertão paraibano apenas no início de 1963 (MELO,2020), quando as redes de rádio começaram a sintonizar canais televisivos, e assim como conquistou outras cidades, aconteceu o mesmo dentro da Paraíba, de modo que a mídia foi capaz de enfrentar a distância e levar informação jornalística até o interior do estado.

O poder da mídia seja ela escrita, radiofônica, televisiva e até dentro de meios virtuais tem uma grande força na sociedade, levando quem recebe esse tipo de conteúdo passe a reproduzir ou pensar uma ideia ou até mesmo um ponto de vista que reproduz o que foi propagado por ela (CORRÊA, 2012).

Nos últimos anos, impulsionados pela difusão dos meios de comunicação, principalmente dentre as classes sociais ditas de menor poderio econômico, o poder da mídia ficou ainda maior. É notória toda essa influência e persuasão que ela possui principalmente na parte mais pobre da sociedade, vez que esta, formada na sua maioria por pessoas com pouca instrução, acaba tomando como verdade absoluta tudo que é veiculado, justamente por não possuírem meios e ou condições de discordar daquilo que é dito (CORRÊA, 2012).

A influência da mídia pode moldar completamente nossos comportamentos e o que pensamos a respeito de determinados assunto e lugares. Nesse sentido, voltamos ao ponto de como os canais de comunicação afetam as representações da população de Sousa – PB acerca da Cracolândia e dos homens e mulheres que vivem ali. Apesar da Cracolândia situar-se em São Paulo o intuito é conhecer como as pessoas do Alto Sertão paraibano sabem, entendem e representam sobre as questões que envolve aquelas ruas, mesmo com a distância que existem entre as duas cidades, entendendo que a televisão tem um papel fundamental nas informações que são veiculadas e transmitidas ao público em geral, notadamente, aos habitantes de Sousa-PB, objeto desse estudo.

FIGURA 14 - DISTÂNCIA DE SOUSA PARA A CRACOLÂNDIA – SP



FONTE: GOOGLE MAPS

Na imagem acima é possível observar a distância entre a cidade de Sousa-PB e cidade de São Paulo, que abriga um dos maiores casos de dependentes químicos nas ruas da Cracolândia. Entre as duas cidades existe uma distância de 2.427 km, distância que parece menor em face da mídia, que torna possível se ter conhecimento do que acontece na Capital paulista em tempo real, através da internet, notícias que são reproduzidas dentro de documentários, minisséries e também nos jornais.

Notadamente no que se refere a Sousa-PB, onde realizamos pesquisas acerca da Cracolândia, é possível se notar a influência do rádio no dia a dia de algumas pessoas, em especial a população mais velha e carente. Apesar da perpetuação dos canais de rádio, logicamente o meio que mais se utiliza para a busca de entretenimento e informação é através da televisão e a internet.

O jornalismo brasileiro, principal veículo que repercute notícias sobre a Cracolândia, pode passar em alguns casos uma narração sensacionalista e intimidadora do lugar. É notório que a região da Cracolândia tem seu grau de periculosidade, por ser um local em que centenas de dependentes escolheram para se reunirem para o uso de substância ilícitas, mas a Cracolândia é só isso? Pelo que foi exposto no presente trabalho foi possível observar que nesse espaço da capital paulista também existem pessoas que sofrem e sonham, que ainda tem esperança de mudanças e que não são perigosas, pessoas que foram abandonadas, abusadas, negligenciadas e invisibilizada, fruto de uma desigualdade que alcança os mais pobres e vulneráveis.

As notícias que são transmitidas também têm sua parcela de dificuldades para serem colocadas ao público.

Acrescente-se ainda que, em qualquer caso de investigação jornalística, o repórter não faz o seu trabalho de forma isolada. Há fontes, muitas vezes anônimas, que vão canalizando informação relevante e comprometedora. Todos esses interlocutores são próximos dos visados e, por vezes, as denúncias pertencem a pessoas imprevisíveis. Que, ao longo do tempo, parece terem sido os mais fiéis, mas, na sombra, lá foram urdindo uma teia de elementos que depois se revelam mortíferos. E que assumem uma enorme utilidade em qualquer investigação jornalística. Porque não há jornalismo sem fontes. Embora estas, quando visadas daquilo que se noticia, se mostrem muito hostis a perguntas incômodas. Isso é normal, mas já não será tolerável qualquer tentativa de amedrontamento ou de controlo daquilo que se quer saber (LOPES, 2017).

O meio jornalístico também possui suas dificuldades para levar uma informação correta, que será distribuída em canais de TVs alcançando diversas regiões chegando assim a Sousa – PB. E, a partir do que foi pautado será analisado como o poder desses meios de comunicação influenciam e informam a população do Alto Sertão paraibano sobre o que acontece na Cracolândia e todas as peculiaridades que o local abrange.

3.2 A Influência da Mídia na Cidade de Sousa – PB com o que acontece na Cracolândia – SP

Para a realizam desse trabalho foram entrevistadas ao todo 11 pessoas da cidade de Sousa, sendo que três deles, propositalmente, eram/são assistentes sociais, o que tem como objetivos conhecer para a visão/ representação tanto dos profissionais dessa área de conhecimento, como da população em geral acerca da Cracolândia. Sublinhamos que os colaboradores foram escolhidos aleatoriamente, conforme disponibilidade no dia e horário das entrevistas. Os nomes que serão utilizados visam promover o anonimato dos colaboradores e fazem referência a ruas para a população entrevistada e as drogas aos assistentes sociais que colaboraram para a pesquisa.

Todos os onze colaboradores entrevistados afirmaram ter conhecimento sobre a Cracolândia. Conforme observado antes, é importante aqui frisar que o termo Cracolândia surgiu para se referir a um espaço no centro de São Paulo que ocorria um intenso consumo e tráfico de drogas a céu aberto, hoje o termo também é aplicado a outros locais e cidades que também comportam essa grande concentração de dependentes químicos, porém, é sobre a Cracolândia de São Paulo que este estudo se debruça.

Como o objetivo das entrevistas era evidenciar a influência da mídia sobre as representações das pessoas da cidade de Sousa acerca da Cracolândia de São Paulo, ao se questionar como tiveram conhecimento sobre a existência daquele local, todos os participantes responderam que foi a partir da televisão, o que inclui noticiários e reportagens, já que “Está sempre nos noticiários” (GUSMÕES, 2022). Outro meio de [des]informação sobre a Cracolândia são os vídeos distribuídos também pela internet, responderam nossos colaboradores. Tais respostas demonstram o poder da mídia em veicular notícias sobre a região, além de serem capazes de influenciar as pessoas. Nenhum dos entrevistados soube dizer ao certo há quanto tempo começaram a ter ciência da existência da Cracolândia, o que evidencia a banalização daquele lugar e das práticas ali existentes há anos.

A região da Cracolândia comporta diversas peculiaridades, ali é onde moram histórias de centenas de pessoas que fora violada de alguma forma, mas o que a mídia passa para a população é que esse “[...] é um local onde as pessoas que estão em situação de rua vivem e, que, no entanto, é um local no qual tais pessoas fazem uso de drogas sejam elas lícitas ou ilícitas.” (JÚLIO PRESTES, 2022). Trata-se de “um local no qual pessoas de diferentes idades

usam drogas em qualquer hora do dia, e que tanto o uso, como o tráfico de drogas é muito constate e visível” (BOCA DO LIXO, 2022). Os depoimentos de Júlio Prestes e Boca do Lixo sugerem que o que chega a uma boa parte dos sousenses sobre a Cracolândia é o fato de que naquele lugar funciona um intenso tráfico de drogas, e como existe uma grande quantidade de pessoas que fazem uso dessas substâncias a todo o momento, também a imagem de um lugar onde há um número elevado de viciados que representam perigo e provocam o medo.

Apesar da mídia gerar esse tipo de representação em uma boa parte dos colaboradores, há aqueles que possuem uma visão mais detalhada e aprofundada sobre o tema, conforme sugeriu a colaboradora Helvética: “a nível de informação, através dos meios de comunicação só retratam o local como um espaço de dependentes químicos, ao meu ver se trata de um local que "abriga" pessoas em situação de vulnerabilidade” (2022).

Coaduna com a Senhora Helvética, a assistente social Senhora Cocaína, para quem:

A mídia passa imagem de que é um lugar que tem várias pessoas que fazem uso abusivo de drogas, que possivelmente são pessoas de alta periculosidade, que ali é um lugar de risco, por questão de violência de assaltos, então são pessoas ali que estão cometendo um crime, isso é o que é passado pela mídia, mas nós enquanto profissionais sabemos que de fato aquilo representa, as expressões da questão social que está representada ali. (2022).

As representações dos dois colaboradores se mostram bastante semelhantes na forma como enxergam a Cracolândia, que apesar de ser uma região considerada perigosa pelo alto número de dependentes, além de existir traficantes que comandam as ruas, deve também ser considerada enquanto espaço de desigualdade social que se perpetua sobre o Brasil e se desdobra criando locais e situações semelhantes.

O reconhecimento do consumo de psicoativos como um fenômeno complexo, tornou-se, entre nós, um discurso competente destituído de capacidade política para interferir prepositivamente nas políticas sociais. Políticas que iriam como objetivo transformar as determinações estruturais que incidem sobre essa realidade, notadamente o enfrentamento da desigualdade e a universalização do acesso aos direitos de cidadania. A realidade social comprova que não é essa a perspectiva do projeto econômico-social adotado pelos governos brasileiros desde a promulgação da Constituição de 1988 que, com todos os seus limites, permanece como marco referencial na luta por nossa cidadania. Ao contrário, as últimas décadas atestam a regressão no campo dos direitos, a agudização da questão social, a mercantilização da reprodução social, a militarização da polícia, a judicialização da vida, o crescimento do Estado Penal e toda uma gama de estratégias de dominação, criminalização e extermínio que servem para assegurar a reprodução ampliada do capital num contexto de crise estrutural (BRITES, 2017, p. 122).

Essa vulnerabilidade que afeta todos que se encontram vivendo nas ruas da chamada Cracolândia é o que impulsiona o lugar a continuar existindo e sendo noticiado nos jornais,

mundo a fora. Inclusive, não é difícil encontrar histórias que foram divulgadas através da mídia e que chamam atenção da população daquela cidade de Sousa-PB, apesar de que alguns dos nossos colaboradores não relataram nenhum caso que os tenha chamado atenção, há aqueles que contaram notícias que assistiram e que os trouxe grande comoção, como podemos observar no relato da assistente social Crack,

[...] não sei o nome das pessoas, mas era de uma filha que estava, achei assim uma situação bem... era uma menina de cerca de 8 anos de idade, que estava lá com a mãe, a mãe levou nesse dia a criança que eu achei até... não achei legal ela ter feito isso, ela tanto ia sozinha como também levava a família como uma forma de sensibilizar o marido dela. O marido dela ficou desempregado, ele começou a se envolver com o tráfico, e ai ele mal parava em casa, no início ele começou a usar aos pouquinho, e ai ele começava a sair de casa, ai começou, passava o dia fora, depois começou a passar dias fora e essa criança a reportagem foi perguntar a criança qual era o sonho dela, sonho não o presente de aniversário, que ela estava pra completar anos, e a repórter perguntou, qual seria o maior presente de aniversário? e ela disse meu pai participar da minha festa, ai organizaram uma festinha de aniversario e eles localizaram o pai, o pai chegou a ir para a festa da menina ela ficou muito feliz, porque a mãe disse que ela era muito apegada ao pai, ela amava muito esse pai, ai ele foi para a festa mas a gente percebia um semblante dele que ele não queria estar ali, ele estava inquieto, ele estava assim como se fosse a força, estava constrangido em estar lá, tanto é que depois que passou a festa ele só passou um dia em casa e no dia seguinte já foi embora para a rua e depois que a reportagem perguntou, já fazia uns dez dias que ele não voltava para casa... não tinha voltado mais. Ai depois, a própria equipe de reportagem encontrou ele, e ele disse assim: eu não consigo mais ficar em casa em luto, mas..., aí a repórter perguntou se ele amava a filha e ele disse que sim, mas que é como se ele dissesse assim, a droga ela é muito mais forte que eu (Crack, 2022).

Histórias como essa, lembrada pelo assistente social General Osório, são bastante comuns de se ver na televisão e podem ser encontradas no documentário “Cracolândia – O Retrato do Caos: documentário dá voz aos usuários de crack” transmitido pelo Domingo Espetacular e que já foi mencionado anteriormente. Esse documentário, além de dar voz a essa população invisibilizada, também retrata o que levou aqueles homens e mulheres a chegarem até aquele ponto, veiculando a imagem de que naquelas ruas sujas, de intenso tráfico e uso de drogas, existem seres humanos que precisam de ajuda para se tratarem de seus vícios. Inclusive a entrevistada Helvética, observou que “certa vez viu uma reportagem sobre a Cracolândia no qual mostrava o lado humano das pessoas que ali habitavam, diferente das demais reportagens que já havia visto até então.” (2022). A informação dada pela entrevistada remete ao que foi apontado, onde existe a parte da mídia que também leva os olhares para a população invisibilizada da Cracolândia.

Para entender ainda melhor como os meios de comunicação retratam a Cracolândia na cidade de São Paulo foi questionado sobre quem seriam as pessoas que vivem nesse espaço. Uma análise dos dados revelou semelhanças e divergências nas representações dos nossos colaboradores. Assim, se por um lado os sousenses veem a Cracolândia como uma localização perigosa, intimidadora, “carregada” de perigos, por outro lado, observa-se uma visão mais rebuscada do lugar e que possibilita entender a fragilidade que a região abarca, conforme pode ser notado no relato de Júlio Prestes.

Acredito que são pessoas que se encontram em total vulnerabilidade social, tais como a falta de renda, moradia ou tratamento de saúde. Além disso, são aqueles e aquelas considerados invisíveis para o que diz respeito às políticas públicas, por outro lado são visíveis para a reprodução dos estigmas, como por exemplo os apontamentos de drogados, bandidos, ladroes etc. (JÚLIO PRESTES, 2022).

É possível observar que quem tem um interesse de se aprofundar e pesquisar sobre as pautas que a Cracolândia traz, acaba tendo questionamentos do porquê aquelas pessoas vivem de tal forma, sendo negligenciadas e marginalizadas pelo governo, que apesar de prestar serviços de saúde e assistência, acaba não sendo suficiente para lidar com tamanha onda do tráfico que percorrem essas ruas. Por outro lado, quem apenas observa o que é passado pela televisão em notícias de jornais rápidas e pouco precisas, passa a enxergar a região apenas como o lugar onde há “traficantes e usuários, pois é um ambiente muito carregado e perigoso, só quem vive lá são pessoas nas quais já tem o costume de viver por lá”, conforme observou o Sr. Boca do Lixo (2022). Além desses dois pontos de vista bastante diferenciados, também foi possível perceber que alguns sousenses não souberam falar sobre as questões que existem na Cracolândia.

A pesquisa também possibilitou questionar sobre o “suposto” costume que os habitantes daquelas ruas têm de viver por lá? O questionamento é de grande importância, afinal quem se acostumaria a viver daquela forma e a serem tratados como pessoas perigosas e que geram risco perante a sociedade? Para responder a tais inquirições nos aproximamos de Brites, 2017, para quem:

A articulação orgânica de repressão às “classes perigosas” e assistencialização minimalista das políticas sociais dirigidas ao enfrentamento da “questão social” constitui uma das faces contemporâneas mais evidentes da barbárie atual. Estratégias que contribuem acentuadamente para amplificar o discurso da complexidade do “fenômeno das drogas” sem, no entanto, ecoar sobre o enfrentamento de suas reais determinações. Evidentemente isso não anula a importância do debate crítico sobre o uso de psicoativos, mas revela sua impossibilidade política conjuntural de conquistar hegemonia num contexto de esgotamento do projeto civilizatório da sociedade burguesa. Um contexto

de barbárie, no qual a dominação econômica e política se alimenta do discurso competente da complexidade do consumo de psicoativos, da cultura do medo e da insegurança, para justificar respostas emergenciais no campo da saúde e de exceção no campo da repressão policial (2017, p. 123).

Questões fomentadas pela desigualdade social que é gerada pelo sistema capitalista fizeram a grande maioria da população que forma a Cracolândia estarem ali, já que o lugar é onde se encontram pessoas fragilizadas por já terem familiares que frequentam esse espaço, pelo desemprego, falta de oportunidades, pelo racismo estrutural que é reproduzido dentro da sociedade brasileira. Enfim, a dominação da burguesia sobre o proletariado corroborou para que naquele lugar se perpetuasse e reunisse:

pessoas de várias classes sociais, gênero também não é tanto faz, você masculino, feminino, homossexuais né, são pessoas assim problemas emocionais como eu disse, é um final de um relacionamento as pessoas que trabalham lá né disseram isso, pessoas que têm uma tristeza do término de um relacionamento que foi uma coisa profunda que se desestabiliza, perdendo emprego, termina perdendo é a possibilidade de conviver em família, pessoas que como eu disse perdeu o emprego pessoas com fim de relacionamento tem muito, é pessoas que às vezes dentro da própria família tem situações de abuso e de violência doméstica e não aguenta aquela situação e aí não tem uma profissão, não tem estrutura não tem para onde ir e aí termina indo para as ruas, e ser computado lá pelo tráfico, pela prostituição, pelo que eu me lembre esse lugar é formado por essas pessoas (CRACK, 2022).

A resposta do assistente social retrata o que foi falado anteriormente, de existir pessoas com diferentes histórias, mas que por dificuldades e falta de uma estrutura adequada chegaram ao mesmo local, às ruas da Cracolândia. A representação do assistente social da cidade de Sousa sobre a população que vive na Cracolândia é a seguinte:

Geralmente são pessoas que tem faz uso abusivo de drogas, que infelizmente já tiveram seus vínculos familiares fragilizados, rompidos, acredito que são pessoas com histórico familiar fragilizados, a cracolândia também tem cor, se você olhar são pessoas negras, então é esse perfil de pessoas que estão por lá. (COCAÍNA, 2022).

Nas respostas é possível analisar que a grande maioria dos nossos colaboradores não assistentes sociais apontam que apenas dependentes químicos vivem do nessas ruas. Os Assistentes sociais, revelam pontos de vista diferentes, embora não discordem dos demais colaboradores quanto a presença de usuários de drogas. Assim, se para uns ali só existia dependentes, para outros a região era bem mais que apenas um “amontoado de usuários”. Vejamos o que disse a entrevistada Helvética:

Creio que tem pessoas que não tem moradia e por lá ser uma rua habitada de pessoas na mesma situação se recrutam lá, já que ser morador de rua tem seus riscos, como ser espancado por exemplo. E não somente pessoas em situação

de rua, mas outras pessoas que só tiveram como refúgio aquele espaço. (HELVÉTICA, 2022).

Sobre uma visão mais profissional sobre a Cracolândia o Senhora Cocaína, assistente social, apontou:

Não somente [usuários de drogas], mas a maior parte eu acredito que sim, até porque já escutei vários discursos de usuários, que perderam o familiar, vivem em uma situação de extrema vulnerabilidade, já ouvi discursos que é menos difícil, ou mais fácil estar na rua sobre o efeito de droga do que estar lucido, então usar a droga é como se fosse uma fuga daquela realidade (2022).

Apesar das dificuldades de se manterem na região sem fazer uso de drogas, existe aqueles que ainda resistem, como já foi mencionado anteriormente, e não se remete apenas a esse olhar distorcido que muitas vezes é reproduzido pelos veículos de imprensa, como bem assinalou um colaborador: “Eu acho que sim, é como os noticiários se referem ao local. Ambiente com pessoas usuárias” (GUSMÕES, 2022”).

Diante das diferentes representações e considerando que a população tem conhecimento dos crimes e situações de vulnerabilidade que existem naquele espaço, o governo tem se mostrado pouco eficiente para lidar e combater tamanho problema, como revela o sousense Júlio Prestes que observou: “para ser bem sincero, não vejo uma intenção do Governo em querer atuar sobre tal situação.” (2022). Santa Ifigênia, por sua vez, diz que “a situação na Cracolândia é muito preocupante, como se a situação daquelas pessoas não importasse para o governo” (2022). Como fica em evidência, a visão dos sousenses revela que além das imagens negativas e estigmatizantes da Cracolândia e dos seus habitantes, a mídia também deixa em evidência que o Estado tem sido insuficiente e/ou omissos em relação as questões que atravessam aquele espaço. As matérias veiculados sugerem que a atuação do governo deixou o lugar alcançar proporções avassaladoras e preocupantes em relação ao tráfico, consumo de drogas e outros problemas decorrentes desses, como sugere a Senhora Crack, assistente social entrevistado:

Olha eu acho que elas são totalmente ineficientes, porque enquanto não houver realmente uma política muitas vezes em programas e ações pontuais, se não for realmente criado uma política uma vontade política de resolver o problema não vai resolver, porque são várias políticas envolvidas é um problema muito é... mas assim ele envolve muitas coisas estão envolvidas ali, como você falou agora tem a questão do emprego, tem a questão da saúde mental, é a questão da violência doméstica, tem pessoas como eu disse, saem de casa porque estão em uma situação abusiva em casa ou uma violência doméstica, então tem várias nuances ali na Cracolândia sabe, aí não é só a questão da dependência, mas sim uma coisa bem ampla que eu vejo que o governo não só, eu acho que é uma vontade política que é muito difícil, eu vejo o tráfico é muito difícil de combater, porque o pessoal fica, geralmente as ações do governo, e eu não estou dizendo que não deve ter para as pessoas lá usuárias né, que estão lá na ponta é o que estão sofrendo, porque o tráfico é uma coisa muito complexa,

da pessoa dar conta, os maiores traficantes eles nem moram no próprio país por exemplo, a gente sabe que muitos traficantes né, eles mandam droga vem de fora do Brasil, e eles muitas vezes para você ser um traficante de ponta, você não pode ser usuário, porque se você for usuário, você perde o controle dessa rede. (2022).

A pauta levantada pela assistente social transmite o que já se foi falado em capítulos anteriores: a Cracolândia representa um contexto muito maior e amplo do que muitas vezes é transmitido. O olhar mais profissional sobre o tema em questão demonstra como a violência, o desemprego, e as várias esferas que a questão social abrange fazem desse lugar um problema difícil de ser resolvido, onde a presença de dependentes químicos e traficantes é só a ponta do *iceberg*.

Apesar do governo criar medidas para minimizar os avanços da Cracolândia, como é o caso das internações compulsórias e políticas públicas, é utilizado também para coagir as populações a saírem daqueles lugares a força policial, que ganha inúmeras manchetes nos jornais, enfatizando as ações violentas para com a população de rua, o que não passou despercebido pelo Sr. Júlio Prestes.

Em sua maioria a atuação policial presente nesse espaço ocupa o discurso de “proteger a sociedade dos perigos ali existentes”, porém na verdade ao meu ver, esse discurso é desmentido no momento em que a própria atuação é uma reprodução da violência para com as pessoas que ali habitam. Pois deve-se considerar o fato de que em sua maioria as ações policiais nesses espaços são de forma violenta e preconceituosa. (JÚLIO PRESTES, 2022).

Apontamentos como o do entrevistado acima revela a imagem das intervenções da polícia naquelas ruas de São Paulo, sugerindo aos habitantes de Sousa e, quiçá, de outras cidades do país, uma atuação que se faz intimidadora e temida pelos dependentes químicos, onde são expulsos das ruas que se concentram por ações da força policial de São Paulo que os dispersão, como aconteceu em 2021 e foi pontuado anteriormente. Inclusive, acreditamos, que as operações realizadas pela polícia não solucionam absolutamente nada no que se refere ao uso de drogas e, tampouco, em relação ao tráfico, apenas fazem com que a Cracolândia se desloque para outras ruas, tirando o problema de um lugar para o outro.

Sobre isso, o assistente social Cocaína enfatiza sobre o agir da polícia em relação aos dependentes químicos e moradores de rua do local:

Infelizmente ainda é visto como caso de polícia, como se ali fosse bandidos, acho que o olhar deles é isso, não veem que ali é um ser humano, não tem esse olhar para o respeito aos direitos humanos e a polícia se bem que alguns agem e estão ali cumprindo ordens, mas que a gente sabe também que tem todo um contexto por traz e o porquê dessas ordens e de onde vem, estamos em uma sociedade capitalista que tem um interesse, o usuário de droga ele não tem

rentabilidade para o capitalismo, tem a questão do tráfico como fonte de renda, mas para ocupar aquele espaço, ali não traz nenhum benefício para o capitalismo, principalmente perto de lojas, comércio que dificulte e atrapalhe, existe também um interesse capitalista por traz disso (2022).

Todos as observações dos colaboradores demonstraram o que a mídia passa sobre o agir da polícia e se delimitaram as formas violentas de atuação da corporação em relação aos usuários de drogas da região, que o agir é péssimo, que as ações são de extrema violência, não há dúvidas, o que de fato também acontece, mas como pode ser observado no registro acima é que a polícia apenas responde as ordens da gestão, ordens essas que são transmitidas por um poder maior, que em muitos casos vêm da prefeitura de São Paulo, que age em atenção aos interesses do capital, conforme sugere Brites: “Em São Paulo a lógica é a mesma. A intervenção ostensiva da polícia nas Cracolândias ocorre apenas nos locais que atendem aos interesses do capital imobiliário. (2017, p. 137).

Sobre isso Oberling e Pinto acrescentam:

no âmbito das práticas de controle social com atuação policial violenta e seletiva. O discurso da defesa social é construído de forma a demonstrar que a proteção da ordem e do interesse público depende de forças institucionais e policiais atuantes no combate as drogas e ao tráfico. Em meio a consolidação de uma lógica punitiva, os meios de comunicação desempenharam um papel importante nessa mudança (2017, p. 163).

Para conseguir mediar e prestar alguma assistência a essas pessoas, se faz necessário a construção de mais políticas públicas, porém, o que se pode ver atualmente são políticas que não conseguem assegurar a todos e passam a ser ineficazes na redução dessa problemática.

Infelizmente nesses últimos anos a gente não teve tanta valorização na importância da saúde mental, inclusive houveram alguns retrocessos, mas é uma problemática que demanda de forma urgente políticas públicas mais eficazes, e que não fiquem apenas nos papéis, porque nos enquanto profissionais até existe ações, políticas e programas, mas quando a gente vai efetivar e pôr na prática, nos deixa muito limitado enquanto profissional, porque não conseguimos executar o que está no papel. (COCAÍNA, 2022).

Devido a essa desvalorização que o assistente social apontou no trecho acima, decorrente principalmente das revogações de leis que ampliavam as reformas no âmbito da saúde mental pelo governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, as políticas públicas para a Cracolândia foram ainda mais reduzidas, impossibilitando qualquer ação que pudesse eliminar tal situação, o que se tem é apenas um trabalho que minimiza os problemas, o que existe na visão da nossa colaboradora: “são políticas que não vão resolver a situação” (CRACK, 2022).

Considerando a questão de saúde mental que atravessa o problema dos usuários de drogas da Cracolândia e que a dependência química deve ser tratada como uma doença que

consome aquele usuário e afeta diretamente a sua saúde mental, a mesma assistente social relatou:

Então, aí eu acho esse nível de combate às drogas e da questão da assistência da saúde mental ineficaz porque eu, por exemplo... ao meu ver não se resolve enquanto não tiver uma estrutura e uma vontade política para dar conta de bater de frente desses problemas de saúde mental e de tráfico (CRACK, 2022).

Para mediar a inserção das políticas públicas existe na Cracolândia uma equipe direcionada e especializada que conta com a presenças de médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos entre outros, que são extremamente importantes para a realização desse trabalho. Dentro dessa equipe multidisciplinar, o assistente social em si tem uma grande importância sobre esse público, já que o mesmo irá elaborar, coordenar, analisar e executar programas e projetos direcionados as pessoas de rua que se encontram na região. De acordo com Carezzato, Carvalho,

Neste local, além dos usuários, se fazem presentes alguns profissionais da Saúde, Assistência Social e Segurança Pública, além de voluntários e trabalhadores sociais de diversas entidades. Os representantes do serviço nesta cena de uso são os Conselheiros em Dependência Química, que realizam seu trabalho na região da Luz, onde está situado o maior fluxo de usuários e recentemente as Equipes de Consultório na Rua. (2017, p. 149).

Sobre a atuação das equipes multiprofissionais e, notadamente da Assistência Social, a assistente social Crack reiterou:

Pelo menos é uma questão de humanidade, e é um trabalho extremamente importante porque essas pessoas estão em uma situação de vulnerabilidade e de um descaso do poder público, mas é importante para minimizar esses problemas causados tanto por quem consomem as drogas e da própria família, é um trabalho de formiguinha, mas é um trabalho necessário para garantir uma dignidade de atendimento a essas pessoas, funciona? Não, é adequado? Não, os profissionais têm uma condição adequada? Também não, e muitas vezes vejo os colegas que estão na pratica nessas instituições assistências para esse tipo de público, acho bem complicado pois falam do sentimento de frustração, justamente por não ter um comprometimento político forte, principalmente quanto menor um município, eu acho que essas questões políticas são bem presentes, e também porque o próprio profissional passa por essas precarização das condições e dos vínculos de trabalho, mas é um trabalho que mesmo tendo todas essas dificuldades é um trabalho extremamente importante para garantir essa questão da dignidade humana a essas pessoas que são usuárias e seus familiares (2022).

O sentimento de frustração mencionado, pode ser explicado pelas dificuldades de se pôr em pratica aquilo que existe no papel, leis, programas de assistência, políticas públicas que escritas parecem ter o poder de mudar totalmente o rumo que o local e as pessoas que vivem nele tomaram, o que na realidade é completamente diferente: leis que não são seguidas,

programas e políticas que não são capazes de alcançar todas as pessoas que necessitam delas, e também as dificuldades em abordar essas pessoas que precisam de uma assistência adequada, visto que muitos dos dependentes químicos se recusam a fazer algum tipo de tratamento e quando conseguem o tratamento em clínica para desintoxicação e reabilitação acabam por voltar para o mesmo lugar, por falta de uma estrutura familiar e social adequada, como foi visto anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu entender como ocorreu a constituição da chamada Cracolândia no centro da cidade de São Paulo, bem como as drogas tiveram sua inserção dentro desse espaço e fomentaram o crescimento da população em situação de rua que fazem parte desse lugar, além do mais a pesquisa também procurou entender e apresentar a importância da mídia diante do que acontece na Cracolândia para toda a população e principalmente os cidadãos no interior da Paraíba, mais especificadamente em Sousa, para assim compreender como os meios de informação são capazes de influenciar como pessoas que nunca estiveram em determinado local, tenho muitas vezes uma visão deturpada desse espaço, a Cracolândia é um problema de alta complexidade e que precisa ser estudado e analisado de uma forma mais aprofundada e detalhada.

A partir da análise de referências bibliográficas, bem como a leitura de livros específicos sobre o assunto, reportagens, filmes, documentários, minisséries e notícias de jornais foi possível compreender mais detalhadamente como se constituiu a Cracolândia e as pessoas que vivem nesse local, como tiveram suas vidas afetadas e destruídas pelo vício e como o Estado de São Paulo intervém sobre o espaço, assim como a importância das instituições que acolhem e dão assistência especializada para essa parcela da população, assistência essa que como foi possível analisar não é eficiente e muito menos comporta todos que necessitam dela.

Outro fator importante para a concretização do trabalho foram as entrevistas realizadas a população de Sousa na Paraíba, para evidenciar como a população enxerga essa região a partir do que é distribuído pela mídia, onde foi aplicado um questionário para a população em geral e feito entrevistas com as assistentes sociais para que fosse possível ter uma visão mais profissional sobre o assunto.

Com isso, a hipótese do trabalho de que a mídia tem grande papel e função de moldar o pensamento das pessoas sobre algo ou região se mostrou concreta em alguns casos, as respostas expostas quando analisado o perfil do entrevistado, de não ter um estudo ou pouco conhecimento sobre a Cracolândia e saber apenas o que é destilado por meios de entretenimento, demonstrou falar sobre a região com pouco saber e uma visão preconceituosa das pessoas que vivem em tal situação, já aquelas que tem um conhecimento mais aprofundado e as assistentes sociais entrevistadas refletem as questões do local com mais precisão e conseguem ter uma análise mais crítica a respeito dos problemas sociais que existem.

Sendo assim, a pesquisa foi capaz de adentrar de forma mais profunda nas diversas questões que a Cracolândia abrange, bem como a ampliação das drogas e processos de desigualdade social que fizeram o local se tornar o que ele é nos dias atuais, sendo uma problemática que o governo não consegue solucionar e que provoca dificuldades tanto para as pessoas que vivem em tal situação como a população nas imediações que são obrigadas a viver diante do medo e do perigo que a região provoca. A mídia por sua parte mostrou moldar o pensamento daqueles menos propensos a estudar e refletir sobre o tema, e disseminar notícias sensacionalistas, os meios de comunicação tem uma forte capacidade de informar a população sobre o que acontece na sociedade em geral, mas quando consumida de forma errada pode prejudicar a análise e o saber sobre determinados assuntos, como foi o caso com a Cracolândia.

E por fim a pesquisa tem um teor informativo e mais amplo sobre o tema que posse ser usado e utilizado em pesquisas futuras tanto para meios acadêmicos, como para fins de informações mais detalhadas sobre o espaço que foi pesquisado, o trabalho obviamente pode se tornar mais amplo e, pois, os problemas e tudo o que envolve a região e seus moradores é um assunto extenso e que não pode ser resumido ou colocado em uma pequena pesquisa.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- TORCATO, Carlos Eduardo Martins. **A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República.** São Paulo, 2016.
- NERY FILHO, Antonio; MACRAE, Edward; et al. **As drogas na contemporaneidade: Perspectivas clínicas e culturais.** Edufba. Salvador, 2012.
- CALVETE, Cássio da Silva; SOUZA, Taciana Santos. **História e formação do mercado das drogas.** Revista de Economia, v. 41, n 76, p. 401-429, 2020.
- NUNES, Laura M; JÓLLUSKIN, Gloria. **O Uso de Drogas: Breve Análise Histórica e Social.** 2017.
- TRAD, Sergio. **Controle do uso de drogas e prevenção no Brasil: revisitando sua trajetória para entender os desafios atuais.** In: NERY FILHO, A., et al. orgs. Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas. Salvador: EDUFBA; Salvador: CETAD, 2009, pp. 97-112.
- MACHADO, Ana Regina; MIRANDA, Paulo Sérgio Carneiro. **Fragments da história da atenção à saúde para usuários de álcool e outras drogas no Brasil: da Justiça à Saúde Pública.** História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 14, p. 801-821, 2007.
- SILVA, Phillipe Giovanni Rocha Martins. **TRÁFICO DE DROGAS NAS FRONTEIRAS: a insuficiência de investimentos em inteligência e seus reflexos objetivos na segurança pública no estado da Paraíba.** João Pessoa, 2014.
- ROCHA, Filipe de Carlos Araujo. **Legalização das Drogas: A Descriminalização e Regulamentação como Forma de Combate ao Crime Organizado.** Brasília, 2016.
- BOKANY, Vilma, et al. **Drogas no Brasil: entre a saúde e a justiça: proximidades e opiniões.** Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2015.
- FERNANDES, Luciana Costa. **Drogas: Proibicionismo, Redução de Danos, Anti-Proibicionismo e Horizontes.** V.4, n.2, p. 75-95, 2015.
- BRITES, Cristina Maria. **Política de Drogas no Brasil: usos e abusos.** Fundação Perseu Abramo, São Paulo, p. 119-142, 2015.
- SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **"Crack"; Brasil Escola.** Disponível em:<<https://brasilecola.uol.com.br/drogas/crack.htm>>. Acesso em 05 de outubro de 2022.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **"Narcotráfico"; Brasil Escola.** Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/narcotrafico.htm>>. Acesso em: 02 de novembro de 2022.
- VIDAL, Sergio. **Da Diamba à Maconha: Uso e Abusos da Cannabis Sativa e da sua Proibição no Brasil;** Koinonia, 2008.
- RUI, Taniele. **Fluxos de uma territorialidade: duas décadas de “cracolândia” (1995-2014);** organização de Lúcio Kowarick e Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2016 (1ª Edição). 225- 248p.
- FASSON, Karina; PUCCINELLI, Bruno. **Pensando o Crack na Cidade de São Paulo: Cracolândia, Intervenções Públicas, Saúde e Marginalização.** São Paulo, 2010.

FORATO, Fedel. **As 10 drogas mais antigas já descobertas (e usadas) pela humanidade.** Canaltech, 2021. Disponível em: < <https://canaltech.com.br/saude/10-drogas-mais-antigas-descobertas-e-usadas-pela-humanidade-193201/> >. Acesso em: 25/11/2020.

EFEITOS DO ÓPIO NO CORPO E SINTOMAS DE ABSTINÊNCIA. TuaSaúde, 2018. Disponível em: < <https://www.tuasaude.com/droga-opio> >. Acesso em: 25/11/2022.

LOPES, Marco Antônio. **Drogas: 5 mil anos de viagem.** Super Interessante, 2019. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/ciencia/drogas-5-mil-anos-de-viagem> >. Acesso em: 22/11/2022.

CANNABIS CONTRA OS SINTOMAS DA DOENÇA DE ALTA ALTITUDE. BlogCannabis, 2018. Disponível em: < <https://pt.cannabis-mag.com/cannabis-contre-maladie-altitude> >. Acesso em: 05/12/2022.

REIS, Tiago. **Mercado Negro:** Entenda o que é e como funciona. Suno, 2020. Disponível em: < <https://www.suno.com.br/artigos/mercado-negro> >. Acesso em: 07/12/2022.

AMARAL, Alice. **Cannabis Auxilia no Tratamento de Doenças Crônicas.** TribunaldeMinas, 2021. Disponível em: < <https://tribunademinas.com.br/colunas/alice-amaral/16-08-2021/cannabis-auxilia-no-tratamento-de-doencas-cronicas.html> >. Acesso em: 05/12/2022.

WELLE, Deutsche. **Em quais Países o Consumo de Maconha é Legalizado?.** Poder360, 2021. Disponível em: < <https://www.poder360.com.br/internacional/em-quais-paises-o-consumo-de-maconha-e-legalizado-dw> >. Acesso em: 05/12/2022.

CASTRO, Fernando. Rodrigo Gularte, **Executado na Indonésia, é Enterrado em Curitiba.** G1Globo, 2015. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/05/rodrigo-gularte-executado-na-indonesia-e-enterrado-em-curitiba.html> >. Acesso em: 05/12/2022.

O UNODC e a Resposta às Drogas. UNODC. Disponível em: < <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/drogas/index.html> >. Acesso em: 05/12/2022.

Defensoria Pública Denuncia Violência de Ação Policial na Cracolândia. UOLNotícias, 2022. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2022/05/19/defensoria-publica-denuncia-violencia-de-acao-policial.htm> >. Acesso em: 05/12/2022.

RUTHE, Aline. **Guerra às Drogas: Origem, Características e Consequências.** Politize, 2022. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/guerra-as-drogas> >. Acesso em: 05/12/2022.

BRUM, Matheus. **O que é a ‘Cracolândia’? Entenda como foi formada e a Origem do Nome.** Uol, 2022. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/13/o-que-e-a-cracolandia-entenda-como-foi-formada-e-a-origem-do-nome.htm> >. Acesso em: 05/12/2022.

BRASIL. **Lei nº 7.560, de 19 de dezembro de 1986.** Cria o Fundo de Prevenção, Recuperação e de Combate às Drogas de Abuso, dispõe sobre os bens apreendidos e adquiridos com produtos de tráfico ilícito de drogas ou atividades correlatas, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7560.htm>. Acesso em: 12/12/2022.

BRASIL. **Lei nº 9.761, de 11 de abril de 2019.** Aprova a Política sobre Drogas. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9761.htm>. Acesso em: 12/12/2022.

BRASIL. **Lei nº 891, de 25 de novembro de 1938.** Aprova a Lei de Fiscalização de Entorpecentes. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/dele0891.htm>. Acesso em: 13/12/2022.

BRASILIA. **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006.** Porte de drogas para uso pessoal. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/porte-de-drogas-para-uso-pessoal#:~:text=educativas%20ou%20tratamento,-.Segundo%20a%20lei%2011.343%2F2006%2C%20os%20atos%20de%20adquirir%2C,educativas%20ou%20de%20tratamento>>. Acesso em: 13/12/2022.

VIANA, Julia Basso. **Ônibus Contra Crack vira Destaque em feira de Segurança em SP.** G1Globo, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/04/onibus-contra-crack-vira-destaque-em-feira-de-seguranca-em-sp.html>>. Acesso em: 05/12/2022.

KAPKIN, Sara. **A Publicidade em Torno da Cocaína nos anos 1970.** Vice, 2017. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/8x59qp/publicidade-cocaina-anos-1970>>. Acesso em: 07/12/2022.

Após Operação, Cracolândia se fixa nos Arredores da Praça Princesa Isabel. Cultura UOL, 2022. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/48891_apos-operacao-cracolandia-se-fixa-nos-arredores-da-praca-princesa-isabel.html>. Acesso em: 07/12/2022.

ALVES, Ygor Diego Delgado; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes; PERES, Paulo Sergio. **Nascimento, vida e morte de uma política pública: uma etnografia do programa De Braços Abertos.** Cadernos de Saúde Pública, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ds5Zrm3RqvnPPQpxv9Tzhxn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05/12/2022.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política.** Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo, Boitempo Editorial, 2015.

ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?.** Belo Horizonte (MG), Letramento, 2018.

MOURA, Renan Gomes de; LOPES, Paloma de Lavor. **O Preconceito e a Discriminação de Transgênero no Processo de Recrutamento e Seleção de Pessoal: Uma Revisão Bibliográfica.** 2014.

SILVA, Ângela Carolina; et al. **A Invisibilidade acometida a Indivíduos Trans e Travestis na Sociedade brasileira: Diálogos com a Psicologia.**

MOREIRA, Carmen. **Cinco cenas de “Verdades Secretas” que dariam o Oscar a Grazi Massafera.** Purepeople, 2015. Disponível em: <https://www.purepeople.com.br/noticia/cinco-cenas-de-verdades-secretas-que-dariam-o-oscar-a-grazi-massafera_a78052/1>. Acesso em 05/12/2022.

RIBEIRO, Aline. **Ação policial na Cracolândia de SP espelhou problema pela cidade e prejudicou assistência a dependentes químicos.** O Globo, 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/noticia/2022/05/apos-quase-um-ano-operacao-caronte-expoe-divisao-sobre-repressao-na-cracolandia-em-sp.ghtml>>. Acesso em 07/12/2022.

SOTERO, Erick de Moura; LOTTA, Gabriela Spanghero; OLIVEIRA, Ebenézer M. M. **O Programda “De Braços Abertos” – Um olhar á luz dos arranjos Institucionais.** 2019.

Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/apgs/article/view/5591/html#:~:text=Resumo%3A%20O%20programa%20E2%80%9CDe%20Bra%C3%A7os,com%20interdisciplinaridade%20e%20integr%C3%A7%C3%A3o%20entre> >. Acesso em: 07/12/2022.

Número de pessoas estimado na Cracolândia sobe 47% em dois meses. Vermelho, 2021. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2021/04/12/numero-de-pessoas-estimado-na-cracolandia-sobe-47-em-dois-meses/>>. Acesso em: 02/02/2023.

Programa reduz em 80% número de usuários na Cracolândia. Terra, 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/programa-reduz-em-80-numero-de-usuarios-na-cracolandia.a73ea1a19c30b410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em: 02/02/2023.

SOBRINHO, Wanderley Preite. Após um ano de uso de câmeras em uniformes, mortes por policiais caem 80%. UOLNotícias, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/07/05/cameras-no-uniforme-da-pm-letalidade-policial-intervencao-lesao-corporal.htm>>. Acesso em: 02/02/2023.

Bruno Covas: Acabamos com o bolsa crack do PT. Band News TV, 2020. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/BandNews/videos/bruno-covas-acabamos-com-a-bolsa-crack-do-pt/1551274731721788/>>. Acesso em: 02/02/2023.

Cracolândia: Ricardo Nunes defende prisão de quem usa crack em via pública. Band News, 2022. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/cracolandia-ricardo-nunes-defende-prisao-de-quem-usa-crack-em-via-publica-16546596>>. Acesso em: 02/02/2023.

Programa “De Braços Abertos” completa um ano com diminuição do fluxo de usuários e da criminalidade na região. Prefeitura de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/programa-de-bracos-abertos-completa-um-ano-com>>. Acesso em: 02/02/2023.

VIEIRA, Bárbara. Cracolândia recebe projeto social e tem distribuição de roupas, comida e EPIs neste sábado em SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/11/cracolandia-recebe-projeto-e-tem-distribuicao-de-roupas-comida-e-epis-neste-sabado.ghtml>>. Acesso em: 08/12/2022.

Ninho social. Projeto Atalho, 2020. Disponível em: <https://www.projetoatalho.com.br/ninho-social>>. Acesso em: 08/12/2022.

Projeto Cracolândia. ONG Mãos que abençoam. Disponível em: <https://www.ongmaoqueabencao.org.br/nossos-projetos/>>. Acesso em: 08/12/2022.

Centro POP: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_especial/index.php?p=161192>. Acesso em: 10/12/2022.

Cracolândia – O retrato do caos, documentário dá voz aos usuários de crack. Domingo Espetacular, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dfsOl6BA9zI>>. Acesso em 10/12/2022.

Os bastidores da notícia e os desafios da reportagem: Diferentes olhares sob o comando de Caco Barcellos. Globoplay, 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10542520/>>. Acesso em: 10/12/2022.

ZYLBERKAN, Mariana. **SP: Alimentação está entre atrativos da Cracolândia, diz Janaina Paschoal**. Metrópoles, 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/sp-alimentacao-esta-entre-atrativos-da-cracolandia-diz-janaina-paschoal>>. Acesso em: 10/12/2022.

Estudo traça perfil de usuários e estima que Cracolândia movimenta, R\$ 10 milhões por mês. UNIAD, 2020. Disponível em: <<https://www.uniad.org.br/noticias/levantamentos-e-pesquisas/estudo-traca-perfil-de-usuarios-e-estima-que-cracolandia-movimenta-r10-milhoes-por-mes/>>. Acesso em: 12/12/2022.

Instituto Human, 2021. Disponível em: <<https://institutohuman.org/projetos/>>. Acesso em: 12/12/2022.

MELO, Rebeka. **Nos 70 anos da TV Brasileira, relembre a chegada da televisão na Paraíba**. Polêmica Paraíba, 2020. Disponível em: <<https://www.polemicaparaiba.com.br/paraiba/nos-70-anos-da-tv-brasileira-relembre-a-chegada-da-televisao-na-paraiba-veja-video/>>. Acesso em: 12/12/2022.

ESCOLA, Equipe Brasil, **“Internet no Brasil”**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/informatica/internet-no-brasil.htm>>. Acesso em: 20/12/2022.

História da Televisão. UFMG, 2022. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacoconhecimento/historia-da-televisao/#:~:text=A%20televis%C3%A3o%20brasileira%20chegou%20em,dos%20Estados%20Unidos%20duzentas%20televis%C3%B5es>>. Acesso em: 20/12/2022.

Rádio no Brasil comemora 100 anos junto com o Bicentenário da Independência. GOV, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2022/09/radio-no-brasil-comemora-100-anos-junto-com-o-bicentenario-da-independencia>>. Acesso em: 20/12/2022.

CORRÊIA, Fabricio da Mata. **O poder da mídia sobre as pessoas e sua interferência no mundo do direito**. Jusbrasil, 2013. Disponível em: <<https://fabriciocorrea.jusbrasil.com.br/artigos/121941433/o-poder-da-midia-sobre-as-pessoas-e-sua-interferencia-no-mundo-do-direito>>. Acesso em: 21/12/2022.

LOPES, Felisbela. **O poder do jornalismo**. JN, 2017. Disponível em: <<https://www.jn.pt/opiniao/felisbela-lobes/o-poder-do-jornalismo-8986922.html>>. Acesso em: 21/12/2022.

ANEXOS**FIGURA 15 - 1º PARTE DO QUESTIONÁRIO APLICADO**

Trabalho de Conclusão de Curso

QUESTIONÁRIO PARA OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL.
PEDRAS NO CAMINHO: A FALTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E A VISÃO DA POPULAÇÃO DE SOUSA-PB PELOS
OLHARES DA MÍDIA A CRACOLÂNDIA-SP

NOME *

Texto de resposta longa

IDADE *

Texto de resposta longa

PROFISSÃO *

Texto de resposta longa

Você já ouviu falar da cracolândia? Você sabe o que é? *

Texto de resposta longa

Como você ficou sabendo sobre este local? *

Texto de resposta longa

Lembra quando foi a primeira vez que você viu e/ou ouviu falar sobre a Cracolândia? *

FIGURA 16 - 2º PARTE DO QUESTIONARIO APLICADO

<p>Você sabe em qual cidade fica localizada a Cracolândia no Brasil? *</p> <p>Texto de resposta longa</p> <p>.....</p>
<p>O que você sabe a respeito deste local? *</p> <p>Texto de resposta longa</p> <p>.....</p>
<p>Há algum "caso" da Cracolândia que você viu/ouviu através da mídia que chamou sua atenção? Se sim, qual? *</p> <p>Texto de resposta longa</p> <p>.....</p>
<p>Você sabem quem são as pessoas que vivem na cracolândia? Justifique *</p> <p>Texto de resposta longa</p> <p>.....</p>
<p>Você acredita que existem apenas dependentes químicos vivendo nas ruas da Cracolândia? Justifique *</p> <p>Texto de resposta longa</p> <p>.....</p>
<p>Qual a sua opinião sobre as ações do Governo de São Paulo em relação a população em situação de rua na Cracolândia? *</p> <p>Texto de resposta longa</p> <p>.....</p>
<p>O que você acha da situação policial na Cracolândia? *</p>

FIGURA 17 - 3º PARTE DO QUESTIONARIO APLICADO

Você acredita haver alguma solução para a Cracolândia? *

Texto de resposta longa

Qual sua opinião acerca das Políticas Públicas para a população em situação de rua e de saúde mental para as pessoas que vivem na Cracolândia? (Assistente Social)

Texto de resposta longa

Qual a importância do trabalho do Assistente Social na Cracolândia ou em áreas dominadas pelo tráfico e uso de drogas no país, inclusive em Sousa-PB, na sua opinião? (Assistente Social)

Texto de resposta longa

FIGURA 18 - TERMO DE CONSENTIMENTO APLICADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Pedras no Caminho: A falta de Políticas Públicas e a visão da População de Sousa – PB pelos olhares da mídia a Cracolândia – SP” que tem como objetivo geral fazer uma análise de como surgiu a Cracolândia na cidade de São Paulo, os programas de assistência voltada para a mesma e por fim desenvolver como o local é visto pela população de Sousa - PB pelos olhares que a mídia repercute. Essa pesquisa é desenvolvida pela estudante Rayane Abrantes de Sousa, do Curso de Serviço Social, sob a orientação da ~~Prof. Dr. Helmara Giccelli~~ Formiga Wanderley Junqueira, caracterizando-se como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social. Quanto aos riscos, observamos que são mínimos, entretanto, reconhecendo a possibilidade de desconforto, constrangimento que podem ocorrer durante as entrevistas, o pesquisador se compromete a tratar com o devido respeito, tentando sempre para os limites do colaborador. Dessa forma, pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista sobre o tema acimaproposto que deverá ser gravada se o (a) Sr. (a) concordar participar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. As informações obtidas neste estudo serão utilizadas apenas para a pesquisa a que se propõe e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar, que sua participação é voluntária e o (a) Sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste estudo, sem qualquer prejuízo ou danos. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e revistas especializadas e ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos adicionais acerca da pesquisa e, ressaltando novamente, terão liberdade para não participarem quando acharem mais conveniente. Contatos e esclarecimentos da pesquisa com a ~~Prof. Orientadora Helmara Giccelli~~ Formiga Wanderley Junqueira: (83) 9.9123-7169/helmaragiccelli@hotmail.com e com a estudante pesquisadora: (83) 9.9334-0277/rayane66664@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, _____ tendo sido esclarecido(a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma. Sousa-PB, _____ de _____ de 2022.